SHOW BIZZ

5561/1 • ANO 12 / Nº 8 • AGOSTO/96 EDIÇÃO 133 • R$ 5.00

10 ANOS

THALMA

empregada
oa da novela
canta!

LEGIÃO URBANA
grava Marisa
Monte no novo CD

GUNS N' ROSES
Axl, órfão e
abandonado

SKANK
O BEM AMADO
"Quem não gosta de nós,
que se manifeste"

MONSTERS OF ROCK
Iron Maiden
de cara nova

Exclusivo
SEX PISTOLS
relembram
bairarias cariocas

DAVE GROHL,
dos Foo Fighters

"Sorry, não somos o Nirvana"

vai
na
dúvida
ou
fica
na
certeza
?

A ESCOLHA é SUA.

Free ultra Lights

é a sua liberdade

para escolher

fumar ainda menos

alcatrão e nicotina

sem abrir mão do sabor

e gostar

FREE ULTRA LIGHTS

OS MAIS BAIXOS TEORES DO BRASIL

6 mg de alcatrão, 0,6 mg de nicotina

**O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
EVITE FUMAR NA PRESENÇA DE CRIANÇAS.**

questão de bom senso.

Um Dragster dispara a 420 km/h.
Um Formula 1 atinge os 350 km/h.
A luz anda a 300.000 km/s.
Um guepardo corre a 110 km/h
e um São Bernardo
entediado chega a 2 km/h.
Um aviao caça pode
alcançar até 2.800 km/h.

RAINHA
SYSTEM

(E você?)

SAC - Atendimento Master ao Consumidor (011) 829-2349

Pauta

30 GUNS N' ROSES
Axl fica órfão e adia novo disco

38 CLIPA, BRASIL
Do *Fantástico* à MTV: como evoluiu a produção dos clips nacionais

42 IRON MAIDEN
O monstrão Dave Murray conta as surpresas da banda na nova turnê

46 PATO FU
Enchendo a cara de novos sons

48 MAXI PRIEST
O reggaeman busca no baú da soul music a fórmula do sucesso

52 MUNDO LIVRE
O grupo recifense com um pé na lama e outro na jaca

56 TEARS FOR FEARS
Uma banda perto do fim

SEMPRE EM SHOWBIZZ

10 CANAL BIZZ
O resultado do "Debate-cabeça"

14 BIZZES
Sepultura no Brasil; o novo Pearl Jam

62 MTV EM OFF
Al Dente: um programa saboroso

64 ONZE PERGUNTAS
João Barone, o coração dos Paralamas

68 PLAY
Patti Smith, *Missão Impossível*, etc

76 REPLAY
Fred "Raimundo" baba no Gonzagão

82 ENJOY IT
Toque as canções de seus ídolos e concorra a um *songbook* dos Stones

84 LETRAS
"Hand In My Pocket", de Alanis Morissette, e "These Days", de Bon Jovi

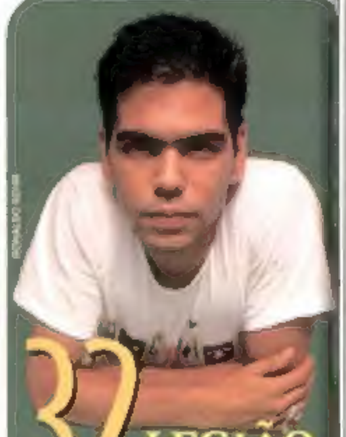
87 TESTE
AC/DC em perguntas de alta voltagem

88 +BIZZES
Phil Collins busca inspiração na Mãe África; a porra do Metallica

92 DISCOTECA BÁSICA
Hot Buttered Soul, de Isaac Hayes

24 SKANK
Campeões do pop nacional passam a sua história a limpo

34 SEX PISTOLS
Steve Jones e Paul Cook relembram as baixarias de sua temporada carioca



32 LEGIÃO URBANA
Dado conta que o grupo volta com disco dramático

58 THALMA
Todos os lados da deusa do charme

20 FOO FIGHTERS
Dave Grohl, ex-integrante do Nirvana, recusa o título de herdeiro do império grunge e promete um segundo álbum insano

CAPA: MARCOS ROSA (FOTO DAVE); CHARLES PETERSON (FOTO KURT)

MARCOS ROSA

ON Somos uma revista de sorte. Dave Grohl nos atendeu na maior boa vontade, sentado no chão de um camarim improvisado, para falar dos Foo Fighters e de sua feliz trajetória pós-Nirvana. O Skank ficou horas batendo bola num estúdio fotográfico para ilustrar nossas páginas e ainda deixou o time aqui da Redação ganhar numa peladinha de society. O genial Zero Quatro ciceroneou com todo o carinho e muitas Pitús a nossa repórter Claudia Grechi no habitat natural do Mundo Livre S/A, o mangue de Jaboatão (PE). Dado Villa-Lobos nos adiantou preciosas informações sobre o esperadíssimo novo disco da Legião. João Barone bateu uma simpática palinha com a gente e o pessoal do Pato Fu chegou a virar umas cachaças com nossos colaboradores Israel do Vale e Rui Mendes.

Sorte é o caramba. O pessoal aqui trabalhou foi muito. Este número está, como diziam os Novos Baianos, tinindo trincando. Muitas páginas, uma boa penca de matérias, gente porreta... Enfim, aquela palavrinha mágica que resume tudo: conteúdo. Parabéns para esta raladora Redação e aquele abraço pra você, leitor

Pedro Só

Parada da redação
Os sons que rolaram enquanto preparávamos esta SHOWBIZZ

Holy Barbarians – *Cream*
J.J. Cale – *Guitar Man*
Zé Renato – *Natural Do Rio de Janeiro*
Neil Young – *Zuma*
Porno For Pyros – *God's Good Urge*
Nelson Cavaquinho – *Grandes Nomes*
Gladiators – *Dreadlocks The Time is Now*

A Ranger tem **motor V6 – 4.0 litros com 162cv.** Ela leva você de 0 a 100 em apenas 11 segundos.

ABS nas 4 rodas. Por isso ela traz você de 100 a 0 com muito mais segurança.

Air bag para o motorista. Ou seja, você fica muito mais protegido em caso de acidente.

A partir de R$ 22.510,00 você compra uma pick-up importada que tem o seu pique.

FORD RANGER

Ranger.
A pick-up que tem
o seu pique.

Canal Bizz

Debate Cabeça

Na montanha de cartas discutindo uma suposta morte do heavy metal (a partir de declarações do Metallica e do Sepultura), brilhou o texto do leitor Aleksey Stivanin. Ficou clara a decepção dos bangers com o Metallica e uma certeza: o rock pesado nunca vai morrer no coração de milhões de fãs.

● O Metallica mudou. O heavy metal morreu? Não, o heavy metal não morreu, porque nenhuma música morre (ainda mais em plena era de reciclagem). O que morreu foi o rótulo heavy metal assim como todos os rótulos morreram ou estão com os dias contados. Não existe mais espaço (nem paciência) para divisões, subdivisões e classificações de acordo com tipo de música, roupa, ideologias (alguém aí lembra o que é isso?) ou fidelidade a (ARRRGHHH!!!) movimentos. Todos somos rock-heavy-dance-reggae-punk-jazz-MPB-funk e o que mais aparecer. E isso não é falta de identidade, é liberdade de escolha.
Acorda, gente!!! O mundo gira. O Sepultura gravou com o Carlinhos Brown e fizeram o melhor disco do ano. Os Raimundos foram à Xuxa!!! O baixinho que aprender primeiro o que significa "you put your but on me" tem um futuro bem mais promissor do que aquele que só cantou "Ilariê"!!!
Chegou o momento de enterrarmos de uma vez por todas rótulos, classificações, tribos e (ARRRGHH!!! !!) movimentos, e escutarmos algum som simplesmente porque agrada aos nossos ouvidos, cabeça, pés etc.
Aleksey Stivanin - São Paulo, SP

● O álbum *Load* está dez. O novo visual está mais sóbrio, adorei. O heavy metal não existe, o que existe é uma visão mútua do mundo e a vontade de dizer o que se está sentindo com muito barulho, xingando ou baixinho.
Renato dos S. Rocha - São João do Meriti, RJ

Os caras do Metallica devem ter se entrosado demais com o Bon Jovi ou o Chili Peppers...
Paulo Gutember Chaves – Morada Nova, CE

● Quando vejo os caras do Metallica (e de muitas outras bandas) dizendo que odeiam heavy metal, isso não me faz pensar que o estilo morreu. Eles escolheram o caminho mais fácil: fugir da raia. O tal "amadurecimento" é discutível e só mostra que o heavy metal não é mais "in". Ou alguém acha espontânea a atitude do Metallica?
Leo Nogueira Prestes - Porto Alegre, RS

● Heavy é música estimulante, ensurdecedora, diabólica, em que todos os demônios soltos no palco fazem a celebração com o público. Apesar das diversas fusões como funk, tecno e dos Extremes e Ugly Kid Joes da vida, o HM não morreu, vive nos poucos grupos bons e na mente dos fãs de rock.
Antonio B. Toniolo - São Carlos, SP

● O HM nasceu como válvula de escape para nossas inconformações. Sem ele, tudo se transformaria em impulso destrutivo. Ele não morreu, porque não se resume a um grupo de cabeludos bêbados fazendo riffs de guitarra para ilustrar a trilha sonora desse mundo doente. O que virá agora? Anal-metal? Baba comercial? Feijões Assassinos?
Hércules Pilares - Belo Horizonte, MG

● O pessoal do Metallica dizer que heavy metal é uma merda? Neguinho do Sepultura dizer que odeia heavy metal? Isso é cuspir no prato que comeu. Eu queria ver os Metallicas e Sepulturas da vida terem boas vendagens de discos se nós, que gostamos de heavy metal, parássemos de comprar seus discos.
Daniel de Amorim - Ibitinga, SP

FALE COM SHOWBIZZ É DE GRAÇA!!!

0800-139-138

De 10h às 12h e das 15h às 18h. Este é o seu canal na SHOWBIZZ. Sugestões, críticas, dúvidas... Faça contato!!!

Tia Alice

Me amarro no Alice Cooper.
E aí vai um desenho dele, ou que pareça com ele, para meus colegas leitores da nossa SHOWBIZZ.
Claudia Vieira - Embu, SP

50 GANHADORES DA PROMOÇÃO

"No escurinho do cinema" com Alanis Morissette

CAMPEÃO

Este ousado leitor de nome e preferências sexuais não-ortodoxos escreveu pouco, mas pegou o espírito da coisa. Eis a experiência mais picante que ele viveu no escurinho de um cinema:

Certa vez, baixou o espírito da Divine Brown em mim. Sobrou até pra bengala de um velhote que assistia *E O Vento Levou...*
Admir Calazans - Embu, SP

Admir Calazans - Embu, SP/Ana Camila Esteves - Salvador, BA/André Peroba - Rio de Janeiro, RJ/Braulio L. Rodrigues - Canaã, MG/Celso O. Menezes - Itanhaém, SP/Claudia Vega - Embu, SP/Cristiane Calixto - Araras, SP/Daniel C. Ramos - Rio de Janeiro, RJ /Daniel Amorim - Ibitinga, SP/Demetrio Cellim - Pirassununga, SP /Eduardo Vieira - Recife, PE/Erasio K. Firmino - Mossoró, RN/Ezio de S. Nunes - Porto Alegre, RS/Fabiana Takahashi/Joinville, SC Fábio L. Gomes - Três Corações, MG/Fabrício L. Valente - Paula Cândido, MG/Felipe O. Marques - Belo Horizonte, MG/Geórgia de Albuquerque - João Pessoa, PB/Gustavo Piranga - Caçador, SC/Ivania Regina - Encruzilhada, PE/Jean Claudio Faria - Belo Horizonte, MG /Joable S. Pena - Belo Horizonte, MG/Jones F. Cavalcante - Canguaretama, RN/José Carlos Campos - Linhares, ES/José Luis Pedroso - São Paulo, SP José Reis - São Paulo, SP/Leonardo A. Cavalcanti - Salvador, BA/Lincoln B. Silva - Salvador, BA/Luciano M. Sherer - Mal. Cândido Rondon, PR/Luiz Claudio de Brito - Rio de Janeiro, RJ/Marcello Oliveira - Campinas, SP/Marcelo Guerreiro - Medianeira, PR/Márcia V. Lopes - Brasília, DF/Marcos de Andrade - Itabaiana, SE /Maria Clara Mendes - Natal, RN/Mario de Assis Neto - Santa Maria, RS/Marisa Teresa Nunes - Porto Alegre, RS/Mauricio Rizzol - Salinho, SP/Mauricio Soane - Rio das Pedras, SP/Michell de Almeida - Ananindeua, PA/Paulo Sérgio Martins - São Paulo, SP /Perla Ribeiro - Osasco, SP/Peterson Brum - Gravataí, RS/Raul Franco - Belém, PA/Renato B. Pereira - Pindamonhangaba, SP/Roberto Duarte - Jales, SP/Sérgio R. Meneghelli - São Paulo, SP/Shirley F. Almeida - São Paulo, SP/Sidney de Araujo Jr. - Caçapava, SP/Valdir de Oliveira - Itaíba, SP

CAIA NA NOSSA REDE
SHOWBIZZ está ligadaça na Internet. Faça contato:
showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

MULHERES EM BAIXA
Desde que a BIZZ virou SHOWBIZZ eu vejo umas piranhas mostrando o rabo na seção *Vacas*. Porra, não sou viado, mas esse negócio é foda.
Nélson Jidovis - Recanto das Emas, DF

Estou muito satisfeita com vocês, mas tenho uma reclamação séria. Assinei a revista por puro interesse musical e não para ver mulheres praticamente nuas. Abro a SHOWBIZZ e tem uma fulana com pose de quem tá gozando! Não sou crente nem Testemunha de Jeová, mas DÁ UM TEMPO, NÉ!
Josiell Cordeiro - Curitiba, PR

A HORA DO RUSH
Seria possível publicar a discografia completa do grupo canadense Rush? Gostaria também que vocês me informassem se existe uma caixa com a coleção completa em CDs.
Cleber Lopes - Brusque, SC

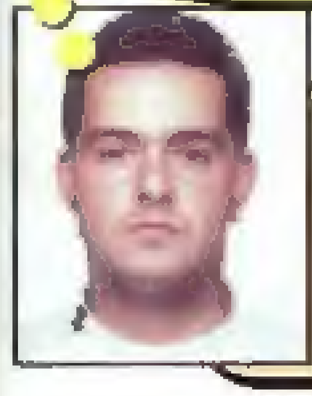
Discografia do Rush: Rush (74), Fly By Night (75), Caress Of Steel (75), 2112 (76), All The World's A Stage (76), A Farewell To Kings (77), Hemispheres (78), Permanent Waves (80), Moving Picture (81), Exit... Stage Left (81), Signals (82), Grace Under Pressure (84), Power Windows (85), Hold Your Fire (87), A Show Of Hands (89), Presto (89), Chronicles (90, coletânea), Roll The Bones (91), Counterparts (93). Infelizmente, ainda não saiu nenhuma caixa com a obra completa desse estimado power trio.

MANCADAS, MANCADAS...
Na edição 131, no teste sobre o Iron, vocês erraram, seus cabeças de bagua. Uma ova que o Paralamas é o grupo de onde veio o Nicko McBrain. A banda francesa é o Trust, letra b. Na questão 9, não sei o que aconteceu com o Bruce Dickinson, porque eu não curtia metal naquele tempo. Mas com certeza ele não bateu a cabeça na guitarra, porque ele não é guitarrista.
Peterson Ficagna - Primavera do Leste, MT

Por um erro chatinho, a letra da resposta sobre o grupo original de Nicko saiu trocada. Qualquer idiota sabe que o Paralamas não é francês. Mas pretensão e água benta, cada um põe onde quer. Bruce Dickinson realmente bateu com a cabeça na guitarra no Rock In Rio em 85: ele tocava o instrumento durante a música "Revelation".

PENSADOR DO MÊS

"Para todo Poison, há The Cure!!!"
Júlio Quaglio - São Paulo, SP



Escreva seu pensamento e mande junto com ele uma foto. A carta mais criativa ganha uma camiseta.

Fã-clubes

Difícil Fã-clube – Marina Lima
Caixa Postal 364
CEP 06001-970
Osasco, SP

Silverchair Fã-clube
Rua Demétrio Ribeiro, 150/201
CEP 87030-090
Maringá, PR

Janis Joplin Forever
Rua Cachambi, 463/101
CEP 20771-630
Rio de Janeiro, RJ

The Avenue (Alan Parsons)
65, Front Street West
Suite 0116 - Box 201
M5JLE6
Toronto, Canadá

CRÍTICA É CRÍTICA
Simplesmente ridícula a crítica do sr. Luís Antonio Giron sobre o novo disco de Paulo Ricardo. Eu, por exemplo, acho que este é o melhor trabalho dele depois da primeira fase do RPM. É um disco interessante, principalmente devido ao resgate de músicas importantes de minha época. Mas como crítica é crítica, vou perdoar o sr. Luís.
Marisa Zimmerman - Belém, PA

Graaande Marisa! Se todos fossem iguais a você... A Redação é mensalmente inundada por cartas que xingam a revista por causa de algumas resenhas publicadas. Vamos repetir: as opiniões emitidas nas críticas são assinadas e não refletem nenhuma posição oficial de SHOWBIZZ. Pelo contrário, algumas delas até são radicalmente diferentes de avaliações pessoais da galera que trabalha aqui.

Rei Lagarto

A capa com Jim Morrison já é a melhor do ano, assim como a supermatéria sobre os 25 anos de morte do cantor, para mim, um dos maiores de todos os tempos. Jim está morto, mas as portas continuam abertas para a obra e a memória do Rei Lagarto. Valeu!
Anderson Vitela - Barbacena, MG

Tenho uma teoria: Jim Morrison vive como um pacato fazendeiro no interior da França. Não é coincidência que ele tenha morrido no dia 3 de julho, dois anos depois do ex-*stone* Brian Jones (sabe-se que Jim ficou muito impressionado com sua morte). O radical da Revolução Francesa Jean Marat foi morto na banheira nesta mesma data. Para mim, Jim se inspirou neste episódio para forjar sua "morte".
José Eduardo Chevrand - Rio de Janeiro, RJ

Parabéns pelo Jim. Ele mereceu! Eu mereci! Eu choro, grito, vivo por ele, até transo com ele na coleção de sonhos que tenho toda noite. Eu era casada e meu marido não me agüentava com os vídeos DELE 24 horas por dia. Ele falou pra eu parar com tudo (aquela história - ou dá ou desce). Resultado: me separei há um ano.
Tatiana Lemos Holtz - Mafra, SC

EDITORA AZUL

Fundador Victor Civita (1907-1990)
Diretoria Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran

Editor-Chefe: Pedro Só
Diretor de Arte: Rodolfo Tucci
Editores: Robert Halfoun e Sérgio Martins
Editores-Assistentes de Arte: Chico Max e Marco Antonio R. B. Cançado
Repórteres: Claudia Grechi e Leticia Calmon
Correspondente: José Emílio Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Patricia Voltolin
Colaboram nesta edição: (Texto) Alexandre Bispo, André Gordirro, André Maleronka, Antônio Carlos Miguel, Arthur G. Couto Duarte, Charles Gavin, Christian Petermann, Claudio Luis de Souza, Emor Palano, Fabian Chacur, Fred "Raimundo", Hélio Gomes, Isabel Flores, Israel do Vale, Jaime Biaggio, Jamari França, Leonardo Rivera, Luís Antônio Giron, Marcos Smirkoff, Otávio Rodrigues, Paulo Cavalcanti, Paulo Reis, René Ferri, Ricardo Franca Cruz, Sidney Garambone
(Arte) Almir Rosa Claudio, Carlos Grillo, Omar Salomão
(Fotos) Ary Diesendruck, Jorge Rosenberg, Márcio Miguel, Marcos Rosa, Martin Gurfein, Miriam Fichtner, Pedro Martinho Rego, Rosane Bekierman, Rui Mendes
(Revisão) Marcia Villaça

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Regina Gianetti
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liége de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Ênio Vergeiro
Gerente de Grupo: Ana Lúcia Serra
Gerente de Operações: Milly Lacombe
Supervisores de Contas: Mario Lucca Marot, Miriam Holta e Ricardo Santos
Contatos de Agência: Ana Maria Lobo, Andrea Madrid, Marcelo Cataldi e Rosana Pires
Contato: Ana Lúcia Bertola
Coordenadores: Antônio Perissinoto, José Soares, Mônica Rosetti e Tieko Kuniyuki

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alessandra Palla
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Gatti Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zalla

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (ISSN 0104-1048, edição 133, agosto de 1996). **São Paulo – Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-000, tel. (011) 867-3000. Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 867-3300. **Rio de Janeiro:** Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503, CEP 20030-021, Castelo, tel. (021) 532-0313, fax: (021) 532-1583/1408, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação, você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril-Assinaturas, Rua do Curtume, 769 - Lapa - CEP 05065-900 - São Paulo - **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222. **Números atrasados:** as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade do estoque, ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidora Dinap de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco - SP - fax (011) 866.3018, fone (011) 868.3038 (Dinap) E-mail: dinap.nc@email.abril.com.br, pagando com os cartões: Visa Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem.

ANER IVC

Fotolito: Bureau Azul, Proposta Editorial, Promocional

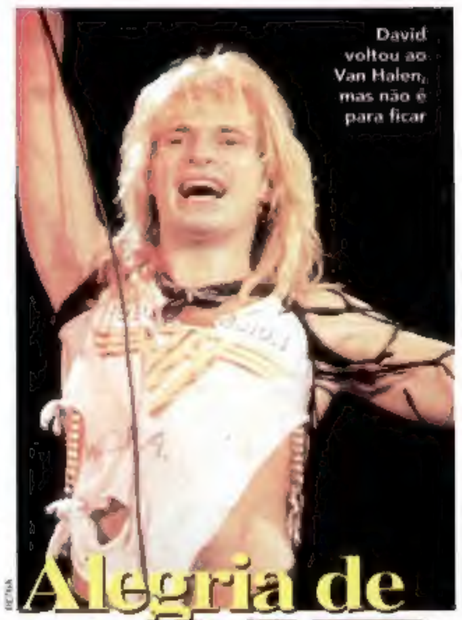
Esta é sua área. Discorde, concorde, elogie, desça o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Denuncie, mande desenhos, retratos de amigos, parentes ou inimigos, montagens, colagens, fotos exibidas. Solte a franga, manifeste-se de alguma forma. SHOWBIZZ • CAIXA POSTAL 66157, CEP 05389-970, SÃO PAULO – SP

PORRADA!!!

Sepultura faz show no Brasil, cai no jiu jítsu e humilha o Slayer

O Sepultura baixa por aqui em novembro e Max Cavalera está ansioso. "Cara, só pensamos nisso. Ando ouvindo Chico Science e Raimundos e quero que eles abram o nosso show", conta ele, de Nova York, momentos antes da apresentação com Ozzy Osborne. A turnê internacional do Sepultura vai muito bem. "Na Europa tocamos com todo mundo. De Sex Pistols a Alanis Morissette. Com a mistura de *Roots*, estamos alcançando uma galera interessada em todo tipo de música". O Sepultura está cada vez maior lá fora. Até o Slayer teve de abrir um show da banda – e, é claro, não gostou. "Eles ficaram morrendo de ciúmes e meteram a boca na gente. Mudaram o repertório do show, para soarem mais pesados, mas não adiantou. Nós é que detonamos a galera. Aí, eles engoliram toda a merda que falaram", golpeia Max. Ele, Igor e o baterista Paulo andam interessadões no Gracie Jiu Jitsu e o próximo clip da banda, "Attittude", conta com os irmãos Rickson e Royce Gracie. "A gente tem visto Ultimate Fighting direto, tem tudo a ver com o Sepultura". Enquanto a banda toca, os caras lutam. De mentirinha, claro. "Tinha um ator no meio. Se rolasse porrada, os Gracie matavam o cara", explica Max.

Max toca no Brasil em novembro e quer que os Raimundos abram o show



David voltou ao Van Halen, mas não é para ficar

Alegria de DAVID dura pouco

A volta de David Lee Roth ao Van Halen é temporária. O vocalista, que andava por baixo, dando show no circuito de Las Vegas, só participa do disco *Greatest Hits*, faz uma turnê e fim de papo. O álbum, com 16 faixas, sai em outubro e inclui, além dos sucessos do grupo, três músicas inéditas: duas cantadas por Lee Roth e uma por Sammy Hagar. A princípio, o gritão Sammy, que resolveu cuidar da família, não volta ao Van Halen, que oficialmente continua procurando um outro vocalista para lançar mais um novo álbum em 1997.

atinja o NIRVANA

From The Muddy Banks Of The Wishkah é o novo disco do Nirvana que sai dia 8 de outubro. *From The Muddy...* é uma compilação de músicas gravadas ao vivo, entre 89 e 94, escolhidas por Krist Novoselic e aprovadas por Dave Grohl. O nome Wishkah, do título, é um rio que atravessa a pequena cidade de Aberdeen, onde Kurt cresceu.

O anjo Kurt vai baixar com um disco novinho

"Batucada nfundo de ônibus é uma instituão do brasileiro"
Carlinhos Brown filosofando programa *Roda Viva*

ATÉ que ENFIM!!!

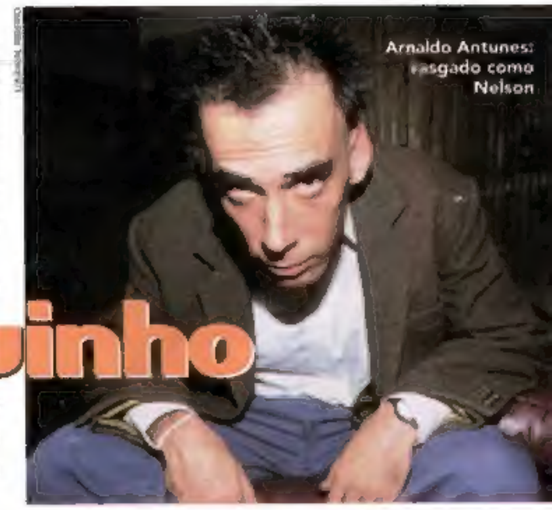
Demorou mas saiu. *No Code* é o nome do novo disco do Pearl Jam e vai estar nas lojas dia 27 de agosto (nos EUA). "Who You Are" é o primeiro single do álbum, que conta ainda com músicas como "Little Red Mosquito", "Brain Of JFK" e "Tommy Who". Em seguida ao lançamento do CD, a banda parte em turnê ao lado do Fastbacks, grupo de Seattle com mais de 17 anos de estrada.

Vedder volta alegrinho da silva

O ex-titã Arnaldo Antunes prepara seu terceiro disco solo em sintonia com as novas tendências do pop nacional. Apaixonado pelos álbuns *Alfagamabetizado*, de Carlinhos Brown e *Afrociberdelia*, de Chico Science, Arnaldo resolveu chamar os dois amigos para participar do disco. "Doce Do Mar" é a música que o ex-Titã e Brown compuseram juntos. "Eu fui cantar com a Timbalada e rolou a parceria", conta Arnaldo.

Ainda sem título, o álbum sai em setembro e traz ainda um arranjo de cordas do pai de Arnaldo para a música "Silêncio" e a regravação de "Juízo Final", do monstro sagrado do samba Nelson Cavaquinho. "Sou fã do Nelson porque ele canta de uma forma rasgada. Assim como eu".

arnaldo cavaquinho



Arnaldo Antunes: rasgado como Nelson

Phil Anselmo, do Pantera, quase morreu de overdose

IH, acho que MORRI!!!

Um dia depois da morte de Jonathan Melvoin, tecladista do Smashing Pumpkins, por overdose (o baterista Jimmy Chamberlain, que estava com ele na ocasião foi preso e expulso da banda), o berrador do Pantera Phil Anselmo também morreu. Mas foi atendido por paramédicos a tempo e voltou a viver. Logo após um show em Dallas, no Texas, Phil teve uma parada cardíaca por overdose de heroína. "Eu injetei a droga no meu braço e morri por quatro ou cinco minutos. Não havia luzes, música bonita... nada. Lembro que meus amigos jogaram água em mim". Apesar da overdose, Phil diz que não é um viciado e ainda dá lição de moral.

QUEM sou eu?

PROMOÇÃO

Prince agora é Tafkap

Prince não toma jeito. Lançando seu novo disco *Chaos And Disorder*, agora ele quer ser chamado de Tafkap, a reunião das iniciais da expressão The Artist Formely Known As Prince (o artista anteriormente conhecido como Prince), que é como a imprensa internacional o vem chamando desde que ele adotou aquele símbolo estranho. Agora, responda rápido: afinal, que nome ele deve adotar? As 50 respostas mais criativas levam o CD *Chaos And Disorder*.

SHOWBIZZ/RAPIDINHA: Caixa Postal 66157, CEP 05389-970, São Paulo, SP. Escreva seu nome, idade e se é assinante da revista.

"Não me lembro de nada. Estou com amnésia súbita, causada pela ingestão de uma sandália de cânhamo"

Rita Lee, escondendo que está escrevendo um livro, na *Folha de São Paulo*

A deusa na intimidade

Dora Vergueiro requebrou e levou Ivo Meirelles à loucura

SHOWBIZZ viu primeiro, mas quando setembro chegar vai ter Dora Vergueiro pra todo mundo. Até lá, só nos resta esperar. Ou levar bronca. "Surpresas! Surpresas! Vocês estão querendo saber de tudo antes da hora!" é o chega-pra-lá carinhoso de Dora, prontamente emendado com um sorriso. E o sorriso dela, meu amigo, imobiliza como um golpe de Rickson Gracie.

Dora não dá mole e só divide a intimidade do seu primeiro álbum com o produtor Mayrton Bahia. Mas com insistência, ela libera um pouquinho. "Não quero fazer um disco só de samba. Vai ter música brasileira em geral e qualidade acima de tudo. Bons músicos, bons arranjadores...", exige a cantora.

Wagner Tiso já deixou no estúdio seu arranjo para "Palhaço", de Nelson Cavaquinho, e o grupo Aquarela Carioca mexeu numa música de Adoniran Barbosa. Qual? A resposta é um sedutor "Espera..." Sim, sim, princesa, você manda.

E até Ivo Meirelles e o Funk'N'Lata, deixaram sua oferenda para a deusa. É "Esse Moreno", um delicioso samba/soul, na definição do mangueirense fashion, que confessa ter conhecido a loira depois que ela brilhou nas páginas da SHOWBIZZ, em outubro de 95.

Na roda de samba improvisada, Dora requebra, sorri e dá uma palhinha: "Meu nego, meu nego, uôôôu...". "Pô, parece que ela tá cantando pra mim!", sonha Ivo.

(Jaime Biaggio)

Including 'All' The Hits
Plus 2 New Studio Tracks

Ramones
Greatest hits live

VENDAS E DISTRIBUIÇÃO
BMG

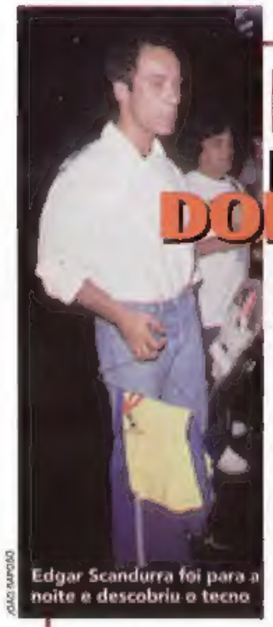
A VENDA EM CD
MCA

Jon Bon Jovi bate papo com Joe Elliott, na sua casa em Malibu

Tricô farofeiro

Jon Bon Jovi dá uma de repórter e entrevista Joe Elliott, do Def Leppard

Bon Jovi tem mesmo mil e uma utilidades. A última do cantor/ator/modelo foi dar uma de repórter, entrevistando Joe Elliott, vocalista do Def Leppard, para a revista *Kerrang!*. Sentado na varanda de sua casa em Malibu, debaixo de um solzão de verão, Jon caprichou no rebolado para amansar a língua soltinha de Elliott. **"Lars Ulrich de cabelo curto está parecendo um parasita", cospe Joe. " Humm... Mas o Metallica fez algumas mudanças brilhantes", disfarça Jon, aos risos.** As farpas sobram pro lado dos Chili Peppers. "Eu fico puto quando o Flea e o Anthony Kiedis falam do nosso jeito de cantar... Só porque fomos influenciados por Sweet, Slade e Gary Glitter... Duvido que eles cantem como nós. Não dá nem pra saída". Jon põe panos quentes: "Não é bem assim... Cada um fala o que quer, o Bon Jovi é o grupo que mais vende no rock e todo mundo fala mal. Não sei nem se um dia nós vamos entrar no Rock 'n' Roll Hall of Fame..." O choro vira riso quando Joe fala que vai tocar na América do Sul ainda em 96. "É bem divertido, você vai adorar", completa Jon.



Edgar Scandurra foi para a noite e descobriu o tecno

MÚSICA pra ficar DOIDÃO

É o que propõe o irado Edgar Scandurra. Através dos Djs Mau Mau e Renato Lopes, o guitarrista do Ira! descobriu o trip hop, o jungle e pirou. Agora vai lançar *Benzina*, seu segundo disco solo, totalmente influenciado pela música eletrônica. "Tem loops e repetições mântricas tipicamente tecno", conta. E o nome tem tudo a ver com a viagem. "Benzina é como chamam a gasolina em alguns países da Europa. Psicotropicamente, foi minha primeira viagem alucinógena". A música que vai virar clip é "Gera", feita em cima de um poema arnaldoantunesco. "Essa canção também é uma experiência alucinógena, só que através do som", delira Edgar. (Leonardo Rivera)

"Gosto do Chico César, mas acho que ele não se parece nada comigo"

Caetano Veloso pulando fora da comparação, no *Jornal do Brasil*

ROCK 'N' PLUMAS

Spacehog: plumas, paetês e rock virulento

O mundo dos irmãos Anthony e Royston Langdom, do Spacehog, é feito de plumas, paetês e declarações meio suspeitas. "Não sei se sou homem ou mulher. Ontem passei a noite com três meninas, mas posso namorar um garotinho se eu quiser", dispara Anthony Langdom falando com SHOWBIZZ ao telefone. Royston é mais discreto. "Se meu irmão apronta? Talvez, mas eu nunca vi nada e não sou gay", escapa, na suruba via Embratel. Mas a frescura não interfere em nada no rock virulento dos rapazes. "Temos alguns elementos de glam rock, mas somos bem mais pesados. Principalmente ao vivo".

NIKE

AMORTECE ATÉ RUA DE PARALELEPÍPEDO

air ceres

Não é a Janis

Joan Osborne, cantora do hit "One Of Us", agradece as comparações mas prefere levar uma vidinha mais calma

Você cantava por hobby. Quando percebeu que podia ser profissional?
Há seis anos. Eu era recepcionista durante o dia, não dormia quase nada e não ganhava muita grana. Às vezes, pagava atrasado meu aluguel!

E o primeiro CD? Quando surgiu?
O primeiro CD na verdade não foi o *Relish*. Foi um show gravado que saiu por um selo mínimo em 1991. Implorava para as pessoas comprarem.

Depois do sucesso, sua vida mudou?
Bem, o sucesso não é exatamente o que as pessoas pensam. Nunca trabalhei tanto.

E a sua vida pessoal?
Eu não tenho mais vida pessoal. Não vejo meu apartamento há um tempão e acho que ainda tenho namorado.

Você teve problemas com a Igreja por causa da letra de "One Of Us". Você é religiosa?
Não sigo nenhum tipo de religião, mas tenho a minha própria vida espiritual. Cada um acredita no que quiser.

A comparação com Janis Joplin te incomoda?
Não sei. Também sou influenciada por Otis Redding e Tina Turner, mas o estilo de vida que Janis levava não se parece nem um pouco com o meu.

(Isabel Flores)

Antes de estourar, Joan Osborne pagava atrasado o aluguel

Sucesso de Raspão

Não foi só a modelo Adriane Galisteu quem acertou na raspadinha. A banda carioca O Profeta também tirou a sorte grande ao passar a gilete na ex-namorada de Ayrton Senna. O clip da música "Eliane Galileu" (sátira a Adriane) estourou entre os mais pedidos da MTV mostrando uma louraça se depilando. "É uma crítica às aproveitadoras em geral", disfarça o vocalista Plínio Gomes. A gostosa do clip, no papel de Eliane, é a modelo Taryn. Ronaldo di Pádua, do grupo Os Copacabanas, faz uma participação especial e demente. Com o sucesso de "Eliane" – que faz parte da coletânea *Paredão*, da EMI – o Profeta engrena a gravação de seu primeiro CD. As próximas profecias? "A música 'Gás Mortífero' – sobre um peido – e outra sobre a novela PC".

(André Gordirro)

Plínio Profeta, Ronaldo e Taryn/Galileu. Qualquer semelhança é pura sacanagem

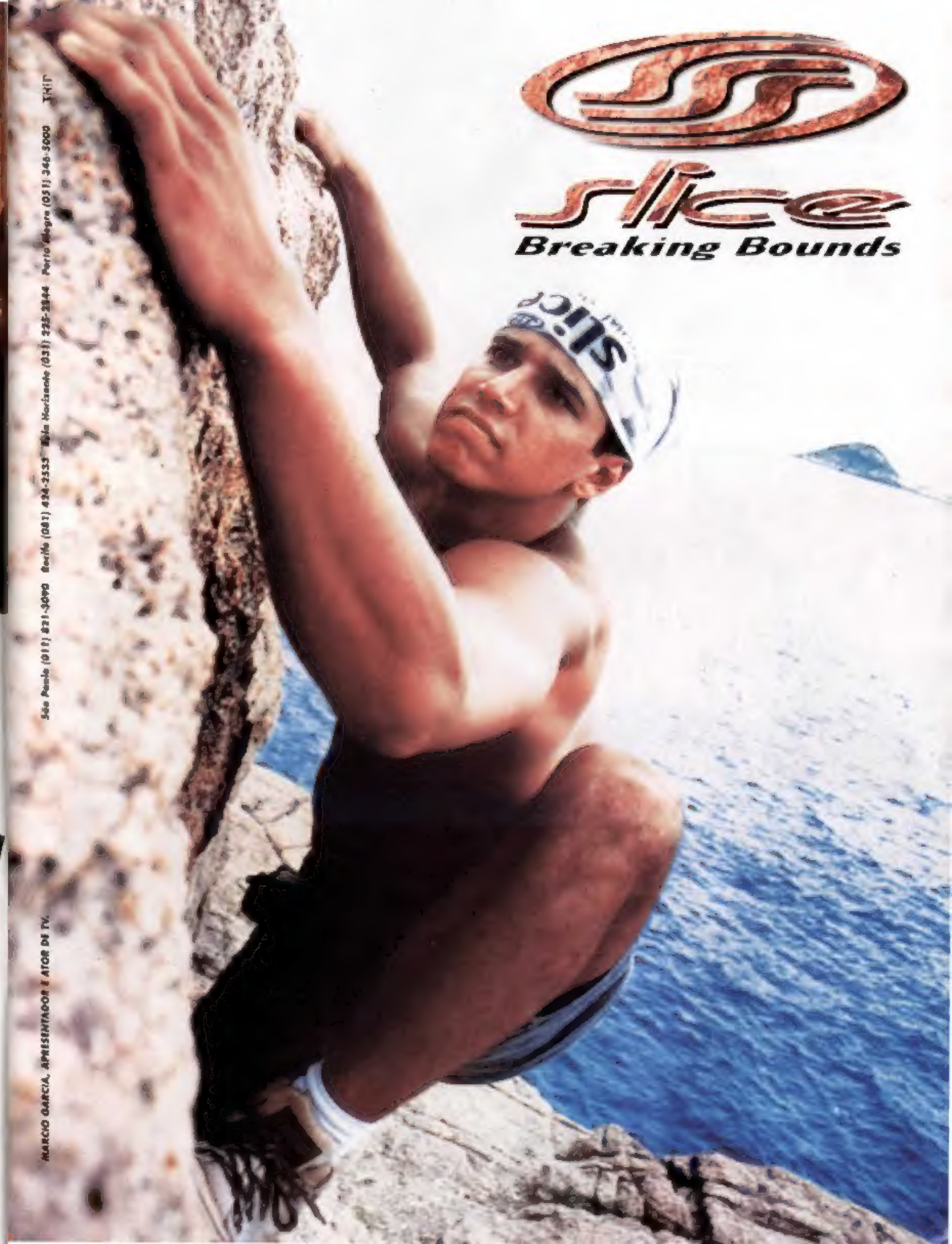
MIRIAN FICHTER

túnel do tempo

J. FERREIRA DA SILVA

IRINEU B. FILHO

Caetano, em 68, estraçalhava corações. Agora, com o charme maduro, continua atraindo mulheres a fim de estraçalhá-lo



REPÓRTER BIZZ

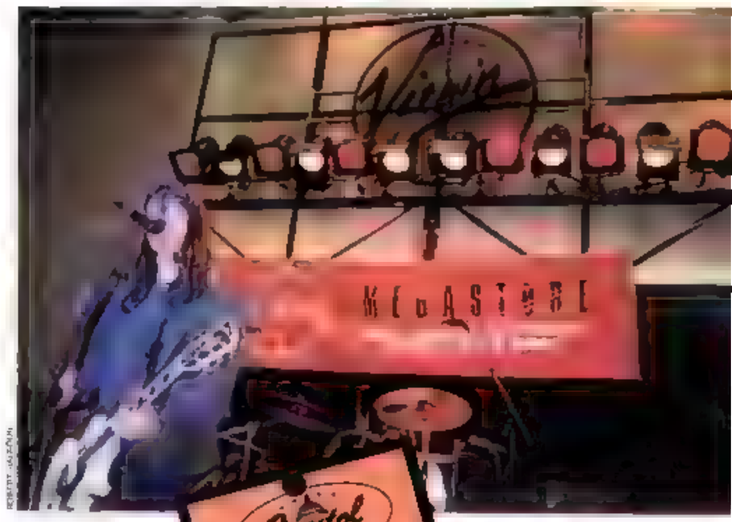
FOO FIGHTERS

por ROBERT HALFOUN & ISABEL FLORES, de Nova York

"Sorry, não somos o Nirvana"

Depois do sucesso do primeiro disco, Dave Grohl parte feliz e confiante para uma nova porrada dos Foo Fighters: o trauma da morte de Kurt virou passado

O que passou, passou. Os Foo Fighters de Dave Grohl encerram uma turnê demolidora e prometem um segundo disco "insano"



Dave Grohl fez o público agitar tanto que a Virgin Megastore de Nova York não saiu inteira do show, ao lado, a credencial autografada pelo líder dos Foo Fighters

A maior loja de discos do mundo treme na base. A Virgin Megastore, em pleno Times Square, em Nova York, balança como a arquiba do Maracanã lotado e parece que vai despencar. Motivo: os Foo Fighters estão no pequeno palco montado no subsolo fazendo um showzinho para convidados. Na maioria, adolescentes que passaram a noite na porta do lugar batalhando por um ingresso. Dave Grohl está adorando a confusão. "Pô, Nova York é definitivamente... Yeah!", vibra ele, como se fosse um dos moleques que ficaram do lado de fora tocando zona na rua.

Depois de os três andares da megastore sacolejarem por quase uma hora, surge uma ordem para encerrar o show. Dave resmunga: "Que isso, Tony!? Só mais uma, vai?" E sai metendo a mão na guitarra. A galera poga e a lateral de vidro de uma das escadas rolantes estoura com a agitação. Melhor parar mesmo. Enquanto uns brutamontes tocam os fãs pra fora da loja, surge a oportunidade para furar a segurança e penetrar no camarim improvisado na seção de livros da loja. "Dave, será que dá pra gente conversar uns minutos? É para o Brasil", arrisca o repórter. "Claro! Só »

um minuto que eu preciso colocar um agasalho. Vou congelar com esse ar-condicionado...", responde ele, ainda pingando de suor.

Sentado no chão, Dave explica logo porque preferiu não falar à imprensa brasileira na época do lançamento do primeiro disco. "Quando o disco saiu eu não estava falando com quase ninguém. Sofria quando pensava no Kurt e os jornalistas só falavam de futuro depois de 17 perguntas sobre o passado. Preferi ficar calado e esperar essa onda passar." Agora Dave conversa sobre Nirvana e Kurt Cobain abertamente e até ri de perguntas do tipo "Você acha que foi mesmo a Courtney que mandou

Nate, Pat, Dave e William: disco novo sai em fevereiro

Herdeiro uma ova. Dave acha que o Nirvana não foi tão grande assim e prefere elogiar Pixies e Mudhoney

matar Kurt?" "No começo, eu e o Krist (*Novoselic, ex-baixista do Nirvana*) costumávamos nos ligar e dizer, com um certa revolta: 'Putz, que história mais louca e distorcida!' Agora já acho até graça." As lágrimas pelo amigo secaram. [illegible]

Sem insistência, é ele mesmo quem continua falando de passado. "Essa época foi mesmo uma barra. Quando o Nirvana acabou, fiquei totalmente perdido. Depois percebi que a única forma de aliviar a dor era tocando." Aos 27 anos, Dave agora olha para frente e desata a falar do novo álbum dos Foo Fighters que deve sair em fevereiro. "Vai ser mais caótico, só que com mais produção. Coisa do Pat (*Smear, guitarrista, ex-integrante não-oficial do Nirvana e ex-The Germs, cultuadíssima banda punk*), que é o maior fã do Queen que eu conheço. Ele é obcecado pelo Freddie Mercury! E gosta de Gloria Estefan meu Deus!"

O grupo entra em estúdio em setembro e sai rapidinho. "Vamos gravar em menos de um mês. Eu ODEIO bandas de rock que demoram oito meses no estúdio. É ridículo. Estamos falando de rock, pô!", exalta-se. "Fiz o primeiro disco sozinho e sou infinitamente pior do que Nate (*Mandel, baixista dos Fighters*) [illegible] Mas você vai encontrar também alguma coisa do tipo 'Purple Rain'. Pode parecer bizarro, mas o importante é experimentar tudo, sem medo de soar estranho."

Estranha mesmo é a adoração de Dave por OVNIS e coisas do outro mundo. Vem dela o nome Foo Fighters (apelido dado a supostos discos voadores avistados nos céus alemães no fim da segunda guerra). "É impossível não imaginar que tem alguma coisa lá em cima. Eu nunca vi um alienígena, mas tenho certeza que eles existem. Pensar que somos a única espécie do universo é muito arrogante e solitário", professa. Já ouviu falar no E.T. de Varginha, Dave? "O quê?", rebate ele, esbugalhando os olhos.

Melhor mudar de assunto. O que é mais Dave Grohl: Nirvana ou Foo Fighters? "No Nirvana eu era apenas o baterista. Era bem mais fácil. Agora componho, canto, tenho de lidar com a imprensa... Dá muito trabalho! Estou surpreso com esse sucesso todo. Eu só pensava que seria divertido tocar guitarra e cantar em clubes. Fiz um disco sem nenhuma pretensão. Queria lançar pelo meu selinho, Roswell, e vender 20 mil cópias. Mas olha só no que deu...", sorri. Modéstia é com ele mesmo. "Não consigo analisar o Nirvana como um fenômeno. Não acho que a gente mereça tanto reconhecimento. Eu vejo a banda como três amigos que se juntaram para tocar [illegible] Não fomos nós que mudamos nada. Eu reconheço sim, o trabalho de quem veio antes da gente, como o Mudhoney, Pixies...", diz, abaixando a cabeça. "Não queria que terminasse daquele jeito horrível."

Mas valeu a pena, Dave? "Você tem alguma dúvida?", rebate. As comparações com o Nirvana ainda incomodam? "Para mim, a coisa mais natural é tocar pop veloz e barulhento. Sou da escola Husker Du! O pessoal precisa entender: sorry, Foo Fighters não é Nirvana. Foi ótimo enquanto durou, mas a vida continua..."

Balança mas não cai: crowd total durante o show; no camarim, até os seguranças aderem à tietagem

Brasil, o pior momento do Nirvana

[illegible]

O caminho do god

Como o Skank saiu da terceira divisão e sagrou-se campeão do pop Brasil

por ROBERT HALFOUN
fotos ARY DIESENDRUCK

Final do campeonato brasileiro de 91. São Paulo e Bragantino disputam a taça no Morumbi. Faz frio na noite de 6 de junho. Não muito longe do estádio onde o São Paulo levantaria o caneco, uma banda mineira de reggae com um nome esquisito faz sua estréia jogando fora de casa, no alçapão conhecido como Aeroanta, a quilômetros de Belo Horizonte, sua terra natal.

O mestre de cerimônias, o jornalista Otávio Rodrigues (que viria a ser editor-chefe da BIZZ anos mais tarde), faz um pequeno discurso e emenda com uma pronúncia pra lá de jamaicana: "Com vocês, o Squenk!!" Meia dúzia de palmas das seis pessoas que estavam no local e entrava em campo o Skank. "Cara, foi constrangedor. Estava muito vazio... Quem não tinha ido ao estádio ficou em casa debaixo dos cobertores", lembra Samuel Rosa, às gargalhadas. »

O Skank comemora a bola cheia seu terceiro disco *O Samba Poconé* sai com meio milhão de cópias vendidas antecipadamente

O primeiro show tinha apenas meia-dúzia de gatos pingados na torcida

Samuel Rosa, 30 anos cantor e guitarrista, incorporando Gerival Lacerda

Cinco anos depois, campeão de vendas do pop nacional (quase dois milhões de discos em três álbuns) e carreira sedimentada, fica fácil rir do passado. Principalmente quando Samuel conta que, antes de se chamar Skank, sua banda atendia pelo nome de Pozo Alto. "Puts, esse nome consegue ser pior do que Utopia. Era o nome da rua onde a banda ensaiava", lembra, tentando justificar o injustificável.

A história do Pozo Alto não é muito diferente do começo de toda banda. Amigos de faculdade que se juntam para tirar um sonzinho e acabam fazendo o circuito de bares da cidade. Samuel terminava o curso de Psicologia e Henrique, o de Economia. "Ia tudo muito bem até que o Dinho, o baterista, disse que ia passar um semana em Nova York e acabou ficando um ano por lá". Na verdade, as coisas não iam tão bem assim. Aquela altura do campeonato, com o mercado mineiro infestado de cabeludos metaleiros, era hora de mudar de tática. Saem Dinho e Alexandre. Entram o baterista Haroldo Ferreti e o baixista Lelo Zanetti, que, junto com Samuel, o tecladista Henrique e o empresário Fernando Furtado formam o Skank. "Já flertávamos com o dancehall e levávamos covers de clássicos do reggae para conseguir tocar nos barzinhos." Só que a galera não torcia a favor. "Ninguém curtia reggae em Beagá. Quem gostava estava na banda. Por isso é que estreamos em São Paulo... Eu tinha um bom contato com o Otávio lá", explica Samuel.

Os cinco garotos de bairro classe média – "peraí, o Henrique e o Fernando eram suburbanos", sacaneia Samuel – entram de sola e na raça conseguem uma temporada num boteco com capacidade para 80 pessoas chamado Jane's. "De Janes Joplin, sabe?", ri. E continua: "Não sei como deu certo. A princípio eu era contra, mas o Fernando me convenceu que ia ser legal". Do Jane's para o Max Saluna, que hoje é uma floricultura, festas de faculdades etc... E o Skank começa a ter sua agenda disputada pelos muitos bares de Belo Horizonte. Parte da grana dos shows vira álcool e o restante vai para uma poupança que se transforma em *Skank*, primeiro álbum do grupo, lançado em 92. "Não tínhamos outra saída. O país ia muito mal, as gravadoras não queriam nem ouvir a palavra contratação", conta Samuel. "Pensávamos em vender os três mil discos que prensamos em três anos. Foi tudo em seis meses e jornalistas do Rio e São Paulo começaram a procurar o Skank", lembra Haroldo. A gravadora Sony Music também abriu o olho. Deu 10 mil reais para relançar *Skank* no começo de 93 e contratou os mineirinhos. Aí foi correr pro abraço.

Calango, o segundo disco, saiu em 94, vendeu mais de 1 milhão de cópias e *O Samba Poconé*, recém-lançado, chegou às lojas já com 500 mil discos vendidos, dando uma enfiada no mercado pop e agitando a galera com o hit "Garota Nacional".

Parodiando o locutor Silvio Luís: É mais um gol dos mineiros, meu povo. Uh tererê!

Que história é essa de "quem não sonhou em ser jogador de futebol?", da letra de "Uma Partida De Futebol"?

Samuel: Não é, não? Todo mundo que está na arquibancada queria estar ali no gramado, da mesma forma que todo mundo que está na platéia queria estar no palco participando. Aqui no Skank eu e o Lelo tentamos a carreira no futebol de salão, mas fomos reprovados. Tomamos pau lá no Cruzeiro. Culpa do Maçã, o técnico das divisões inferiores. Ele chama Maçã porque cora quando fica puto. E como ele vive puto...

Vocês são uma banda pop com preocupações sociais. Fazem musica sobre os sem-terra...

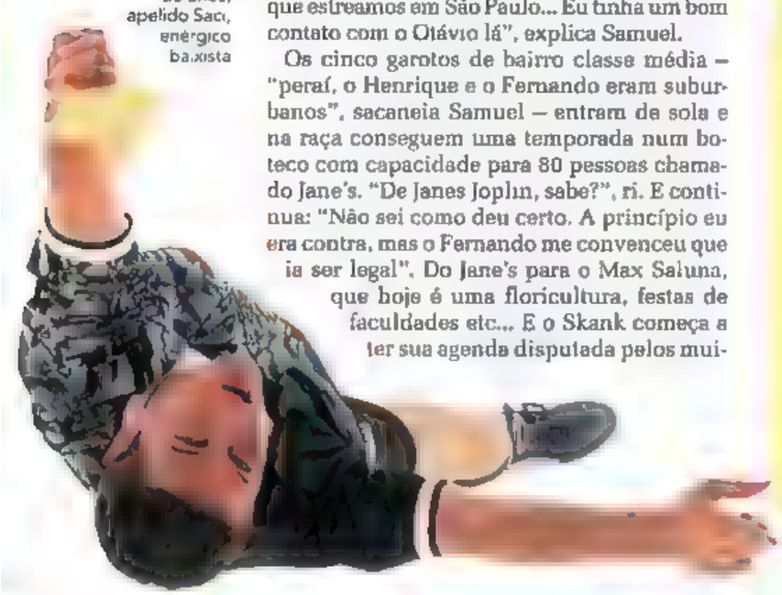
Samuel: Não é nada forçado. Falamos do nosso universo e as críticas fazem parte dele. Mas temos cuidado. Tem coisas que eu acho que não são para a minha boca cantar...

Que coisas?

Samuel: No início da carreira, a gente foi muito cobrado por tocar reggae e não ter aquelas letras sobre Jah e tal. Pô, não podemos entrar por um tema que não tem nada a ver conosco. Que graça agora a gente falar que quer voltar pra África. Qu'é isso?

Vocês sempre foram muito bem tratados pela crítica, não?

Samuel: Eu tenho tudo que sai sobre a banda e lembro só que o Giron (*Luis Antonio Giron*) chamou a gente de babacão e que um cara da Trip (*Zé Lúcio Cardim, atual editor-chefe da* Fluir) falou que nós nunca tocaríamos na Jamaica. O resto é aplauso. Mas se existir outra parte da crítica que não gosta do Skank, gostaria que ela se manifestasse. Quero saber, para ver se as críticas procedem e poder corrigir os erros, evoluir. »



Lelo Zanetti, 28 anos, apelido Saci, enérgico baixista

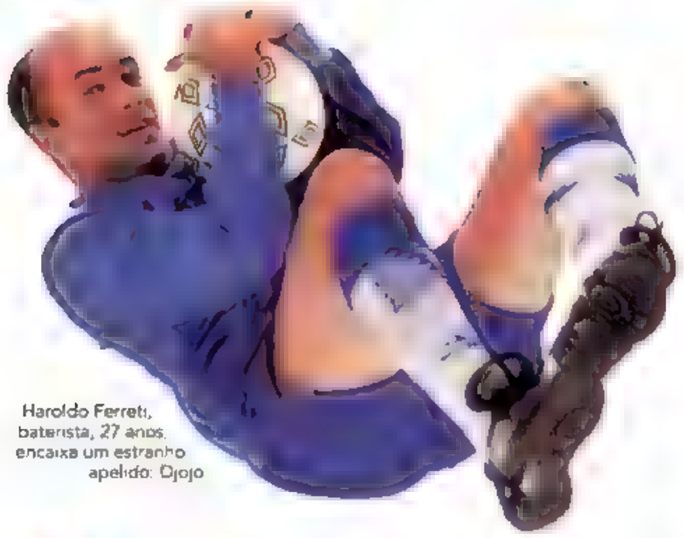
Skank em NY: que graça!

De cueca em Nova York

"Viemos mixar em Nova York porque os discos produzidos aqui são melhores do que os feitos no Brasil. A gente quer alcançar uma sonoridade mais legal, com padrão internacional. Depois do *Calango*, deixamos um dinheirinho em caixa e temos total liberdade para experimentar o que for conveniente", conta Samuel, debaixo de uma chuva fina, enquanto se perde na confusão do Times Square. Haroldo interfere: "É bom também pra vir com a mala vazia e comprar uns negocinhos." Entenda-se por negocinhos: CDs e cuecas. É, meu amigo, cu-e-cas! "Ele agora tá cheio de frescura. Só usa sambacanção cheia de detalhezinhos", sacaneia Leto. "A última que ele comprou tem uma estampa do Pernalonga", entrega Henrique.

Este é o primeiro dos dezessete dias que o Skank fica em Nova York para mixar *O Samba Poconé* ao lado do produtor Dudu Marote e do americano Mike Fossenkemper que, horas antes, no estúdio, tinha aulas de português chulo com o repórter e o produtor. "Diz aí como se fala *mother fucker*, vai?", pede Mike. "Ele é meio mal educado, mas é um gênio da mixagem. Tem um ouvido que eu nunca vi igual", vibra Dudu, enquanto monta os seus computadores. "Ele não pára de me sacanear, só me chama de 'Dudu'". Tem explicação: *doo doo*, em inglês, significa cocô de criança. "Pô, tenho que ficar corrigindo a pronúnca dos americanos o tempo todo!", desabafa, o simpático Dudu.

De volta ao Times Square, o perdido Samuel está agitado: "Onde eu pego o metrô para o Queens (bairro mais modesto da cidade, do outro lado da baía de Manhatan). "Queens?", pergunta o repórter. "É, eu tenho uma tia que mora lá, quero ir fazer uma visitinha. Tô com saudades." "Mas a galera está indo comprar uns CDs...", insiste o repórter. "Tudo bem, tudo bem... Nos vemos mais tarde", diz, já desaparecendo no buraco do trem. Sábio Samuel... Horas mais tarde, levantando a camisa e estufando a pança, ele revela o porquê de tanta "saudade". "Olha só, olha só...", diz batendo na barriga avantajada. "Jantei arroz, carne moída com quiabo e uma polentinha. Vocês vão comer o quê? Hambúrguer?", tripudia o mineirinho.



Haroldo Ferreti, baterista, 27 anos, encaixa um estranho apelido: Ojojo

"Não somos amigos dos Paralamas, mas admiramos muito os caras"

Você é um cara que não gosta de perder, né?

Samuel: É, sou muito exigente comigo... e não gosto de perder, não. Assumo. Me esforço pra ganhar. É uma coisa importante pra mim.

O Skank ficou rico?

Samuel: Não dá pra comparar com o que o Romário e o Edmundo ganham.

Henrique: Sim e não. Estamos investindo muito na estrutura do Skank, ampliando o escritório pra podermos administrar outras bandas. O próximo passo é montar um bom estúdio em Belo Horizonte e, no futuro, quem sabe, fazer um selo

Samuel: Mas tem que ir com calma. A gente ainda não sabe direito como lidar com o dinheiro. Não esperávamos nunca ter esse capilézinho.

Mas já tem gente dizendo que o Skank virou moda. E aí?

Samuel: Teve um momento em que realmente tivemos medo do Skank ser uma coisa efêmera, passageira... Então resolvemos dar um tempo, recusamos até um convite para participar do Hollywood Rock. Talvez tenhamos exagerado... Hoje vemos que o Skank está sedimentado no mercado

Vocês recusaram também uma proposta para um comercial de televisão, não?

Samuel: Duas propostas. Mas isso não foi por medo de superexposição. Estamos fora desse negócio de relacionar a nossa imagem com outros produtos. Não faz parte da nossa filosofia.

Filosofia?

Samuel: Dizem que a gente faz música fácil, comercial... Olha, não é bem assim, não! Dá trabalho fazer sucesso.

E as reações negativas diante do sucesso?

Samuel: São frustrantes, né? Teve uma vez que nós estávamos saindo de um avião, em Belo Horizonte, e veio um cabeludo falar comigo: "Você é do Skank?" Respondi que sim, crente que ele ia pedir autógrafo. E o cara: "É, não gosto, não!" Pô, fiquei arrasado.

O que vocês acham de bandas fabricadas para parecer Skank?

Samuel: O Sr. Banana ganhou até Rock & Gol, da MTV, pra ficar mais parecido com o Skank (*risos*). Sério, o que levou o Skank a fazer sucesso não é copiado. Pegar uma banda acreditando no que faz, com um show legal... Querem é que o cantor fique de sobrancelha grossa e mandam o baterista raspar a cabeça... Pô, não é por aí!

Mulheres, cheguei!

"É chato a gente ser gostoso", costumava dizer Zé Trindade, musa inspiradora do Skank (que batizou com seu nome uma música do novo disco), referindo-se ao assédio feminino que encarava na época de ouro do cinema nacional. Louras, morenas, ruivas, Zé traçava todas. "O negócio é mulher", dizia. Mas tinha lá suas preferências. "Gosto mesmo é de mulher avantajada", esclarecia. Baiano, Milton da Silva Bittencourt nasceu em 1915 e foi uma das grandes estrelas das chanchadas das décadas de 40 e 50. Ficou famoso pelos seus personagens sacaninhas em filmes como *Mulheres, Cheguei!, Garotas E Samba* e *Espírito De Porco*. Zé era mestre em criar expressões impagáveis como "Meu pudim, como vai?", "Comigo é no jiló" e "Nunca vi um tutu com tanta linguiça". Samuel aproxima: "O Zé Trindade é muito parecido com o Skank. Ele era o canalha ingênuo, sabe? Um símbolo de brasilidade que nós queremos representar".

Zé Trindade no filme *Mulheres, Cheguei!*

E vocês, tiveram modelos?

Samuel: É claro. Tanto na música como na forma de conduzir a nossa carreira, nós também copiamos algumas pessoas. O dancehall foi um modelo, a música do Benjor foi uma referência... Não vejo problema nenhum saber que as bandas têm os seus modelos.

E a comparação do Skank com os Paralamas?

Samuel: Não existe banda no Brasil que no começo da carreira não tenha sido comparado aos Paralamas. Os Engenheiros porque eram trio, o Legião porque vinha de Brasília e o Skank porque tocava reggae. Eles realmente são uma referência, mas hoje as pessoas já sabem diferenciar.. Sabem que fazer reggae no Brasil, não é exclusividade de uma banda ou de outra

Haroldo: Você vê que hoje os grupos são comparados com o Skank e não mais com os Paralamas. É legal que dá pra perceber que já está rolando uma terceira geração aí.

E como é a relação com o Paralamas? Tem gente querendo forjar uma briga entre vocês...

Samuel: Isso é um absurdo. Nós realmente não temos um relacionamento intenso a ponto de eu poder dizer que somos amigos. A relação é amistosa, respeitamos e admiramos muito os caras e tenho certeza que eles nos respeitam também

O rock dos anos 90 é melhor que o rock dos anos 80?

Samuel: É como comparar Pelé e Maradona. E não vale usar números de venda na disputa. Hoje o mercado é muito maior. O milhão que o Skank vendeu ano passado deve corresponder mais ou menos a uns 300 mil discos em 86. Em compensação, nos 80, o rock estava na moda, era mais fácil ser executado no rádio. Naquela época, bandas ótimas como o Maskavo Roots, tocariam fácil, fácil! De qualquer forma, temos de reconhecer que as bandas dos 80, abriram esse mercado para nós

O que mudou de 95 para 96? Planos?

Haroldo: Estamos querendo adotar a dança da garrafa nos shows

Samuel: É, vamos adotar uma nova estética gafieira, charangas e paneletas. Que tal?

Falando sério...

Samuel: Queremos dar continuidade às coisas que deram certo na turnê de 95. Vamos passar também a gravar todas as nossas passagens de som. Além de já estarmos pensando em lançar um disco ao vivo, é nas passagens de som que surgem as melhores idéias para músicas novas.

O que quatro caras comprometidos como vocês fazem diante do assédio das fãs?

Samuel: Nosso segurança foi contratado por nossas patroas e, definitivamente, mulheres bonitas não entram no camarim. Mas as fetas entram! E sempre tem também aquele maleta chorado que adorou o show e quer que a banda vá tocar na festa da amiga dele num sítio...

Henrique Portugal, conhecido entre os skankinhos como Hyper (ráiper), 31 anos, teclad sta, formado em Economia

onde está Axl?

Tentando superar a morte da mãe, ele só deve aprontar o novo CD do Guns no ano que vem

Axl Rose, onde estás que não respondes? Depois do último disco *The Spaghetti Incident?*, lançado em novembro de 1993, e da última turnê em agosto do mesmo ano, o Guns N'Roses tomou um chá de sumiço. Doril na veia e pluft – sumiu. Duff McKagan só quer saber de seu grupo novo, Neurotic Boy Outsiders. Slash está descansando e Gilby processa os ex-colegas.

Já houve fofocas sobre Dave Navarro (ex-Jane's Addiction e atual Red Hot Chili Peppers) ou Zakk Wilde estarem prestes a assumir a guitarra do Guns. Fontes da gravadora Geffen agora dizem que o próprio Axl está a fim de tocar guitarra no próximo disco – guitarra-base, é claro. Para Axl Rose (ou Oral Sex, se você trocar a ordem das letras), o momento é de depressão, reclusão e angústia. **De cabelos curtos, o vocalista está se recuperando de uma péssima notícia: sua mãe morreu recentemente.** E apesar de sempre se referir à sua cidade, Lafayette, em Indiana, como purgatório, e à sua infância, como um campo de concentração, o astro está choroso. Mãe é mãe. A guitarra, instrumento a que vem se dedicando, é a atual terapia de Axl.

E o disco, no meio dessa confusão? A expectativa dos rosemaníacos e da gravadora é que até o fim do ano um novo álbum seja lançado, mas, pelo andar da carruagem, é provável que ele só pinte lá para março ou abril. Quem defende essa tese é o americano William Gray, fã do Guns e dono de uma das home pages mais visitadas na Internet (até mês passado 140 mil internautas já haviam fuxicado suas informações sobre a banda), diz que Axl Rose já está meio caducado. "Não acredito que ele consiga sair desse marasmo e lançar um álbum até dezembro", diz o expert.

De qualquer maneira, Slash e o resto da banda têm se reunido de vez em quando. **O fã-clube revela que Axl Rose está hibernando em sua mansão em Malibu, na Califórnia. Lá, o próprio vocalista já se mostrou insatisfeito com seu impasse criativo e a inatividade.** Chegou a mandar uma carta aos seus membros se desculpando e prometendo se empenhar mais para que novos períodos em branco não aconteçam novamente. "Obrigado pelo apoio e paciência de vocês", escreveu, com o próprio punho.

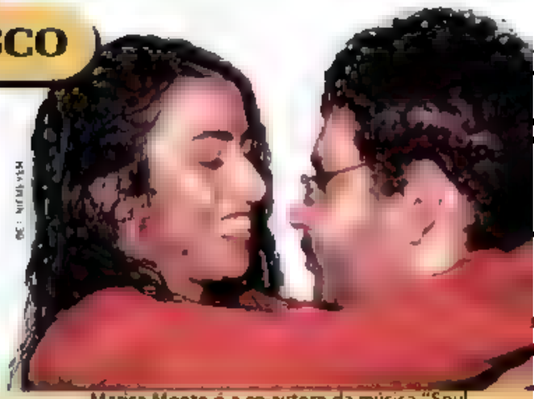
O que não faltam agora são boatos. Uns dão conta de que a banda acabou e ainda não teve coragem de informar isso ao mundo, temendo uma onda de suicídio coletivo. **Outros dizem que Axl passou o cartãozinho no Banco 24 horas, viu o saldo de sua poupança, refletiu e resolveu curtir a vida, mandando essa história de música para o espaço.**

Passeando pela Internet e perguntando aos fãs sobre o paradeiro do GNR, lê-se de tudo. Tem até briga. Na conferência do grupo (alt.rock-n-roll.metal.gnr), os especialistas ralharam com os que diziam que o grupo estava ensaiando em LA e que o novo disco sairia em dezembro. Segundo os superfãs, é impossível prever essas coisas. O que eles garantem é que o Guns não acabou de jeito nenhum e que as notícias sobre Axl Rose e Saul Hudson, o Slash, estarem brigados são totalmente infundadas. Pelo menos uma boa notícia.

A volta, enfim

Dado Villa-Lobos entrega todos os detalhes do novo Legião e diz que o disco tem até Marisa Monte

por ISRAEL DO VALE



Marisa Monte é a co-autora da música "Soul Parsifal", incluída no repertório do novo Legião

O tom de voz manso habitual de Dado Villa-Lobos parece ainda mais tranquilo, com uma cadência típica de quem está em férias. Merecidamente. Depois de seis meses em estúdio, entre janeiro e junho, gravando o novo disco da Legião Urbana, e de vários trabalhos paralelos como produtor e poderoso-chefão do selo Rock It!, Dado relaxa pouco antes de embarcar para Nova York e finalizar o oitavo disco da banda – quase três anos depois do CD anterior. *O Descobrimento Do Brasil*. Sereno, ele explica os difíceis caminhos da criação do novo trabalho. "Gravar um disco sempre foi uma coisa dramática na história da Legião. Dessa vez, além de tudo, não havia nenhuma letra pronta antes. Todas foram feitas no estúdio."

A tradição de músicas compostas no atacado e por metro, longuíssimas, permanece. "O *Dois* (*de 1986*) já era uma extravagância, cada lado do LP tinha 26 minutos", lembra. Agora, se deixassem, a banda iria ainda mais longe. Como em *Dois*, o novo disco também seria um álbum duplo. Como em *Dois*, seria. "A gente tinha material para um duplo na mão, pronto. Na verdade, só faltava colocar as guitarras em algumas faixas e todas as 27 músicas poderiam ser lançadas. Mas acharam que não existe mercado pra disco duplo no Brasil. "

Montar o repertório não foi fácil. "Tínhamos 85 minutos de música e o CD só comporta 74, mas por segurança é mais conveniente que não passe de 70", conta o guitarrista. "Tivemos de cortar algumas coisas, entre elas uma música chamada 'Clarisse' que tinha 10 minutos." Feita a devastação das faixas, 15 sobreviveram.

O disco terá algum conceito que o resumisse? "O conceito mudou durante a gravação, o Renato foi mudando. Estava ficando meio pesado – um pouco pelos arranjos, mas principalmente pelas letras, que estão muito mais explícitas. Mas no final é lado acústico, com violão, viola e uma percussãozinha, até que aparece bastante."

O Livro Dos Dias ou *A Tempestade*. Eram essas as opções de nome que a Legião discutia para o novo disco, às vésperas da ida a Nova York. Marisa Monte aparece nos créditos do CD como co-autora da parte musical de "Soul Parsifal". A letra, como todas as outras do disco, é de Renato Russo.

O Livro Dos Dias é o nome de uma faixa, a que encerra o CD. E *A Tempestade*? "Tem a ver com o tom do disco, que fala muito do dia-a-dia dos jovens, de desilusões amorosas", conta o guitarrista Dado Villa-Lobos, que pela primeira vez produziu um álbum para a banda. "Chegamos a pensar em convidar o Brian Eno para ser o produtor. No final, mesmo por uma certa falta de opção, eu acabei produzindo. Foi a melhor coisa que podia ser feita."

Segundo Dado, o disco é mais pop que o habitual para o padrão Legião. Mais uma vez, as impressões – digitais, sentimentais, filosóficas – de Renato Russo predominam. "O Renato escreve as letras e canta as músicas, não tem como fugir da visão dele. Acho que acabo absorvendo uma certa esquizofrenia", confessa, titubeante. "Essa fase que o Renato está vivendo não é fácil", completa. "O disco é só um retrato do que foram esses anos e do que a gente vive hoje, de como toda a banda se sente nesse momento."

Punk Memória

Sex in Rio

Os escatológicos patronos do punk lembram sua histórica passagem pelo Brasil em 1978

por José Emilio Rondeau

ILUSTRAÇÃO DIOGO MAX

Ronald Biggs de sunguinha zebrada, Steve Jones de sunguinha azul e Paul Cook: trio ternura em Copacabana Beach

Steve Jones: "Terra de bundas grandes"

protocolares enquanto se acomoda numa cadeira para participar da conversa. Os peidos de Jones, com o perdão da palavra, saem pela culatra, fracos e baixos, desprovidos de qualquer potência. Decididamente anticlimáticos.

Mas a guarda desce e a pose de mau se dissipa instantaneamente quando Steve reconhece em seu interlocutor o jovem foca que foi um de se seus cicerones quando esteve no Brasil, logo após o derradeiro show dos Pistols.

Jones e Cook passaram cerca de um mês no Rio de Janeiro, no início de 1978, onde foram paparicados por Ronald Biggs – que acabou participando de um disco/clip em Sepetiba com a banda, "A Punk Prayer" –; atuaram para as lentes de Julien Temple (que preparava o docudrama *The Great Rock'N'Roll Swindle*), viram show de Raul Seixas no Teatro Teresa Raquel, foram barrados no prédio da rádio Roquete Pinto, no centro da cidade (porque Steve estava de calção de banho), a caminho de uma antológica entrevista com o então DJ e jornalista Guerra, e passaram um domingão tórrido comendo lasanha, bebendo batida de limão e se refrescando na piscina da casa do então apenas fotógrafo Maurício Valladares, na Barra da Tijuca.

John Lydon, o podrão, no show de reunião em Finsbury Park

Mergulhados na loucura dos trópicos, **Paul e Steve quase caíram desmaiados de espanto quando deram de cara com o produtor Ezequiel Neves proclamando "*never mind the bollocks*, garotinhos!"** Era muita areia para o caminhãozinho deles – e olha que eles eram os Pistols.

Na época, o *Jornal do Brasil* fez uma gozação com Jones e Cook, publicando foto de Steve flutuando numa bóia, na piscina de Maurício, ao lado do que a legenda dizia ser "a namorada brasileira do guitarrista": Chica, a cadela boxer de Valladares. Quando foram embora, deixaram a impressão de bons meninos que lavavam suas cuecas e seus pratos de comida.

"Terra de bundas grandes", lembra Jones, ao falar do Rio. Mas nem tudo da histórica estada foi oba oba. **Steve se lembra de um acidente de carro sofrido por eles e Paul Cook junto com o empresário – e atual inimigo número um dos Pistols – Malcolm McLaren, num apertado fusquinha**, quando o trio voltava de uma filmagem no litoral do estado do Rio.

"Malcolm esqueceu que não estava na Inglaterra e passou a dirigir no lado esquerdo da estrada", diz o guitarrista. "Quando vi que íamos dar de cara num caminhão, só tive tempo de dar uma guinada no volante e puxar o carro para a pista da direita. Só que acabamos atingindo um poste". Os dois não se feriram no acidente. Só McLaren. "Pobre babaca", recorda Jones. "Eu só ouvia Malcolm gritando de dor, enquanto levava pontos no pronto-socorro".

"Steve é quem sempre batalhou por essa reunião", conta Paul. "Ele mora aqui, em Los Angeles, e sempre estava em contato com John, que também mora aqui".

Por que tanta vontade de reunir os Pistols? "Grana", rebate sem vacilo, fazendo valer o nome da atual turnê *A Excursão Do Lucro Imundo*. "Até hoje moro de aluguel", reclama Steve, "nunca comprei uma casa. E não estou ficando mais moço, sacou?" Sacado.

MAURÍCIO VALLADARES/GENTILMENTE CEDIDO

Steve Jones encoxa a cadela boxer Chica, de Maurício Valladares o *Jornal do Brasil* disse que era "a namorada brasileira" do guitarrista

Glen Matlock (baixo), Steve Jones (*guitarra*) e Paul Cook (*bateria*) na volta aos palcos ingleses

MAURÍCIO VALLADARES/GENTILMENTE CEDIDO

Na casa de Valladares, Cook e Jones, de boresta

meninos, eu vi

Eles estiveram com os Pistols no Rio

A grande clipada

Estabelecida, a nova indústria do clip nacional não é mais um simples truque de imagem

por ISRAEL DO VALE & JAIME BIAGGIO

No início era a fumaça. Depois o negócio foi esquentando, deixou seu lado nebuloso de canto e pegou fogo de vez. É esta, sem muita edição, a história do videoclip no Brasil. Longe se vai o ano de 1975, quando o *Fantástico* levou Ney Matogrosso para dublar "América Do Sul" num matagal e saiu de lá com o que se considera o primeiro clip nacional.

O quesito linguagem dos proto-clips limitava-se a fumaça de gelo seco e edição pouco empolgante. De resto, um mane cantando, dando voltas num coqueiro e só.

Foi assim até outubro de 1990, quando a MTV transplantou para o Brasil o jeitão internacional de emoldurar uma música com imagens e as gravadoras descobriram que tinham na mão uma bela forma de divulgar artistas – por meio de uma peça publicitária metida em figurinos de arte e que, teoricamente, fala com sotaque apropriado a língua da moçada.

Entre a meia-dúzia de clips mensais produzidos pelo *Fantástico* duas décadas atrás e os 262 que concorreram a uma indicação ao MTV Video Music Brasil 96 – grande festa do clip marcada para o dia 22 de agosto –, muita pedra rolou. "Aqueles clips de R$ 5 mil do *Fantástico* eram fajutos, feitos por gente que só conhecia linguagem de novela", critica o premiado Andrew Waddington, o Andrucha, diretor de "É Proibido Fumar", do Skank, "Uma Brasileira" e "Lourinha Bombril", ambos dos Paralamas do Sucesso – sendo que o último concorre a melhor clip do ano.

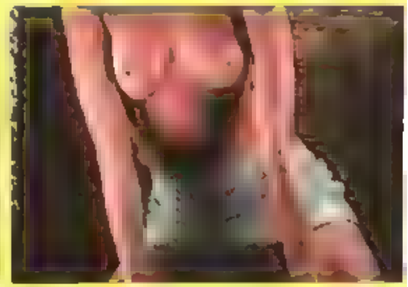
Clip de R$ 5 mil é o que não falta por aí. Mas ninguém gosta nem de falar nisso. "A gente vive se batendo com as gravadoras para ter condições de fazer um produto de qualidade internacional", reforça Andrucha, da Conspiração Filmes, a produtora mais badalada do país, que faturou no ano passado sete dos 11 prêmios do 1º Video Music Awards Brasil da MTV – cinco com "Segue O Seco", de Marisa Monte, dirigido por Zé Henrique Fonseca e Claudio Torres, e outros dois com "Uma Brasileira", pelas mãos de Andrucha.

Os diretores brasileiros continuam fazendo muito com pouco. Para se ter uma base, um clip americano nunca custa menos que R$ 100 mil. Aqui, um ou outro forçaram a barra, mas não chegaram nem perto. "Segue O Seco", por exemplo, custou R$ 60 mil e, segundo se diz, exigiu que Marisa colocasse a mão no próprio bolso para juntar os 20 mil que faltavam.

Ney Matogrosso, 21 anos depois de "América Do Sul", mudou bem de padrão. Seu "Até O Fim" (dirigido por Rogério Gallo, com participação de Chico Buarque) custou 50 mil. "Foi o clip mais caro da gravadora até hoje", conta Adriano De Martini, gerente de TV da Polygram – que produziu cerca de 20 clips no ano passado, em média por um terço disso.

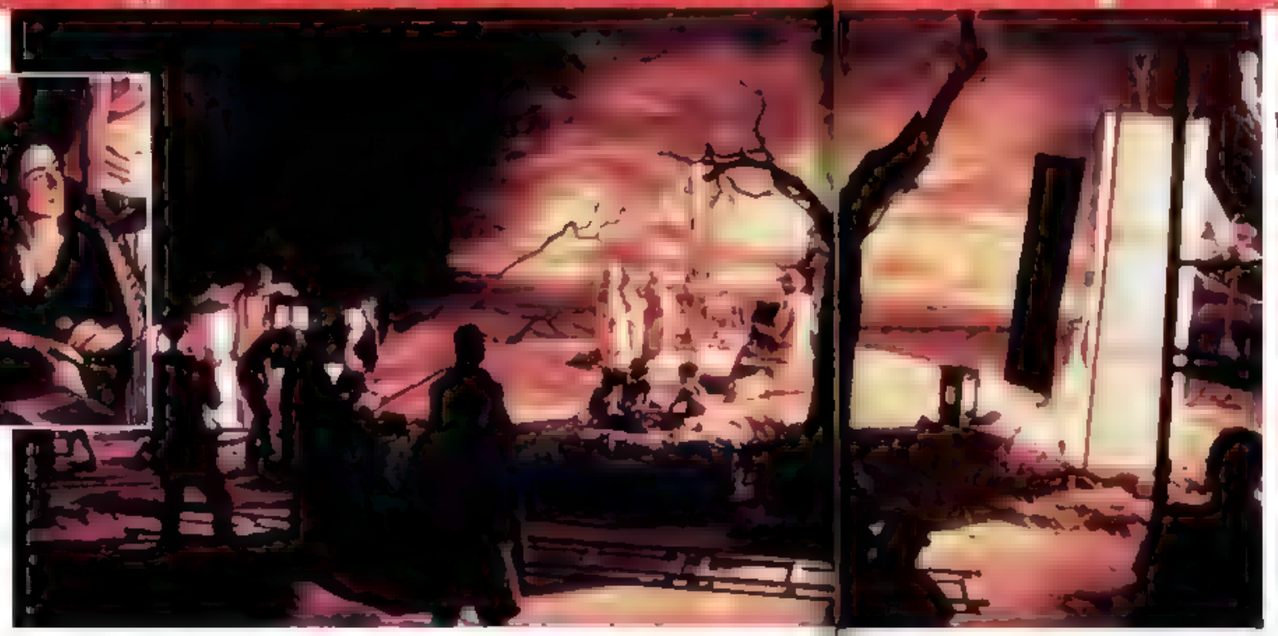
Mas a recordista nacional ainda é Fernanda Abreu, que gastou R$ 75 mil em seu "Brasil É O País Do Suingue", dirigido pelo maridão, o cenógrafo e diretor de arte Luís Stein. »

Esses diretores e suas maravilhosas máquinas de produzir imagens. Fernanda Abreu nas filmagens de "Brasil É O País Do Suingue" (à esq.), o clip mais caro da história que teve 250 figurantes e custou R$ 75 mil. Renato Russo em "Strani Amore", clip dirigido por Marc Stockler (acima). Abaixo, o festival de deusas em "Garota Nacional", novo vídeo do Skank



Fernanda Abreu gastou só de comida a metade do preço médio de um clip nacional

Claudio Torres *(de boné)* ao lado de Marisa Monte no set de "Segue O Seco": 60 mil dólares bem investidos, que transformaram o clip no grande vencedor do MTV Video Music Awards do ano passado



"Brasil" só saiu por um esforço coletivo de Fernanda, seu empresário, EMI e Ellus. "Todo mundo colocou dinheiro", conta Luis Stein. O que encareceu o clip foi o número de figurantes: 250 ao todo. "Você imagina o custo de 250 figurinos?" O pessoal também tinha o péssimo hábito de querer se alimentar. Só de comida foram 10 mil reais.

Os clips tupiniquins se estabeleceram pela competência e a dedicação dos profissionais envolvidos, saídos em geral da publicidade ou do vídeo. Mas sem a MTV, o clip brasileiro não passaria da ficção – ainda que já houvesse algum mercado no país quando a emissora entrou no ar.

Desde o início dos anos 80 o diretor de TV Billy Bond produzia clips sob encomenda das gravadoras, num pacote que incluía a martelação massiva nos três programas que mantinha na TV Record. "Antes da MTV os espaços para exibição eram muito limitados e não valia a pena investir uma fortuna num clip que ninguém veria", conta Glória Bicho, gerente de TV da gravadora BMG-Ariola, que só no ano passado fez 40 clips para os seus artistas nacionais – mais que o dobro dos dois anos anteriores.

Hoje a TVA (dona da emissora) já tem outro canal de música, o *Bravo*, especializado em country e sertanejo. A Globosat, por sua vez, abriu o TVZ e até Gugu Liberato promete botar a mão nessa cumbuca sonora, através da MPBTV – que depende de uma concessão amiga do governo.

Com mais lugares para ser visto, é natural que o clip ganhe importância para artistas e gravadoras. Muita banda tenta exigir em contrato que a gravadora lhe dê pelo menos um clip de seu novo disco. Não adianta. "Nem todos precisam de clip", avalia o gerente de marketing da Warner Music, Rommel Marques. "Às vezes, dependendo do momento do artista, vale mais investir em publicidade ou na produção de um show bem-feita."

"Clip é uma peça de marketing fundamental, mas para alguns artistas", reforça Alberto Runkel, diretor de marketing da EMI. O diretor de clips Roberto Berliner, que já se estranhou com a EMI devido ao vertiginoso "Trac Trac", dos Paralamas – "eles acharam que o público ia ficar tonto" –, acha o clip vital para a formação da imagem do artista. "Na passagem para o CD, os discos perderam o impacto visual e o vídeo virou algo fundamental."

E o padrão MTV, existe? Anna Butler, relações-artísticas da emissora, nega. "A gente dá força ao novo, recomenda diretores desconhecidos para as gravadoras." Já Paulo Severo (diretor do festejado vídeo-release *Da Lata*, de Fernanda Abreu) acha que o clip nacional tropeçou na pasteurização. "Você não consegue apontar o diretor. Todo mundo usa os mesmos fotógrafos e montadores." Luís Stein tem outro argumento: "Um clip é, no mínimo, 50% de estética. Mas nem todos têm boas idéias."

O povo quer saber:

Eles clipam

Andrew Waddington (Conspiração Filmes) - Premiado nas categorias Música Pop e Audiência do 1º Video Music Awards da MTV (1995) por "Uma Brasileira" e co-diretor de "Lourinha Bombril", também dos Paralamas, finalista do Video Music Brasil 96.

Arthur Fontes (Conspiração Filmes) - Dirigiu Gilberto Gil ("Madalena"), Marisa Monte ("Dianamente"), Titãs ("Eu Não Aguento"), Arnaldo Antunes ("Alegria") e até o Rei Roberto Carlos ("Coisa Bonita").

Claudio Torres (Conspiração Filmes) - Foi co-diretor de "Segue O Seco", de Marisa Monte, que ganhou cinco dos 11 prêmios do VMAs.

Gringo Cardia - Dirigiu "A Cerca" do Skank. É o diretor de "Manguetown" de Chico Science, e "Vem Quente Que Eu Estou Fervendo" do Barão, grande favorito deste VMB com seis indicações.

Kiko Araujo - Premiado no VMA s com "Be-A-Bá" dos Raimundos.

Luís Stein - Dirigiu quatro clips de Fernanda Abreu ("Jorge De Capadócia" "Rio 40 Graus", "Veneno Da Lata" e "O Brasil É O País Do Suingue"), além de Kid ("Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda"), Funk 'N Lata ("Não É Mole Não") e João Bosco ("Se Você Jurar").

Luiz Buarque (Conspiração Filmes) - Fez o primeiro especial de Marisa Monte para a TV. MM. e dirigiu *Caetano - 50 Anos*.

MC Fernandes (A+R GROUP) – Trabalhou com Queen Latifah ("Get Up To Yer") e ganhou medalha de bronze na categoria clip do Festival de Nova York com "Daqui Por Diante" (Barão Vermelho).

Odorico Mendes (Adrenalina Filmes) - Fez "Onde Você Mora" (Cidade Negra), "Gostosa" (Ben Jor) e "Boneca de Fogo" (Sublimes).

Roberto Berliner - Co-diretor de *Todos Os Corações Do Mundo*, filme oficial da Copa de 94. Fez "Alagados", dos Paralamas.

Zé Henrique Fonseca (Conspiração Filmes) - Fez "Paratodos" (Chico Buarque), "Fera Da Ordem" (Caetano) e, com Cláudio Torres, "Segue O Seco". Divide com Cláudio e Ralph Strelow a direção de "Pinga" do Pato Fu, com três indicações para o VMB 96.

Os Titãs em "Eu Não Agüento", que concorre a melhor clip do ano no VMB, da MTV.

O monstro está vivo

Iron Maiden chega ao Brasil fiel à tradição do metal e ligado na Internet

por SÉRGIO MARTINS

SHOWBIZZ caiou o guitarrista Dave Murray no momento em que ele surfava na Internet. Depois de um breve "alô", ouve-se um barulhão no outro lado da linha. "É o computador. Deixe-me desligá-lo para começarmos a entrevista."

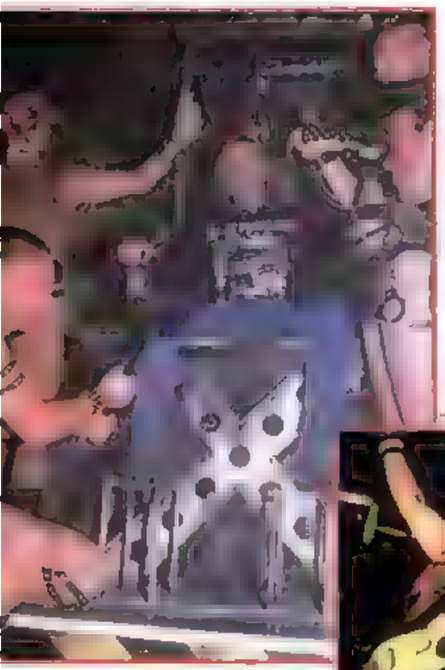
O guitarrista se recompõe e retoma o papo de Internet. **"Você tem um computador na revista? Poderia acessar o nosso site e curtir o joguinho do Eddie!"** O quê? "Lançamos um joguinho em que ele enfrenta vários perigos. É bem legal", diz, com a convicção de um carne â do centro da cidade. O namoro do Iron Maiden com a tecnologia pode render música? "Steve (*Harris, baixista e líder do Iron*) fuça tanto o aparelho dele que eu não me surpreenderia se ele escrevesse alguma canção sobre seres estranhos no computador."

Internet à parte, o guitarrista está mais feliz do que pinto no lixo. Acha que foi válida a troca do vocalista Bruce Dickinson por Blaze Bayley – "ele deu um novo ânimo para a banda", exulta – e não vê a hora de tocar no Brasil pela terceira vez. Ele já esteve aqui em 1985 e 1992. "Eu sempre me surpreendo quando toco aí", revela Dave. "Vocês estão muito longe da Inglaterra, mas são fiéis ao Iron: sabem todas as letras de cor!"

As apresentações do Monsters Of Rock terão algumas novidades. Uma delas é a presença de fãs no palco para cantar o refrão de "Heaven Can Wait". Há também o cenário futurista, que o guitarrista não revela nem a pau. **"Eddie virá, vamos trazer uma aparelhagem monstro... E é só. Se eu contar tudo para você, estraga a surpresa"**, miguela. Mas garante um repertório de clássicos. "Vamos tocar três ou quatro músicas de *X Factor*. O resto do show sairá de outros discos do Iron Maiden". »

A turma do Iron Maiden, pronta para detonar no Brasil. Ao lado, o monstrão Eddie, marca registrada da banda acima, o guitarrista Dave Murray debulha nos solos da *X Factour*, a apresentação do Rock in Rio, estréia do Maiden no Brasil (*abaixo, à esq.*); Murray e o baixista Steve Harris fazem pose para o fotógrafo (*abaixo*).

A filha de Dave Murray morre de medo quando vê o Eddie



O baterista Nicko McBrain pronto para ser fritado ao vivo na *X Factour*. Uma informação que Dave Murray miguelou para SHOWBIZZ

ropa e aí na América do Sul. Só não foi bem nos Estados Unidos porque os americanos não gostam mais de heavy metal. Preferem ouvir um som mais cru, como Nirvana e Green Day"

Dave Murray não acredita na morte do metal. Prefere dizer que falta pouco para o gênero estourar outra vez. "Acredito que a volta do Kiss é um grande passo para a retomada do heavy metal", interpreta. "Quanto ao Iron Maiden, posso garantir que ninguém vai matar a banda. Eu sempre topo com garotos nos shows. Gente que nem havia nascido quando nós começamos".

O novo público inclui até membros da família. Murray. Natasha, filha do guitarrista – uma pimpolha de seis anos de idade –, não perde uma performance do papai Dave. "Minha menina curte nossos shows, imita o meu jeito de sacudir a cabeleira", socorre Murray. "O problema é que Natasha se assusta quando Eddie entra em cena".

O Iron Maiden surgiu em 76, época de efervescência punk. Agora, os 20 anos da banda serão comemorados com um boxed set. A caixinha deve estar pronta em setembro e ganhou o nome de *The Best Of The Beast*. "Tem todos os nossos sucessos e mais cinco inéditas, uma delas composta recentemente. Chama-se 'Cold Virus'", adianta. Quanto à parte gráfica, a coletânea vai trazer fotos inéditas e todos os Eddies que já estamparam as capas do Iron Maiden.

Dave Murray aproveita a sessão *Saudade Não Tem Idade* para recordar antigos amigos do Iron Maiden. Como Clive Burr, ex-baterista da banda, que puxou o carro em 82. "Clive tem uma banda de hard rock. Toca pelas noites de Londres", relembra. **O guitarrista Adrian Smith é o parceiro que deixa mais saudades em Dave Murray. "Foi uma perda muito grande porque nós éramos amigos de adolescência, aprendemos a tocar guitarra juntos", desabafa.** "Mas eu e Adrian ainda somos muito chegados. Você ouviu Psycho Motel, a nova banda dele? Eles andaram abrindo alguns shows da turnê de *X-Factor*"

Dave Murray tem 39 anos bem vividos, gosta de blues e ama de paixão perdida o album *Are You Experienced?*, de Jimi Hendrix. A receita da longevidade no rock'n'roll? "Viajar a toda hora, passar a noite em hotéis e comer em bares de beira de estrada. É impressionante como este modo de vida faz bem à minha saúde", brinca, antes de voltar à Internet.

As impressões do novo Monstro

Try On

Kibeleza: na tela da TV, Palmeiras e Cruzeiro; no boteco, o Pato Fu enche a cara

pinga ni mim

por ISRAEL DO VALE
foto RUI MENDES

Cruzeiro campeão, cachaça no balcão e disco novo na praça. O Pato Fu bebe pra comemorar

"Goool!" O estardalhaço faz a mineirada do Pato Fu tremer na base "Gol de quem?!?" Olho arregalado, o baixista Ricardo Koctus atropela quem aparece na frente, atravessa a rua e estica o pescoço em direção à TV de um boteco do Bexiga, tradicional reduto dos manguaças paulistanos. Chega a tempo do replay.

Na tela, Palmeiras e Cruzeiro, final da Copa Do Brasil. A torcida do bar... corintiana. Ufa! Era o gol do título do Cruzeiro. Pulos, abraços e a desculpa que faltava pra encher a cara. E entrar no clima do terceiro gol do Pato Fu.

Tem Mas Acabou, novo disco da banda, estava em ponto de bala para ser festejado. Naquela noite, o agora "power quatrilho" (como define o guitarrista e vocalista John, depois da chegada do baterista Xande) tinha acabado de pegar o CD master do disco e estava prestes a conferir o clip de "Pinga", primeira música a encostar o umbigo no balcão das rádios.

Fim do jogo, início da festa. Quem bebe aí? John e Ricardo se esquivam, Fernandinha, pé-de-cana inveterada, desafia o repórter para um vira-vira. Vamonessa, uai! Três, dois, um... glub, glub, glub. Placar: Fernanda e seu copo descomunal de (muito) rum com (pouquíssima) Coca-Cola 1 X 0 SHOWBIZZ e um copo igualmente grande de cerveja.

Longe dos botequins, o pessoal também anda batendo um bolão. *Gol De Quem?*, o álbum anterior, alcançou a marca de 40 mil cópias vendidas. "Só não vendeu mais porque faltou disco nas lojas na época do Hollywood Rock", chora John. De barriga cheia: o Pato faturou no ano passado o trofeu de revelação no Video Music Awards da MTV e está escalado como um dos finalistas neste ano. Vale um brinde.

Já passam das onze da noite. Entornamos os últimos goles e o papo vai de canjica a saudades de Barbacena, volta ao futebol e cai na área das táticas de produção do novo disco. Foram seis semanas de treinos intensivos. Duzentas horas de gravação no estúdio Bemol, em Belô. "Eles têm um microfone-relíquia chamado Ela Telefunken, que deixa a voz com uma clareza absurda", diz John.

O produtor, a princípio, seria novamente Carlos Savalla. Mas ele estava ocupado com os Paralamas e André Abujamra (do Karnak, ex-Mulheres Negras) assumiu a tarefa. De trás da barriga à la Chacrinha e da linha "vim para confundir e não para explicar", sobressai-se um dos caras mais inventivos do pop brasileiro. Só podia ter rolado um clima entre André e John, outro fissurado por engenhocas eletrônicas, que chama de seus "120 japoneses". O repertório de *Tem Mas Acabou* é saudavelmente caótico como o dos discos anteriores. Tem de quase tudo. "Só faltou um funk tipo Furacão 2000", diz Ricardo. As colagens de gêneros, o bom humor, as referências a desenhos animados... continua tudo lá. O lado Mutantes também, mas [illegible] eles fazem questão de chutar para córner. "As guitarras pós new-wave é que mostram nossas reais influências", espalma Fernandinha. Fim de papo.

baú da felicidade

Maxi Priest retoma a alegria do reggae cavucando o soul dos anos 60

por SÉRGIO MARTINS

Maxi Priest é o Silvio Santos do reggae. Entertainer de primeira, ele pode não ter uma sonora gargalhada, mas nos palcos assume a personalidade de homem-sorriso como ninguém. Porém, nos últimos anos, Maxi estava mais para triste do que Priest. O motivo foi uma briga com o antigo empresário, que atrasou em quatro anos seu novo disco.

"Ele queria que eu repetisse fórmulas. Pedia para gravar uma nova 'Close To You', outra 'Groovin' In The Midnight'. Eu, não. Queria fazer um disco legal. Então, procurei defender os meus direitos na Justiça".

A frustração de ficar tanto tempo sem gravar foi compensada por shows, muitos shows. Só no Brasil, o cantor desembarcou três vezes. "Adoro seu país. Gente calorosa, mulheres maravilhosas", saliva. Em uma de suas visitas, Maxi trouxe o DJ Shaggy – que meses mais tarde estourou no mundo todo com "Oh Carolina". "Shaggy também não esquece o Brasil. Quando a gente se vê, ele sempre me pergunta: 'Quando é que voltaremos lá?'"

Maxi resolveu a pendenga judicial e lançou *Man With The Fun*, com a fina flor do reggae. O álbum tem seis (!) produtores e participação dos DJs Shaggy, Buju Banton e Chaka Demus e dos cantores Beres Hammond e Pliers.

Man With The Fun está repleto de samples antigões de bandas de R&B – como a genial "Green Onions", de Booker T. & The MG's servindo de base para "That Girl", primeiro single do cantor. A constatação é o motivo para Maxi se lembrar de suas raízes musicais. "Meu trabalho nunca ficou restrito ao reggae: ouço gospel, rock, rhythm'n'blues – que estão destacadas nesse novo álbum"

Outro destaque do disco é a regravação de "Message In A Bottle", do Police, uma sugestão da gravadora que Maxi demorou para aceitar. "Mudei de idéia quando eu fui passear na Jamaica. As pessoas diziam: 'Hey, Maxi! A música é legal!'"

O cantor dá um chega-pra-lá no papo musical para falar da Eurocopa. "Times fracos, não têm um estilo sexy de jogar", lamenta **"Bom mesmo é no Brasil, em que até as mulheres são boas jogadoras", suspira, com a experiência de quem garanhou todo rabo-de-saia que encontrou pela frente.**

Como bom torcedor do Manchester United e peladeiro nas horas vagas, Maxi detona o futebol inglês. "Os piores jogadores do Brasil rendem mais do que o melhor da Inglaterra"

Maxi Priest encerra a entrevista no melhor esquema *Baú da Felicidade*. "Gostou do disco? E do título? *Man With The Fun* é a melhor definição que deram para mim. Nasci para alegrar as pessoas". Faltou só o rá-raaai!

Maxi (*à dir.*) retoma a parceria com o DJ Shaggy, um de seus apadrinhados

A Valda agradece as bandas que participaram do Fest Valda São Paulo'96

fest VALDA

aberto de música

Fest Valda RIO

Em Outubro. Apareça aí!

TABULA RASA

SHOW

postilhas VALDA Mentol / Eucaliptol

VALDA goma de mascar

PATROCÍNIO EXCLUSIVO

Fred Zero Quatro na beira do mangue em Jaboatão (PE), no centro (*da esq. para a dir.*), Bactéria, Fred, Fabio, Otto e Tony no mesmo lugar e, à direita Fred, Otto, Tony, Fabio e Bacteria pagodeando pela lama

Vida de pobre-star

Reconhecidos pela crítica, mas ignorados pelas FMs, Zero Quatro e Mundo Livre S/A continuam tomando Pitú e andando de ônibus

por CLAUDIA GRECHI

Deu no *New York Times*, depois que Mundo Livre, Chico Science & Nação Zumbi e a Banda de Pífanos de Caruaru tocaram em junho no Celebrate Brooklyn Festival: "O futuro da música brasileira está no Nordeste". Cada vez mais famoso no Brasil, Chico teve resenhas de seu novo disco publicadas em importantes revistas americanas. Enquanto isso, cinco anos e dois álbuns depois de ter escrito o Manifesto Mangue Bit, Fred Montenegro e seu Mundo Livre S/A seguem vivendo como ilustres desconhecidos em seu país.

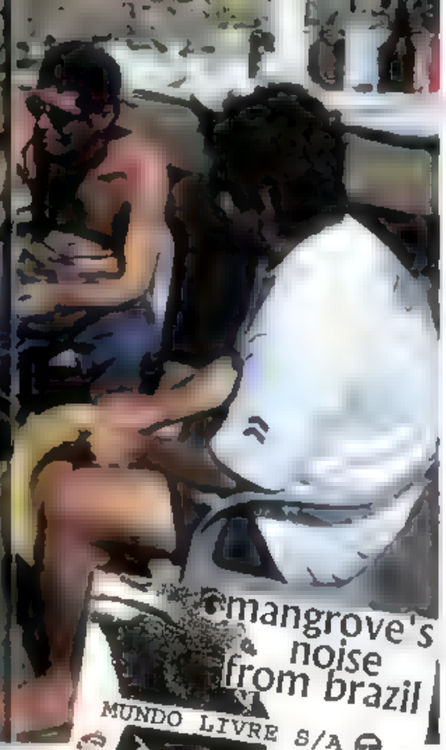
Encontramos nosso herói Fred 04, ou simplesmente Zero Quatro (os algarismos finais de sua carteira de identidade) 34 anos, em seu habitat natural, ainda comemorando as apresentações no Celebrate Brooklyn Festival e no lendário CBGBs. Mais especificamente no **Peixe Dourado, barraca de beira de praia em Jaboatão, periferia do Recife. Ali a turma do Mundo Livre bate ponto quase que diariamente para tocar e comer caranguejo no melhor estilo toc-toc (duas marteladinhas na cabeça e o caranguejo está pronto para ser destroçado) e, de quebra, "fazer reuniões de negócios".** Sob a brisa do risível inverno nordestino, quase 30 graus, Fred conta, entre goles da barata cachaça Pitú: "Continuo morando aqui em Jaboatão – uma São Bernardo com praia – com meus pais e meus dois irmãos (*Tony e Fabio, baterista e baixista do Mundo Livre*). Já tive dois carros, um fusca 66 e outro 81. Depois, fiquei sem grana. Na galera do mangue, ninguém nunca teve carro. O lazer sempre foi ficar na praia tomando pinga. Quando a gente tinha grana, rolavam umas cervejas. Sou um pobre-star, ando de ônibus, aliás é o lugar onde mais escrevo música. A letra de 'Free World' (*do segundo disco*, Guentando A Ôia) fala das linhas que a gente mais pega, as que atravessam a cidade: Rio Doce-Piedade, Barra de Jangada-Jaboatão".

Admirado por Herbert Vianna (Paralamas do Sucesso) e saudado pela crítica como o maior talento do pop brasileiro surgido nesta década, Fred fala manso, sem ranço ou mágoa. "O Mundo Livre tem doze anos. Em 87, já era considerado veterano pelo pessoal das bandas de Recife. »

Doze anos de carreira, dois discos excepcionais e a mesma disposição para encher a cara juntos

Mas só no primeiro Abril Pro Rock, em 93, é que a mídia do Sul nos descobriu. Foi aí que o Miranda (*Carlos Eduardo Miranda, então repórter da BIZZ*) contactou a gente e a partir disso surgiu a possibilidade de gravar pelo Banguela".

De origem humilde (o pai tinha um caminhão de entregar bujão de gás), Fred passou a infância atravessando rios, nadando em mangues e caçando na mata, mas sua formação passou pela mais urbana das formas de contestação. "Aprendi a tocar piano bem guri, com professor particular. Mas como era uma imposição da minha mãe, enchi o saco. Quando passei pro ginásio, com 12 anos, meu pai me deu um violão e eu só queria saber disso. Fui ter aula com um cara que gostava de rock pesado. Descobri ao mesmo tempo Jorge Ben, o disco *A Tábua De Esmeraldas*, que mudou minha vida, e rock pesado – Deep Purple e Suzi Quatro. Até que me mudei e perdi contato com esse cara. Abandonei o violão por um tempo. Nunca fui muito disciplinado, estudava em colégio militar e era forçado a ter rigidez lá. Aí, com as coisas de prazer, sempre fui muito relaxado. Bom, mas depois senti falta do violão. Comecei a tocar guitarra depois de uma noite de chapação na praia. Numa noite dessas, a gente foi parar num bar e tinha uma banda tocando. O conjunto deu um intervalo e chamou pro palco quem estivesse a fim de tocar. Subi e toquei 'Stand By Me', Stones e outras três músicas. Nunca tinha pegado numa guitarra na minha vida! A galera chapou. Aí a gente formou um grupo, Trapaça, em que ninguém sabia tocar direito. A banda se dissolveu e cada um acabou formando uma outra banda **quando a gente recebeu um material do ABC de São Paulo, a coletânea *Grito Suburbano*. Pensei: 'Pô, isso que é som, na veia!'"**

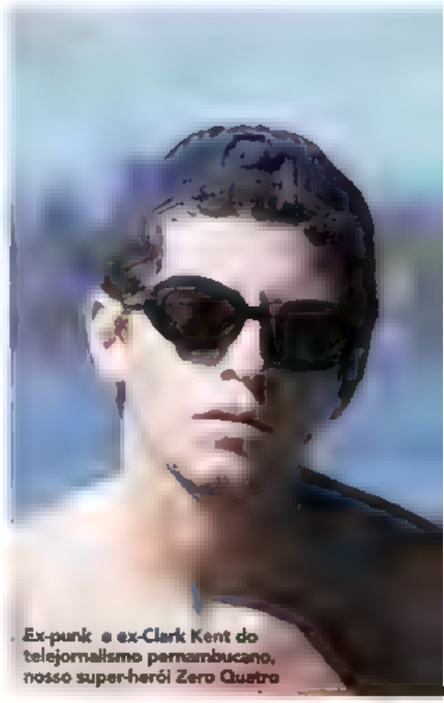


A sala de reuniões do Mundo Livre: uma barraquinha chamada Peixe Dourado, em Jaboatão, pertinho do Recife, ao lado, a filipeta do show do grupo no legendário CBGB's

Punk na cabeça! Fred 04 vislumbrou a possibilidade de se engajar no movimento, o famoso "*do it yourself*" (faça você mesmo) era a chance de, com pouquíssimos recursos, fazer um som. "Um pessoal do ABC veio morar no Recife. Foram meses de loucura. Fui expulso de casa, minha mãe não aguentava um punk na família. Eu tinha o que hoje chamam de *piercing*... mas na época era alfinete enfiado na cara, alfinete mesmo na bochecha. Depois a galera foi se dispersando. Enchi o saco! O Recife não merecia o punk rock". Depois do Trapaça e do Câmbio Negro (outra banda punk de Fred), surgia o Mundo Livre, em 84. Já com tamborim na formação, começando a incorporar o samba, Jorge Ben e a guitarra baiana com acordes roqueiros. O esforço na busca de informação incluía os mais variados ardis: **compravam discos importados fazendo vaquinha ("eram discos de propriedade coletiva") e iam ao aeroporto para folhear – sem comprar – as revistas importadas.**

Era mais ou menos assim que funcionava a tal da parabólica instalada na lama de que fala o manifesto Mangue Bit. "Conheci o Chico em 90. Ele vinha de uma galera do outro lado da cidade que curtia mais black, rap, hip hop. Eles tinham a mesma viagem de incorporar outros sons, as coisas que vinham de Olinda: frevo, maracatu. A gente viu que disso ia dar um samba", lembra.

O amor à música fez Fred abandonar a carreira de repórter. Formado em jornalismo, ele chegou a trabalhar no TJ Brasil do SBT sob a identidade secreta de Fred Montenegro.

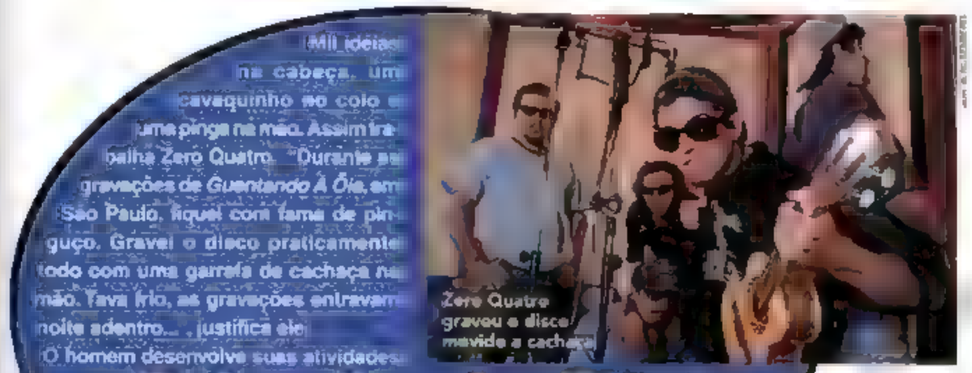


Ex-punk e ex-Clark Kent do telejornalismo pernambucano, nosso super-herói Zero Quatro

"Trabalhava feito escravo, quando saía era pra encher a cara. Foi a época em que eu mais bebi na minha vida", lembra nosso Clark Kent.

O Mundo Livre de Zero Quatro é povoado pelos últimos românticos da face da Terra. Bactéria Maresia (teclados), Otto Fuleiragem (percussão), Tony Regalia (bateria) e Fábio Malandragem (baixo). Avessos às imposições da indústria fonográfica, eles fazem seu trabalho sem concessões (apesar do resultado final ser pop, sem nada de indigesto ou difícil). "A gente jamais toparia algo imposto por gravadora que acha que a banda é inacessível, difícil. Cansamos desse estigma de banda cult, mas não estamos nessa pra ganhar dinheiro... Acreditamos numa coisa com consistência. Vale a pena acreditar nesse lance!" Salve Zero Quatro!

Samba Esquema Noise (94), obra-prima mal divulgada, e *Guentando A Ôia* (96), pérola a ser descoberta



O homem que não ficou pra titia

por André Godinho – foto Rosane Bekierman

Roland Orzabal quer seguir caminhos diferentes e lançar discos como artista solo: é o fim do Tears For Fears

Quem entende de tia é Maria Rasi, que tem quatro e vive falando delas. Para falar com a tia fofinha Roland Orzabal, o homem-que-é-a-banda Tears For Fears, é preciso encarnar um pouco do teatrólogo paulista e quebrar a sisudez de britânico *blasé*. "É a segunda vez que me espanto com a organização impecável do Brasil", diz ele, com todo fleuma, comentando sua recente visita ao país, na turnê do último álbum *Raoul & The King Of Spain*.

Último no sentido de fim mesmo. "Vou largar o nome Tears For Fears e adotar o meu próprio no próximo trabalho. Vai ser divertido ouvir a imprensa inglesa falando o meu sobrenome O-ro-al", enrola a língua, sacaneando sua própria ascendência franco-argentuna. Com a troca, Roland deixa de ser, definitivamente, a tia fofa do carinhoso apelido brasileiro.

Bruncadeira que, aliás, não procede. "Tia o quê?", espanta-se.

Casadão, falando com orgulho dos dois filhos, a tia (ops!) parece bem mais macha do que aquela figura bochechuda que mandava o mundo botar os bofes pra fora ("Shout"). "Pelo contrário, hoje eu ensino os meus filhos a não gritarem pela casa", ri e emenda outra piada sobre o velho hit. "Não me importaria de tocá-lo num casamento."

Mas o clima mesmo não está para gracinhas e sim, desabafos. Roland está decepcionado com a atual cena inglesa. Por isso, foi de mala e cuia para a França compor *Raoul...*, um álbum com "influências latinas". Passou dois meses lá, sacudindo a árvore genealógica da família em busca de inspiração, mexendo numa salada genética da herança que mistura ingleses, franceses, argentinos e espanhóis. "Não me sentia mais inglês e estava remoendo a idéia desse álbum há um tempão." Tempão.

leia-se seis anos, já que *Raoul...* teria sido o lançamento da banda em 89, mas acabou virando *Seeds Of Love*, graças a um faniquito da então outra tia Curt Smith. A menção do fato – e do nome do ex-parceiro – provoca um virar de olhos e um muxoxo. Ele justifica a mudança de nome: **"Raoul é meu apelido nas internas e Curt não quis que meu nome virasse capa de um disco".** Roland encerra o assunto voltando ao módulo *blasé* e passa a adquirir um ar irônico toda vez que o nome da ex- tia pinta na conversa.

Sem ninguém para dar pitaco em suas idéias, o vocalista tem incluído nos shows covers de músicas que gosta como "Creep", do Radiohead, e "Sunday Bloody Sunday", do U2. O que o atrai nessas canções, Roland? "Na verdade só os arranjos, porque as letras são fracas – à exceção de 'Creep'." Aí, ele aproveita para soltar o verbo contra os colegas compositores do pop. "As letras podem tornar uma música eterna ou estragá-la e a maioria das bandas não percebe isso", diz Roland, que, no quesito inteligência, só livra mesmo a cara do Radiohead. Além da própria, obviamente. "Sempre me esforcei para que minhas letras fossem ricas em metáforas e citações", vangloria-se.

Tirando as neuras de identidade, a tia líder não parece muito preocupada com o sucesso de uma banda veterana dos anos 80 em plena década de 90. Aos 34 anos, ele acha que está meio velho para ser um popstar. "Dei sorte de experimentar o sucesso com 20 anos." Roland agora banca o reservado: "Sempre tive um espírito de velho, não me deslumbrei com a fama." Se o sucesso decidir deixá-lo de lado, o vocalista já tem duas atividades paralelas para substituir a música: a fotografia e o tênis. Na primeira, ele vai bem. Com sua experiência com câmeras, Roland, descontente com o resultado inicial, deu um passa fora no diretor do clip de "Secrets" e assumiu o controle ele mesmo. Já no segundo hobby, Roland confessa que não é bom. "Meu maior medo é dar o segundo serviço. E tem vezes que nem vejo o saque do adversário." Pra acabar com seu alto índice de bolas fora, ele promete se dedicar ao esporte assim que terminar a turnê mundial. "Só eu, a raquete e as bolas." Depois nego malda.

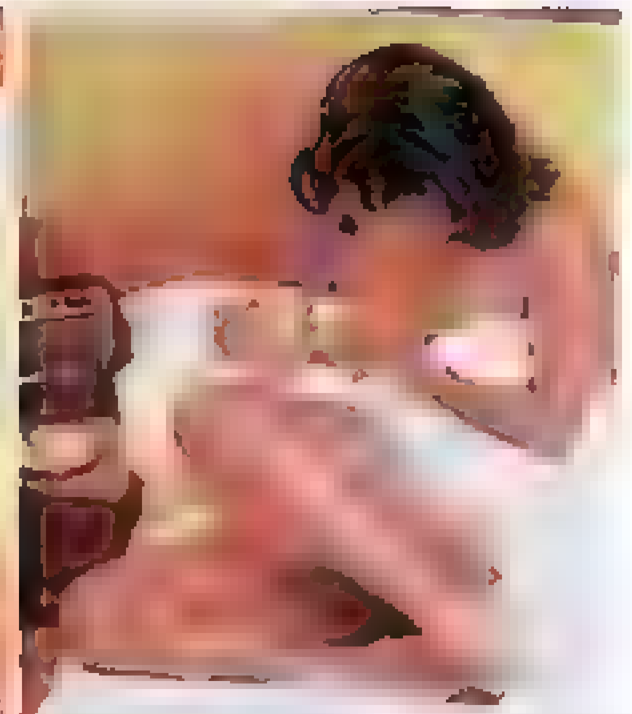
Diva cheia de charme

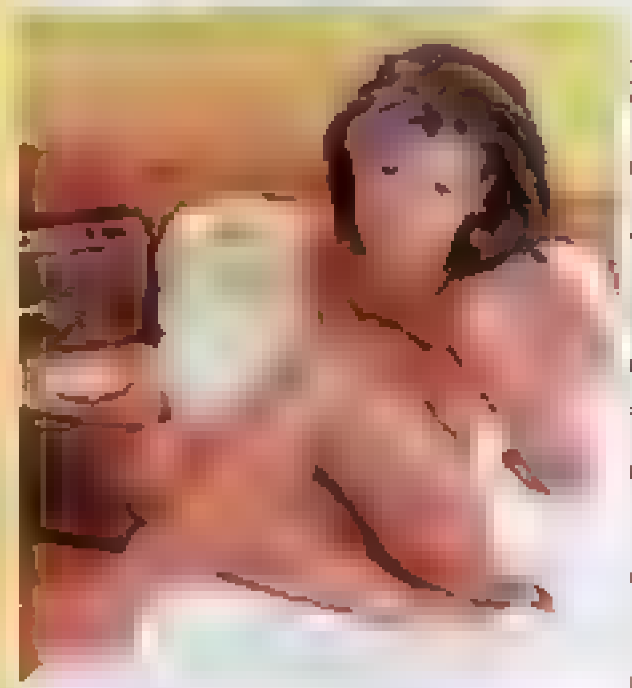
por CLAUDIA GRECHI
fotos MARTIN GURFEIN

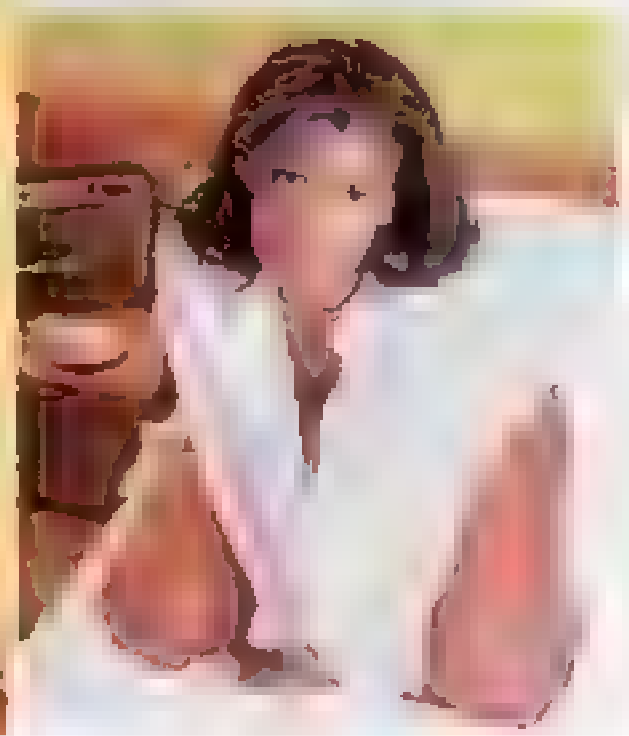
Com sainhas curtíssimas e um rebolado irresistível, Dolores, a empregada boazuda da novela *Vira-Lata*, da Globo, tem levado homens à loucura. Mas na real, a paulistana Thalma de Freitas também encanta com as cordas vocais. Mais rápido do que alguém possa falar Fábio Júnior ou Maurício Ma..., ela faz questão de frisar: "Meu negócio é cantar, não estou batalhando para ser atriz. Entrei na novela porque o Jorginho (*o diretor Jorge Fernando*) me chamou. O papel era da Luana Piovani, mas ela não pôde fazer. Então ele disse que só eu poderia encarnar a Dolores. Ela tinha de ser gostosona e engraçada. E isso eu sou mesmo".

Boa cantora muito antes de aparecer na telinha, ela lança seu primeiro disco em setembro. "É um álbum de pop brasileiro, mas com muita influência de música negra americana, que é o que eu adoro. A linguagem é toda R&B", avisa, com os olhos brilhando. R&B, para quem não sabe, é aquilo que os cariocas chamam de charme.

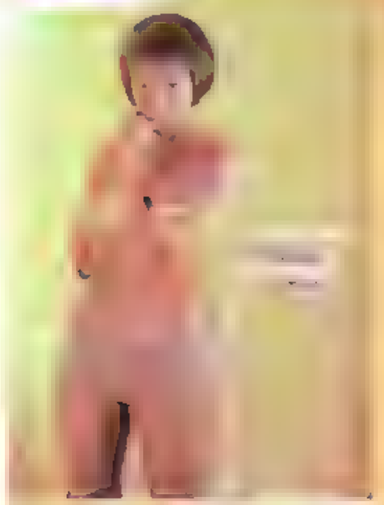
"A maioria das composições são minhas. Mas tem regravações de 'Eu Sei', do Legião, e 'Perigosa', das Frenéticas. »

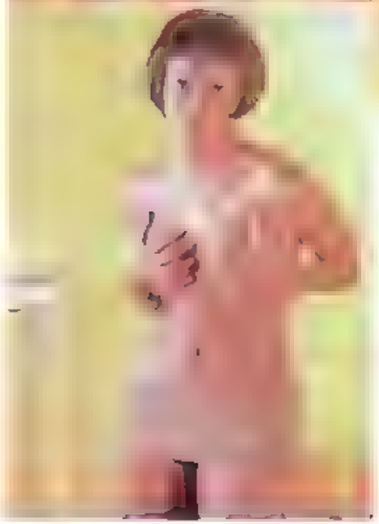






Produção Andréa Santos Cabelo e maquiagem Adriano de Oliveira, Trucco, Capelli Camisa e short Rosa Chá Camisola Acervo Andréa Santos





A *empregata* da novela é na verdade uma cantora de soul com um balanço delicioso

Também tem um dueto com o Alexandre Lucas, do Fanzine", completa.

Filha do maestro e compositor Laércio de Freitas, a ligação de Thalma com a música vem do berço. A carreira de cantora começou aos 8 anos, participando de jingles ao lado do pai. Aos quinze, resolveu fazer aulas de teatro e entrou definitivamente na vida artística. Fez três peças com Osvaldo Montenegro, incluindo o sucesso *Noturnos*, dividiu os backing vocals com a ex-VJ Adriana Lessa na El Moroko Band (o grupo de salsa do soulzeiro Skowa) e participou do musical *Hair*, em 93. "Foi aí que eu conheci o Jorginho (*Fernando*). Ele me abençoou. Quando acabou o *Hair*, inventou um personagem para mim no show da Cláudia (*Raia*). Acabei ficando com ela um ano e pare para gravar o disco."

Apesar do currículo extenso, Thalma tem só 22 aninhos. E personalidade de sobra: "Adoro Quincy Jones, Michael Jackson, Brandy e Madonna. Mas amo os Raimundos! Será que a gente não podia fazer umas fotos com eles? Tipo... eu com um chicote na mão e eles amarrados em volta de mim?" Fica a sugestão: da próxima, eles não escapam.

Saia e camisa: acervo André Santos

MTV

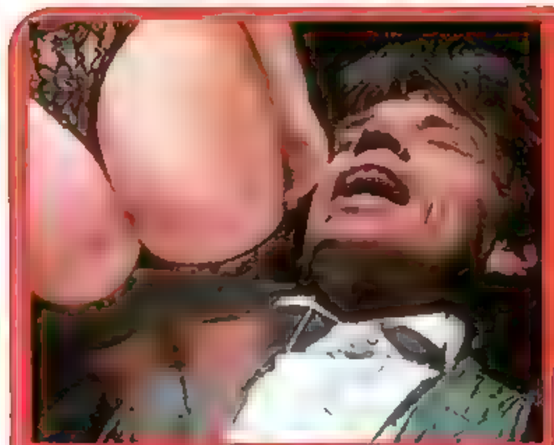
sala especial

Belas modelos e clips do balacobaco entram na receita de *Al Dente*, um programa gostosão

"Garotos, preparem-se para serem seduzidos. Garotas, morram de inveja!", avisa Rodrigo Carelli, que divide com Cris Lobo a direção do programa mais gostoso da telinha. *MTV Al Dente* estreou dia 3 de agosto para seduzir os machos e matar de inveja as garotas que, segundo o diretor, "também adoram ver mulher bonita na TV". **Todo sabado às 23h30, com reprise domingo à meia-noite, *Al Dente* traz duas horas de clips picantes apresentados por uma modelo a cada noite.** "Optamos pelas modelos para dar continuidade ao clima caliente dos clips. Elas falam sobre o cotidiano delas, particularidades. A idéia é que elas sejam espontâneas e sedutoras", explica.

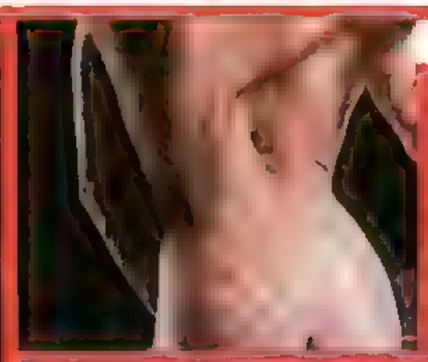
O critério para um clip ser *Al Dente* é um só, sensualidade. Não importa a música. "O que vale é a imagem, a diversão! Não é um programa para quem entende de música e quer saber mais sobre o assunto". Os clips são separados em blocos temáticos: Nudez, Sex Symbols, Striptease e Sexphone.

E como tudo é quente no *Al Dente*, as modelos morrem de calor. Apresentam os programas com shortinhos, tops, pijamas e camisolinhas de seda, num cenário que inclui uma cama, vários espelhos e muitas fotos de olhos para dar a idéia de voyeurismo. Tudo na maior classe, como Rodrigo faz questão de deixar claro. "Vamos passar sedução e sensualidade, mas com muito bom gosto. Sem baixaria". Resista se for capaz...



"Sex Drive"

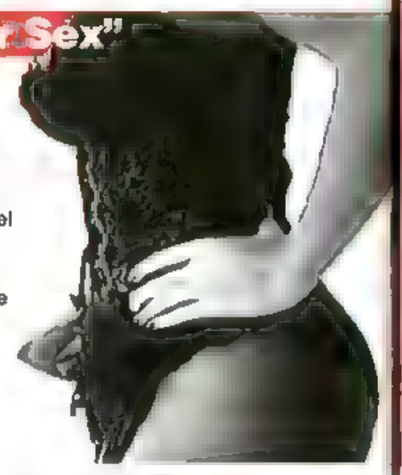
Rolling Stones



"I Want Your Sex"

George Michael

Outro clip que foi tesourado lá fora e aqui passou sem cortes. A mensagem até que é moralista: George Michael prega a monogamia. No entanto, as imagens do cantor refestelando-se ao lado de uma deusa oriental e as cenas de sadomasoquismo não caíram bem para os padrões de decoro internacionais.



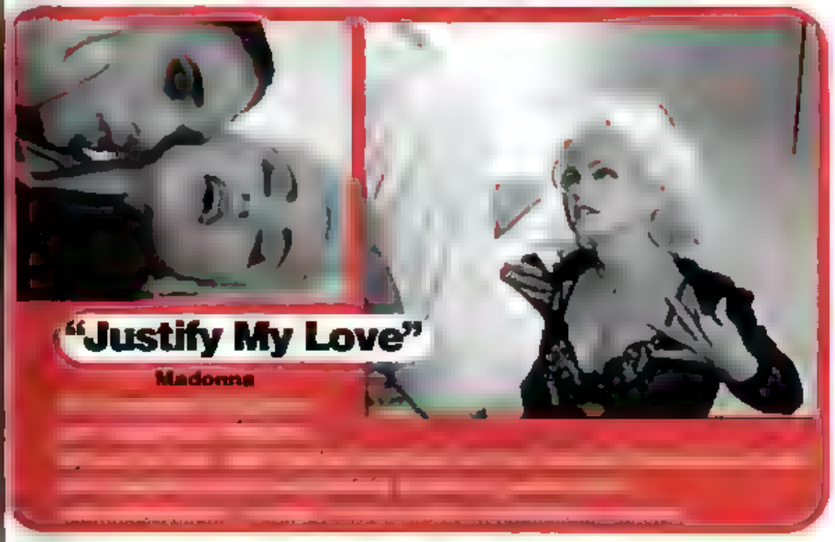
"Pull Up To The Bumper"

Patra

"Sweet Emotion"

Aerosmith

Sucesso do Aerosmith nos anos 70, "Sweet Emotion" é transplantada para o anos 90 numa roupagem erótica. O clip conta os delírios de um rapaz enquanto ele conversa com uma parceira de telesexo. Ele a imagina de cabelos castanhos e fogosa. Atenção para a – desagradável – surpresa no fim.



"Justify My Love"

Madonna

os gostosos da MTV

1 - "Mr. Loverman" • Shabba Ranks
2 - "Garota Nacional" • Skank
3 - "Wicked Game" • Chris Isaak
4 - "Not Enough Time" • INXS
5 - "Love Will Never Do" • Janet Jackson
6 - "I'm Too Sexy" • Right Said Fred
7 - "People Are Still Having Sex" • La Tour
8 - "Cradle of Love" • Billy Idol
9 - "Hot For Teacher" • Van Halen
10 - "Sexual Healing" • Marvin Gaye
11 - "Connection" • Elastica
12 - "Pop Song 89" • R.E.M.
13 - "Pedra Flor E Espinho" • Barão Vermelho
14 - "Control" • Traci Lords
15 - "Dogs Of Lust" • The The

JOÃO BARONE

O craque das baquetas ensina a batucar no vídeo *João Barone Dá O Toque* e diz que os Paralamas foram os pioneiros do reggae brazuca

Por que fazer um vídeo de bateria?

Está acabando o preconceito de que a bateria é um instrumento barulhento, um trambolho. Eu aprendi a tocar vendo os outros, mas acho importante que exista material didático.

Ele serve de prenúncio para um disco solo?

Tenho vontade... É um desenvolvimento natural. Comecei a pensar nele, mas só vou fazê-lo quando tiver assunto suficiente.

E como vai o projeto Charles Angel's, com Charles Gavin (Titãs) e Igor Cavalera (Sepultura)?

O Charles está esperando uma brecha na turnê para eu e o Igor batermos cabeça (*risos*). Seria um álbum bem pesado (*risos*), meio Pantera.

O que você acha do sucesso do Skank e de outros grupos com influências do reggae?

Os caras do Skank são muito talentosos. O som do Mundo Livre e Chico Science também tem elementos de reggae, mas é distinto. Até mais radical. O Fred 04 é genial. O Chico é mais performático. Gosto muito do som deles.

O Herbert deu uma guitarra e você deu uma bateria para o Mundo Livre. O Paralamas virou a nova babá do pop brasileiro?

O Herbert já tinha dado uma guitarra para o Cidade Negra e deu uma outra para o Mundo Livre. A bateria eles descolaram antes que eu desse. Nós somos bons samaritanos (*risos*).

"O novo disco é visceral como nos tempos em que a gente era um trio"

O Skank só grava com bateria programada. O que você acha?

O reggae é um gênero musical que se presta à bateria eletrônica. O próprio disco do Sly Dunbar, é uma síntese disso. O Skank faz muito bem esse trabalho. Mas eu prefiro gravar ao vivo, não quero soar como dance music.

[illegible] pessoal [illegible] punk?

Ouço Rancid e No Doubt direto no carro. Sempre acompanhei o ska de perto. O Paralamas é o pioneiro no reggae e ska no Brasil.

O novo disco segue a fórmula mais pop dos anos tempos e foge do experimentalismo de *Severino* e *Os Grãos*, que não deram críticas tão boas...

Nós não temos um livro de receita. Vamos fazendo e vemos no que dá. Este disco retoma a estética de quando éramos um trio. Ele soa mais cru, mais visceral. Mas *Severino* e *Os Grãos* foram muito importantes para nós.

"Lourinha Bombril", do grupo argentino Los Twins, foi a primeira música de trabalho do novo disco. Por que?

A música ficou tão diferente da versão original que a consideramos como se fosse do Paralamas. Só tem uma frase da letra original! Já tocávamos em shows e percebemos que funcionava.

Você compõe com outros parceiros ou só se reporta dentro do círculo do Paralamas?

Sou um compositor bissexto. Nosso trabalho funciona com o Herbert trazendo letras, voz e violão, e eu e o Bi entramos com o complemento.

O Paralamas está centrado na figura do Herbert. Ele é quem manda?

No início eu ficava puto porque a imprensa só queria falar com ele. Mas o Herbert faz as letras e só ele pode responder por elas. Quanto ao resto, pode perguntar para mim ou ao Bi. As decisões são tomadas em conjunto.

APOIO:

É PolyGram.

REVISTA SHOWBIZZ

89 A RADIO ROCK

MAIS UM SHOW

GRÁTIS: CD

SURF MUSIC

Incluindo

PENNYWISE

NOFX

NO FUN AT ALL

SHELTER

MILLENCOLIN

DOWN BY LAW

FUIR FUIR FUI

Novas e velhas da Zizi

ZIZI POSSI
Mais Simples
PolyGram

• O décimo-terceiro disco de Zizi Possi representa dois fatos: a volta a uma gravadora grande e a afirmação da estética forjada nesse período. Assim, a renovação imprimida por Zizi à MPB chega ao mainstream. Demonstra, mais uma vez, que é a melhor cantora do gênero na década de 90. O disco exibe concisão nas suas 14 faixas. Zizi se concentra na interpretação, sem dar vez ao sentimentalismo, reinterpretando canções novas e velhas.

É o terceiro volume de uma obra que se iniciou em 91 com o CD *Sobre Todas As Coisas* e teve seqüência em *Valsa Brasileira* (93). Se há defeitos a serem apontados em *Mais Simples*, eles se resumem na escolha do repertório e na maneira como ele foi organizado de faixa a faixa. As canções mais desafiadoras – "Olho De Peixe" (Lenine) e "Filho De Santa Maria" (Itamar Assumpção) – ficam no começo. O final é um desfile de clássicos do samba. Poderia ter escolhido menos músicas antigas conhecidas e revelado compositores contemporâneos. Neste aspecto, Zizi exagerou ao incluir três músicas do rebolativo professor José Miguel Wisnik, um compositor de canções bonitinhas, mas restritas à imitação caetânica estilo cult paulistano. Questão de gosto, não de arte.

Luís Antônio Giron

JON ANDERSON
Toltec
High Street/BMG-Ariola
A lesma lerda do misticismo

• O hippie-mór do Yes, Jon Anderson, permanece perguntando se os deuses eram astronautas. Em *Toltec*, ele busca respostas na civilização pré-colombiana dos toltecas. E tome letras cheias de mensagens positivas e todo aquele misticismo desembrulhado, característico de Anderson desde os anos 70.

Algumas boas melodias de inspiração mexicana são diluídas em arranjos muito bananas, encharcados pelos teclados do novo colaborador, Keith Richard Heffner. Se este disco tem alguma utilidade fora agradar os fãs do cantor, é servir como trilha para documentários do *Discovery Channel*. A essa altura da carreira, Anderson pode fazer o que quiser. Mas deveria evitar coisas tão constrangedoras como massacrar o "Ave Verum" de Mozart, registrado no encerramento do disco.

Marcos Sampaio

BARÃO VERMELHO
Álbum
WEA
Barão na casa alheia

• Visitar o repertório alheio virou tendência mundial e aqui não podia ser diferente. O Barão Vermelho remexeu no baú e sacou este *Álbum* com as favoritas da banda no samba. MPB, Jovem Guarda e rock, em arranjos que fazem quase tudo soar como novidade.

"Pedidos Na Selva", da Gang 90, virou rock pesado com o grito de Tarzan resgatado num arranjo latino, e "Um Índio", uma das mais belas canções dos Doces Bárbaros, ganhou cores de Jimi Hendrix. "Só As Mães São Felizes" (Cazuza/Frejat) tem uma levada standard de blues e voz sombria. Na categoria funk entraram "Vem Quente Que Eu Estou Fervendo" (Erasmo Carlos) com uma certeira guitarra wah wah, e "Maior Abandonado" (Frejat/Cazuza). Um bom acréscimo à discografia do Barão, que conta com dez discos de estúdio e dois ao vivo desde 82, e um intervalo para bunlarem repertório próprio para o próximo CD. Neste *Álbum*, o Barão apertou, fumou e curtiu a maior onda.

Jamari França

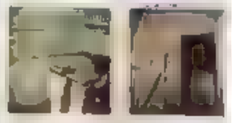
CASSANDRA WILSON
New Moon Daughter
Capitol/Emi-Odeon
Diva absoluta do novo jazz

• Cassandra Wilson é a única cantora jovem de jazz a merecer a alcunha de diva absoluta. *New Moon Daughter* (95), seu novo álbum, tem menos lampejos sublimes que o anterior (o belo *Blue Light Till Dawn*), mas ainda assim assume o caráter de obra referencial para os dias em que vivemos. A voz grave e aveludada de Cassandra está calma sem perder sua força e os arranjos econômicos seguem com acuidade a premissa de que *less is more*.

New Moon Daughter é oco, nobre, de finíssimo bom gosto e consegue alcançar esse patamar com o repertório mais eclético já selecionado pela cantora. Há uma belíssima versão para "Love Is Blindness", composição da fase eletrônica U2, apenas com voz e percussão. Cassandra também transita por Neil Young ("Harvest Moon", o único equívoco do disco, reinterpreta Robert Johnson ("32-20") com uma levada seca de latin jazz encantadores ouvidos com o standard "Skylark" (de Hoagy Carmichael) e explora maravilhosamente o violino de Charlie Burnham no folk n country "I'm So Lonesome I Could Cry", do cantor country Hank Williams.

Entre suas composições, destaque absoluto para o arranjo exclusivamente para cordas, gracioso e quase infantil, de "Find Him". Em *New Moon Daughter*, Cassandra Wilson experimenta, cativa e chega muito perto de onde a essência da beleza está.

Christian Petermann



HOOTIE & THE BLOWFISH
Fairweather Johnson
Atlantic/Continental

SPIN DOCTORS
You've Got To Believe In Something
Epic/Sony Music
Coisas do rock lanque

• O rock americano tem dessas coisas. De repente uma bandinha que passou anos rolando em festas universitárias e boteens aparece com um hit que gruda como chiclete nas paradas. O problema é manter esse sucesso com competência suficiente para não virar apenas a banda de mais um verão – alguém aí se lembra dos Counting Crows?

Pois bem, agora o grupo da vez é o Hootie & The Blowfish. O quarteto da Carolina do Sul vendeu 13 milhões de cópias de seu primeiro álbum e tinha a missão de manter o resultado no segundo tempo de jogo. Pode até ser que *Fairweather Johnson* não venda tanto assim, mas uma coisa é certa: os caras não deixaram a peteca cair, com canções como "Be The One" e "She Crawls Away".

Já o Spin Doctors é de dar dó. Ninguém gosta de chutar cachorro morto, mas é insuportável ouvir Chris Barron e asseclas tentando fazer rock n roll mais uma vez. Escute a terrível balada "She's Not You" ou o pseudo-blues "Bout A Train", e depois diga se estou errado.

Helio Gomes

CHICO CÉSAR
Cuscuz Clã
MZA/PolyGram
O pararbano cai na dança

• E não é que Chico César conseguiu fazer um segundo disco, com superprodução do superprodutor Mazolla, 15 faixas, banda e tudo o mais? Inspirado pela temporada dançante que ficou um tempão no Bien Bien Club (São Paulo), Chico fez um disco "dance" – se é que no seu conceito de dance cabem folia de reis, bate-umbigo, arrasta-pé, funk e chorinho.

Aos Vivos, seu álbum de estréia, mostrava mais o brilhante compositor – e a prova é não só o elenco de estrelas que já gravou Chico. Mas *Cuscuz Clã* tem alguns achados: "O marmanjo é um anjo com arranjo de flores" ouve-se em "Asas". Chico capricha também na interpretação, e, se ele se libertou dos caetanismos, parece que também deixou escapar algo na garra da estréia. Mas faixas como "Isso" e "MPB 5" mostram que Chico está construindo alguma coisa e não importa que ainda não esteja claro o que é.

Ivor Prado

NEGRIL
Negril
PolyGram
Receita fria de reggae

• Reggae, rhythm n blues, blues, essas coisas não cabem direito nas partituras. Tem coisas ali, no jeito de tocar, de cantar, que não dá para escrever. A nda tem a história atrás, a atitude dos caras, aquele álcool, aquela fumaça. Pra querer chegar junto não é mole. O grupo Negril, que está começando, preferiu nem tentar. Então acontece de algumas receitas que, a gente sabe, são servidas bem quentes, aqui parecem um pouco mornas as vezes até frias.

O disco de estréia do grupo tem a cara dura de uma versão de Steel Pulse – perigo que bandas de reggae em todo o mundo rezam para não ter de enfrentar – mas é acanhado diante das inúmeras possibilidades que o reggae tem de soar brasileiro e bom. Não é um mau começo, mas dá para tirar bem melhor. O negócio é que o Negril apareceu na pior hora da paróquia: ficou ainda mais difícil fazer reggae por aqui depois do Cidade Negra, do Skank e do Rappa. Qualquer um que apareça agora com pouca munição corre o risco de lançar apenas parecido com um ou com outro.

Otavio Rodrigues

Metal chega à maturidade

Baiolas? Vendidos? Não importa: o Metallica fez um discaço de rock

• Não acredite em tudo que se ouve ou em tudo que se lê. Falam que o Metallica é o novo Bon Jovi, é metal de muitos milhões de dólares. Não sei nem quero saber. Aquilo que ouço em meus headphones é o que interessa. E o que digo é: *Load* é um trabalho maduro.

O disco traz o que, em termos de gravação, chamamos de *state of art*. Tradução: muitas, muitas horas (18 meses) nos melhores estúdios, com os melhores engenheiros para criar, recriar, experimentar e captar da melhor forma cada nota de cada instrumento, de cada momento. Tecnicamente impecável. Muito peso, energia, estilo, bom gosto e boas performances.

James Hetfield está cantando muito. As baladas que o digam. E curioso é que exatamente isso que me agrada mais no disco: a qualidade das canções e melodias. "Mama Said", por exemplo, é uma das melhores que a banda já compôs. E daí? Isto é coisa para tocar no rádio? Tanto faz. O que importa é se é bom ou não. Não perca seu tempo comparando esse disco com trabalhos anteriores. Faz cinco anos que o álbum preto foi lançado. De lá para cá, muita coisa mudou. *Load* vale a pena, e muito.

Charles Gavin

METALLICA
Load
Vertigo/PolyGram

SPACEHOG
Resident Alien
Elektra/WEA

Filhotes do velho Bowie

● Com apenas dois anos de estrada, o Spacehog – quarteto formado por ingleses radicados em Nova York – estréia em CD direto numa grande gravadora, e já está confirmado como banda de abertura da nova turnê do Chili Peppers.

Engendrada pelos irmãos Royston (voz e baixo) e Anthony Langdon (guitarra), fundadores do Spacehog, a sonoridade de *Resident Alien* traz a influência do criativo e especial David Bowie dos anos 70 – principalmente a fase do álbum *Ziggy Stardust*. "In The Meantime" e "Starside" são bons exemplos.

O melhor é que em vez de copiar, o Spacehog prefere atualizar a herança de seu mestre, inclusive reforçando as guitarras. Há ainda ecos esparsos de The Who, Frank Zappa (!) e do neo-punk dos anos 90.

O destaque do álbum fica para a balada "Only A Few", exatamente a faixa em que o grupo soa mais original. A base de elementos simples – bateria com chimbau aberto, guitarra impressionista, falsete e segunda voz – a canção revela o sublime. O Red Hot que se cuide.

Cláudio Luís de Souza

VÁRIOS
Casa De Samba
PolyGram

Miltinho brilha acima de todos

● Só por ter tirado de casa o grande Miltinho, este belo projeto já valeria seus suados caraminguás. Mas ele não fica só nisso: tem até homenagem a Roberto Ribeiro (Nelson Rufino cantando "Todo Menino É Um Rei") e Elza Soares recriando "Se Acaso Você Chegasse", o clássico de Lupicínio Rodrigues que a lançou para o Brasil e uma avalanche de prazer.

Casa De Samba tem duetos esquisitos mas, por outro lado, traz a aula de canto e emoção de Beth Carvalho e Nana Caymmi. Nada, porém, supera Miltinho, o Garrincha da divisão, deixando umas brechinhas para Zizi Possi entrar em "Cara De Palhaço".

Pedro Só

LÔ BORGES
Meu Filme
EMI-Odeon

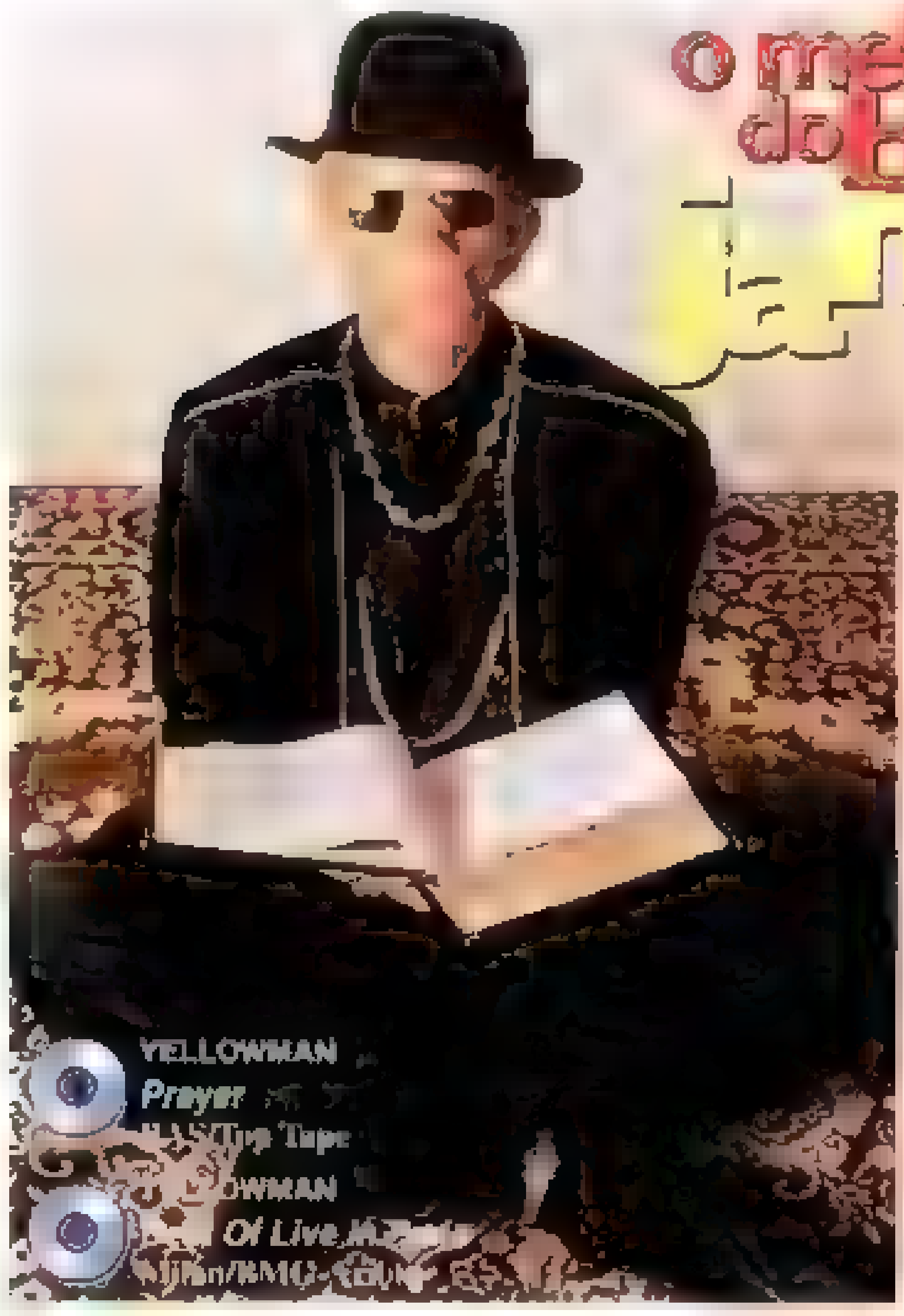
Peter Pan à mineira

● Há artistas imunes à ação do tempo. Quando Lô Borges abre a boca para cantar suas baladas (e isso é raro), parece que os anos 70 nunca vão passar. Este Peter Pan da melodia mineira encanta por ser eternamente afinado ao espírito de Milton ancestral.

Seu novo CD surpreende pelo bom corte das canções e a intensidade dos arranjos, a cargo do percussionista Marcos Suzano e do grupo Uakti. A faixa-balada "Alô" traz um luxo especial: Milton Nascimento tocando sanfona. E vejam só: Caetano Veloso faz dueto com Lô na música "Sem Não", parceria dos dois.

A melhor música do disco é só dele, "Solto No Mundo". Diz em autodefinição: "Se pinta uma de a ela vou/Se pinta preguiça eu vou/Ou... Quando canto é só prazer/Vida nova". Compacto e simétrico feito Belo Horizonte, Lô segue na busca de uma arte introspectiva, fundada na integridade.

Luís Antônio Giron



O melhor do blablablá jamaicano

● Winston Foster, mais conhecido como Yellowman, é o responsável direto pela evolução do raggamuffin, a mistura de reggae e rap que faz os jamaicanos perderem as estribeiras. Este albino quarentão que teve peito de misturar sua ladainha eletrônica com o rap, trabalhando com Bill Laswell, Afrika Bambaata e/ou colocando uma boa dose de letras picantes na batida do reggae.

Os dois CDs que estão sendo lançados agora mostram que o amarelão ainda dá no couro. *Prayer* tem como destaque a faixa-título, dividida com os Mighty Diamonds, a regravação à sua maneira em "Oh Carolina" – sucesso em todo o mundo com Shaggy – e mais um punhado de grooves eletrônicos matadores. Melhor ainda é *Live In Paris*. No palco, Yellowman é mais livre para disparar sua ladainha libidinosa, auxiliado pela banda Sagittarius – preste atenção no baixista Derrick Barnett, um monstro nas quatro cordas. O albino desfila hits como "Nobody Move, Nobody Get Hurt", de Toots Hibbert –, "Bam Bam", "Yellow Like Cheese", "Jamaica Nice" e outros.

Sérgio Martins

DANCE HALL CRASHERS
Lockjaw
510 Records/MCA

Música para suar em bicas

● E o ska virou moda no Brasil. O que justifica o lançamento deste álbum do Dance Hall Crashers por aqui. Inicialmente um projeto paralelo dos integrantes do Rancid, o grupo criou vida própria a partir de 92, agrupa duas vocalistas e contabiliza dois discos por selos independentes.

Lockjaw é a estréia do Dance Hall Crashers numa gravadora grande e chega embalado por uma superprodução. Tem até engenheiro de som do Specials, banda lendária do movimento ska londrino.

Musicalmente, o Dance Hall Crashers não acrescenta muito. Soa como a banda brasiliense Maskavo Roots com mais punch punk ou um Green Day com excesso de maconha. *Lockjaw*, porém, tem o efeito de fazer você suar em bicas de tanto dançar. E, afinal, não é isso que se espera de um bom disco de ska?

S.M.

Metal em revista

● "Fãs de Bon Jovi não devem encomendar" é o que recomenda o material de divulgação do recém-lançado CD-magazine *Metallurgy*. Editado trimestralmente na Inglaterra pela mesma equipe responsável pelo já consagrado *Volume* (sempre no encalço do que há de mais novo e ousado nas cenas dance e indie-rock), a publicação fecha com todas as manifestações de música pesada, incluindo aí as vertentes ligadas ao industrial, ao novo hard e as punk/hardcore.

A capa, um "robô-peixe" de olhos estatelados e bocarra entreaberta, antecipa a absurda exibição de pancadaria inserida no disco: músicas inéditas – ou em raras versões ao vivo/remix – de bandas tão radicais e díspares quanto o Stanford Prison Experiment, Napalm Death, Sepultura ("Refuse/Resist", gravada ao vivo em Milwaukee, nos Estados Unidos), Helmet, Kyuss, GZR, Young Gods, Stanley (ecos do Big Black ressoam em "Spreader"), Fear Factory e Quicksand.

Arthur G. Couto Duarte

JOHN HAMMOND
Found True Love
Pointblank/Virgin

Blues para a nova geração

● O guitarrista e gaitista John Hammond é o branquelo mais negrão do blues contemporâneo. Apesar das aparências, o filho do produtor que revelou ao mundo o lendário Robert Johnson carrega de forma brilhante as tradições que aprendeu com mestres como Howlin' Wolf e Muddy Waters ao longo de décadas na estrada.

Neste ótimo *Found True Love*, Hammond conta com o auxílio luxuoso do grande Duke Robillard, guitarrista de primeira que co-produz o álbum (a parceria entre os dois pode ser vista também no Nescafé & Blues deste ano). As doze faixas de *Found True Love* mostram que o cantor, gaitista e guitarrista, é um garimpador brilhante, capaz de resgatar pérolas escondidas no passado e apresentá-las em novas versões às gerações vindouras.

Os melhores momentos ficam por conta do slow blues "The First Time I Met the Blues" e da divertidíssima "Evolution Blues", em que John Hammond conta como um homem pode voltar às suas origens mais selvagens pelo amor de uma mulher.

Hélio Gomes

OZ
Sangre De Dios
Berlin Records

VÁRIOS
Uncult
Cult FM

Rock na terra da mamata

● Não tem só burocrata em Brasília. Bem longe da mamata, fica a terra de Oz, em que os Pixies ainda vivem ("Space Cake") e Sartre e Camus caem no hardcore ("Très Bien Mon Ami"). Este CD prova que baixo não precisa fazer figuração numa banda, letra em inglês pode ser legal e com três instrumentos e um pouco de criatividade se fundem ritmos a gosto. O Oz tem cérebro, coração e coragem.

A coletânea acústica *Unculted* comemora os quatro anos do programa Cult 22, da Cultura FM de Brasília, ao som de quatro bandas de candangos. O Oz soa bem, mas o psicodelismo do Low Dream chama mais a atenção. Mais maduros, Prava e Maskavo Roots ficam em segundo plano aqui.

Jaime Biaggio

NANCYBOY
Nancyboy
Sire/WEA

Armação é cultura

● O Nancy Boy é um fenômeno de mistura de épocas e um sinal dos tempos: o cantor e modelo Donovan Leitch é filho do baladeiro Donovan e o guitarrista Jason Nesmith é filho do Mike Nesmith. O produtor Shel Talmy trabalhou com Kinks e Who nos anos 60.

A música que resulta dessa mistureba é bem feita, copiando coisas boas dos anos 70 e 80, desde o Bowie fase *Ziggy Stardust* até o Ultravox dos tempos de John Foxx, passando por Magazine (o inglês) e o primeiro Duran Duran. O Nancy Boy é um raro caso de armação que também é cultura – um museu de pop divertido.

Marcos Smirkoff

SIN WITH SEBASTIAN
Golden Boy
Sing Sing/BMG-Ariola

A desvairada do mundinho

● Para quem gosta de baba, aqui está um babador perfeito: rosa e cheio de rendas, o debut-álbum do cantor alemão de dance music Sebastian.

Na primeira audição, o menino parece um projeto montado entre os integrantes do Erasure, Pet Shop Boys e New Order, cantando como uma desvairada com sotaque à la Marlene Dietrich. As letras são cheias de referências autobiográficas, relacionadas a decepções amorosas e mensagens sobre sexo seguro: "Put it on, come on. I like it fast, safe and strong" ("Coloque e venha, eu gosto de fazer rápido, seguro e forte"), diz um trecho de "Put It On". Agora é só gravar em cassete, colocar no seu walkman e sair vestido com uma camiseta GLS.

Alexandre Russo

RÁPIDO & RASTEIRO

Bofinhos em profusão! Pensem rápido: o que acontece quando quatro rapazes bem apessoados e com capacidade mental reduzida resolvem fazer música? Se juntam e formam uma banda, ora bolas! É isso que fazem (ou tentam fazer) os inglesinhos do **WORLDS APART**, uns modelões com cara pra lá de suspeita que fazem dance de quinta. Em **Everybody** (EMI-Odeon), todas as faixas parecem ser a mesma, com exceção de "Someone Like You". Parece Take That. Menos pior é **Up All Night** (PolyGram), do **EAST 17**. O álbum traz pelo menos bons arranjos de teclados numa faixa jungle, "Looking For". Pena que seja a única boa. E o **COLOR ME BADD** – exceção americana nos grupos de garotinhos –, que já foi uma promessa, volta com **Now & Forever** (BMG-Ariola), um CD cheio de babas gostosinhas e irritantes. Destaque para a bela "Tonite, Tonite", totalmente à capella com lindos e afinadíssimos vocais. Os precursores do rega-bofe também comparecem. **Greatest Hits** (BMG-Ariola) reúne os maiores sucessos do **TAKE THAT**, de longe o melhor grupo de quatro rapazes (o quinto deles, Robbie Williams saiu em 95). Estão lá, as maravilhosas covers de "How Deep Is Your Love", dos Bee Gees, "Could It Be Magic", de Barry Manilow, e o hit "Back For Good". O resto? Bem, o resto é legalzinho e totalmente desnecessário.

O **C+C MUSIC FACTORY** (MCA) arranha uma volta com um álbum homônimo. Tudo bem que é um projeto mas... as divas sumiram. Zelma Davis não dá as caras há tempos e a formação já mudou trocentas vezes. O CD traz 30 minutos de latino-dance, acredite se quiser! Mas, tirando a tortura, o que sobra ainda é bem melhor que muita porcaria lançada por aí como "projeto". Tipo **Energy+Harmony** (Fieldzz), do **PLANET SOUL**, que faz o que o próprio C+C fazia anos atrás. Sobram os bons vocais garage de Benda de Leon e Aka Brenda Dee. Socorro!

CLÁUDIA GRECHI

Bolsa de discos

Média	Disco	Claudio L. De Souza	Israel Do Vale	Leticia Cadmon	Marcelo Ambrosio	Marcelo Faria	Marcelo Fróes	Paulo Vieira	Ricardo Alexandre	Robert Halfoun	Tatola
7,6	CARLINHOS BROWN *Alfagamabetizado* Virgin/EMI	4	8	8	8	7	9	8	7	9	8
7,6	SOUNDGARDEN *Down On The Upside* PolyGram	6	7	8	7	•	8	7	9	9	8
7,5	EVERYTHING BUT THE GIRL *Walking Wounded* Virgin	8	9	10	6	7	8	•	6	9	6
7,5	ELVIS COSTELLO *All This Useless Beauty* WEA	7	•	8	9	•	8	6	8	•	7
7,4	BEASTIE BOYS *The In Sound From Way Out* EMI	4	9	7	6	•	9	•	10	7	•
7,0	D. FHALA *Top Hits* Copacabana	6	8	•	•	7	7	•	10	5	6
6,7	THE CURE *Wild Mood Swings* PolyGram	7	7	7	7	7	9	6	1	9	7
6,6	GEORGE MICHAEL *Older* Virgin	5	8	10	8	4	10	5	5	9	2
6,2	ARNALDO BAPTISTA *Singin' Alone* Virgin	3	•	•	7	•	7	•	9	•	5
5,0	PSYCHO DROPS *Medo De Ninguém* WEA	0	5	•	6	5	6	4	7	6	6

CD's • VHS
LD's
SEMPRE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO
LONDON CALLING
RARIDADES DE: U2 • CURE • MADONNA • METALLICA • ZEPPELIN • ROXETTE • E TODOS OS ESTILOS
A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO
TEL-FAX: (011) 223-5300
RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA - LOJA 15 - CEP: 01041-000 - CENTRO - SP

SWEET JANE
ROCK RECORDS
(011) 288-4847
fone/fax
LANÇAMENTOS RECENTES
UMA SELEÇÃO DE CAIXAS (BOX SETS)
AV. PAULISTA, 726 Loja-9 - São Paulo - SP

Chocolate afrodisíaco

• **BARRY WHITE** ganha uma reedição brasileira dos onze títulos lançados pela sua gravadora a Unlimited Gold Records, entre 75 e 85. A pacoteira da Top Tape tem início com três álbuns do final dos anos 70 e começo dos 80. Em dois deles – **The Message Is Love** (79) e **Sheet Music** (80) –, o Barry cantor está em alta. A voz grave e manemolente, as letras pegajosas e os arranjos orquestrados marcam presença constante. Várias músicas de *The Message Is Love* fazem parte da história da disco, com destaque para "It Ain't Love Babe (Unti You Give It Up)", que abre o CD com chave de ouro; "Hung Up In Your Love", que segue com um groove levemente canhenho e solos jazzísticos de piano, e as românticas "Love Ain't Easy" e "I'm On Fire".

Em *Sheet Music*, o soul "Ghetto Letto", que começa com um zum zum chupado de "What's Going On", de Marvin Gaye; "I Believe In Love" e a música-título detonam qualquer pista de dança.

Em **Rise** (83), White atua como maestro-mentor de Love Unlimited Orchestra, fazendo a cama para os vocais do trio feminino Love Unlimited, criado por ele em 69. Os momentos altos são "Do It To The Music... Please" (um balanço eletrônico nervoso, com vocais quase P. funk) e o clássico das sessões de música lenta dos anos 80, "Ana Lisa".

Ricardo França Cruz

Henry Mancini em dose tripla

o dono da Pantera

• Ao longo de 40 anos de carreira, o maestro e compositor **HENRY MANCINI** (1914-1994) conseguiu o improvável: tornar-se um superstar fazendo trilhas para filmes e seriados de televisão. A BMG está importando a caixa **The Days Of Wine And Roses**, com três CDs, cobrindo o melhor da carreira dele. O primeiro grande sucesso de Mancini foi o tema do seriado *Peter Gunn*, em 1958. Este tema tinha muito a ver com rock instrumental, sendo regravado por Duanne Eddy, Ventures e muitos outros. Nos anos 60, Mancini e suas orquestrações sofisticadas dominaram as paradas, como os temas dos filmes *Bonequinha De Luxo*, *Charada* e, principalmente, *A Pantera Cor-De-Rosa*, que se transformou numa espécie de cartão de visitas do maestro. A caixa também tem material de Mancini dos anos 70, como "Movie Mystery Theme", que era usado na abertura de seriados como *Columbo*, *McCloud* e outros. Para quem gosta da nata da música americana, nada melhor do que esta caixa.

Paulo Cavalcanti

Tangerina new age

• O selo britânico Castle traz de volta quatro álbuns do grupo progressivo alemão **TANGERINE DREAM**. Os discos são **Eletronic Meditation** (70), **Zeit** (72) **Atem** (73) e **Green Desert** (73).

O Tangerine Dream tem sido classificado em vários arquivos correlatos, entre eletrônicos, psicodélicos, new agers e ambientais. O primeiro registro do conjunto é pop, em 66, passando por uma fase Doors/Hendrix até a "descoberta" do Pink Floyd, em 68/69. *Eletronic Meditation* recorda essa fase, com o trio formado por Edgard Froese, Klaus Schulze e Konrad Schnitzler mergulhando em experimentalismos sonoros da mesma linha das faixas instrumentais de *Ummagumma* ou *More*, do Floyd.

Zeit apresenta o Tangerine Dream com sua formação mais duradoura (Froese, Chris Franke e Peter Baumann) e com personalidade musical bem definida. Soturno, lúgubre em alguns momentos, mas surpreendentemente belo, *Zeit* sugere imagens, um valor que o TD iria explorar mais tarde fazendo trilhas sonoras. Brian Eno, Cluster e companhia ouviram *Zeit* muito, com certeza.

Mais pop no sentido de acessibilidade, *Atem* é também o álbum de franca experimentação do Tangerine. Já *Green Desert* é fraco. Os sons do velho sintetizador VC-3 aparecem cercados de cordas digitais, decorando melodias banais e solos decalcados em David Gilmour.

Marcos Sinkoff

O pai dos Raimundos

• **Esperava ficar perdido ao começar a escrever este texto, pois LUIZ GONZAGA, o homenageado, nunca fez parte da minha discoteca básica – apesar de existir um tal de forró-core nela. Mesmo sendo um leigo no assunto, ouvi os três CDs de Cinqüenta Anos De Chão e cheguei à constatação: quem nunca cantou ou cantarolou "Asa Branca", "Paraíba", "Luar Do Sertão"? Esta coleção mostra a versatilidade ao longo das diferentes fases da vida do autor e cantor. A mocidade pode ser observada durante a década de 40, quando suas músicas eram voltadas para o bom humor e a malícia sutil – caso de "Vem Morena".**

A partir da década de 50, Luiz Gonzaga passa a cantar saudades, relembrando festas, rodas, paisagens e o povo da terra natal. Para isso, usa a pura linguagem popular: "Meu amor não vá s'imbora /Fica mais um bucadinho..." ("Forró No Escuro"). Ele cantou também, em "A Tristeza Partida", a saída desesperada do sertanejo para o Sul, fugindo da seca.

Em outra fase, coincidência ou não, percebi uma trilogia da fisiologia masculina. "Apologia Ao Jumento" mostra a virilidade do animal; "Ovo de Codorna", de 71, passa a receita para um homem mais maduro (àquela altura, Luiz estava com 59 anos), e, cinco anos depois, "Capim Novo" contraria o ditado "panela velha é que faz comida boa". O homem simples e autodidata em seu instrumento atinge todas as camadas da sociedade e passa por cima de todas as formas de preconceito contra o sertanejo.

Fred "Raimundo" e Cris Lobato

Gonzagão, o sertanejo que encanta até os Raimundos

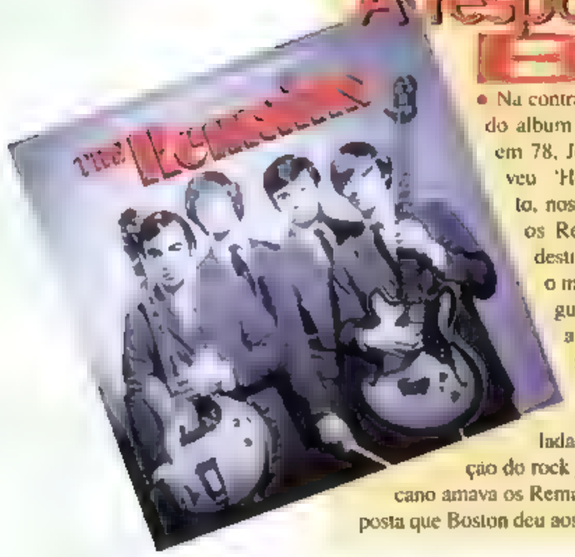
Pirum jüngle jangles a mais

• Assim como aconteceu com The Who, Monkees e outros grupos importantes dos anos 60, os **BYRDS** agora também têm sua discografia relançada, com som remasterizado, libreto e faixas-bônus. Isto pode ser uma boa ou má notícia. Quem realmente se interessa pelo grupo vai ter de comprar novamente os discos e aposentar os antigos. Por enquanto, saíram os quatro primeiros e melhores álbuns do grupo: **Mr. Tambourine Man, Turn!Turn!Turn!** (ambos de 1965), **Fifth Dimension** (1966) e **Younger Than Yesterday** (1967). Vale o investimento. Alguns dos petiscos são versões alternativas (e significativamente diferentes) para clássicos como "Eight Miles High" e "The Times They Are A Changing", além de raridades como "Don't Make Waves", que só tinha saído em compacto. A qualidade sonora é cristalina e o acabamento gráfico, de primeira. Adquirindo estes discos, você vai ter o melhor do folk-rock, do psicodelismo e do country rock.

Paulo Cavalcanti

CDs dos Byrds são relançados com faixas-bônus

A resposta americana aos Beatles



• Na contracapa da reedição do album dos **REMAINS**, em 78, Jon Landau escreveu "Houve um momento, nos anos 60, quando os Remains pareciam destinados a conquistar o mundo. Não conseguiram... Mas foram a banda americana mais excitante da época..." Não é uma opinião isolada – a nata da geração do rock journalism americano amava os Remains, a melhor resposta que Boston deu aos Beatles.

Em 1966, descontentes com a Epic e desconcertados por seus discos serem produzidos pelo acadêmico Billy Sherryl, os Remains concordaram em fazer uma audição para a Capitol, reproduzindo o set do seu show ao vivo. A sessão foi gravada diretamente, num só take, sem overdubs, capturando a lendária energia que demonstravam no palco e somente agora acaba de ser oficialmente editada em CD e vinil, com qualidade cristalina. Artisticamente gloriosos, os Remains, na sua curta carreira, não deixaram de ser punks: em **Session With The Remains**, eles provam que qualquer musica, mesmo "Like A Rolling Stone", pode ser metamorfoseada em "Louie Louie".

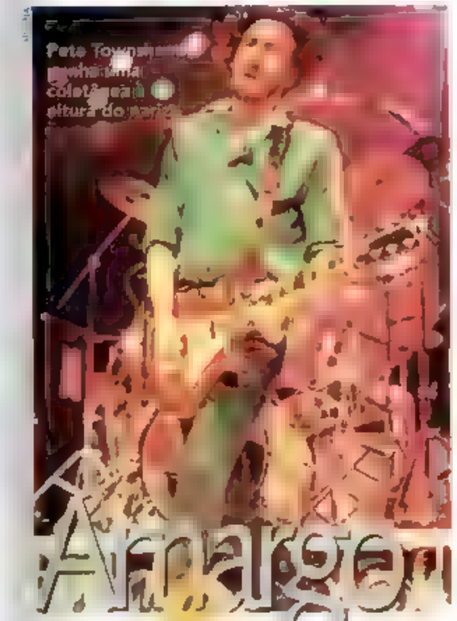
René Ferri

Som pra fazer a cabeça

• O **JEFERSON AIRPLANE** foi uma das grandes expressões do rock psicodelico. Seus álbuns *Surrealistic Pillow* (67) e *Volunteers* (69) se encontram entre os momentos fundamentais dessa seminal bifurcação do rock sessentista. Mesmo intimamente ligada à década do amor e da flor, a banda americana tentou seguir em frente nos anos 70. Pela primeira vez, a BMG Ariola lança em CD os dois trabalhos de estudio gravados por eles nesse periodo **Bark** (70) e **Long John Silver** (71). Fora de catalogo há décadas, são discos irregulares, porém interessantes. As edições são luxuosas, com direito a libretos recheados de informações e também à reprodução fiel dos encartes originais. *Bark* marca a saida do cantor Marty Balin e é certamente o mais fraco do grupo. Superior, *Long John Silver* atraiu atenção por sua ousada embalagem, irrepreensivelmente reproduzida no formato CD, uma aparente inocente caixa de charutos que, em seu fundo, contém generosas quantidades daquela erva que a galera do Planet Hemp adora.

Fabian Cuscu

A amargem genial



• Dizem que a felicidade faz mal aos poetas. O narigudo **PETE TOWNSHEND**, 51 anos, amargo como ele só, tem uma sólida obra ao lado do Who – grupo que chacoalhou os anos 60 ao lado de Beatles e Rolling Stones –, além de um trabalho solo de respeito. O Who está sendo reeditado em caixas comemorativas e remasterizações de seus CDs. Agora, chegou a vez do próprio Townshend em **Coolwalkingsmoothtalkinfstraightsmokingfirestoking – The Best Of Pete Towshend**.

A coletânea reúne pérolas da carreira solo do cantor e guitarrista. Traz colaborações de Townshend com Ronnie Lane (baixista do Small Faces) e produções de gente carimbada no mundo do rock como Glyn Johns (Led Zeppelin) e Chris Thomas (Pretenders, Sex Pistols). Quanto às canções, há desde hits ("Face The Face", "Let My Love Open The Door") a trabalhos mais cabeça (caso de "Sheraton Gibson", inspirada em Bob Dylan). Para os caçadores de raridades, este *The Best Of* reúne duas curiosidades: o remix de "Let My Love..." e a inédita "Uneasy Street". Um dos bons casos em que a amargura cria obras de arte. *Sérgio Martins*

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Video
SHOWBIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU: Idolos da Juventude
CARICIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saude
HOROSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saude
VIAGEM E TURISMO

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Decoração

Guias e Anuários

HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas 5777 - CEP 05479-900 Tel.: (011) 867-3000 Fax: (011) 867-3300 São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson 231 sala 2503 Castelo Rio de Janeiro - CEP 20030-021 Caixa Posal 4848 Tel.: (021) 532-0313 Fax: (021) 532-1486 532-1583

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. int. e Consult. Ltda. SDS Ed. Venâncio, III sala 202 CEP 70300 Brasília/DF Tel.: (061) 321-6305 Fax: (061) 225-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-29 Campinas/SP Tel./Fax: (0192) 32-7975
Fortaleza: AQ Holanda Comunicação Rua Edgar Borges 18 sala 103 CEP 60050-000 Fortaleza/CE Tel.: 085 254-1656 Fax: (085) 231-4787
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Propaganda Ltda. Av. Contorno 8000 - sala 1.0 Ed. Wa. S. ent. CEP 30110-907 - Belo Horizonte/MG Tel. e Fax: (031) 291-8470
Paraná: M.L.C. Representações Comerciais R. Cândido de Abreu, 526 cj. 604 Bloco B CEP 80530-905 Curitiba/PR Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. Av. Marechal Câmara, 160 8º andar sala 929 CEP 20020-080 Telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Pluro Sul Av. da Azenha, 1402 cj. 205 CEP 90060 Porto Alegre/RS Tel.: (051) 223-9528 Fax: (0511) 217-1005
Santa Catarina: By Speranza Rua Dr. Alfredo Dauta Jorge 9 Cond. Village Florianópolis/SC Tel./Fax: (048) 232-0819
Vitória: Duarte Propaganda e Marketing Ltda. Rua Fábio Ruschi, 42 A Bento Ferreira Espírito Santo Telefax: (027) 324-1174

Lulu deita e rola

LULU SANTOS
Lulu Santos Ao Vivo
BMG-Ariola

Pode anotar aí: Lulu Santos é um dos raros artistas que dominam o segredo da formatação pop. Em trocentos anos de carreira, o que este cidadão mais sabe fazer na vida são clássicos de rádios, melodias assobiáveis e refrões gradientes que já deram alegria a muita gente.

Logo, é desnecessário dizer que este *Lulu Santos Ao Vivo* é uma beleza. No palco, Lulu sente-se à vontade para desfilar seus intermináveis hits e contagiar a platéia. Nada mais natural de quem rala e sua a camisa para fazer o melhor show do país.

Gravado no Olympia (São Paulo) no ano passado, o vídeo ressente-se de uma direção amadora e de alguns defeitos técnicos. O som chega a pifar quando Lulu entra com microfone sem fio. Mas o que importa mesmo é a performance do cara. E aí Lulu dá de dez, desfilando hits consagradores como "Toda Forma de Amor", "Tempos Modernos", "Assim Caminha A Humanidade" e tantos outros. Diversão garantida.

Sergio Martins

Falta música

Há tempos o Barão Vermelho é acusado de fazer rock passadista, de requentar o (cada vez menos) bom e (cada vez mais) velho rock em banho-maria. Mentira não é. Porém, quem questiona a competência do grupo para isso? Barão Vermelho, a banda de rock'n'roll mofado, é, nem que seja por exclusão, a melhor banda de rock'n'roll do país. Pode até ser triste, mas é fato.

Aceito isso, fica fácil sacar o porquê de o disco e a turnê de *Carne Crua* terem virado agora também "o vídeo", que não tem nada de muito pulsante. Na verdade, seu maior trunfo está na capa — algo facilmente catalogável como, digamos, arte punk.

Mas a genialidade da capa (criada por Felipe Taborda) empolgou demais os produtores do vídeo. A ponto de o Barão Vermelho reduzir sua participação além-palco a discussões sobre o sentido do conceito da idéia do... Francamente. Faltou a Frejat e cia. o bom senso de uma frase-marca-registrada de quase todo show da banda: "Agora o rock'n'roll vai rolar direto!!!"

Em ano eleitoral e de Bienal de Arte, o Barão perdeu uma grande chance de deixar o falatório pros palanques e as discussões sobre arte para as galerias, publicações e faculdades de artes plásticas. Em termos de rock'n'roll, quanto mais crua é a carne, melhor.

Israel do Vale

BARÃO VERMELHO
Carne Crua
WEA

COMPRE E RECEBA
PELO CORREIO
TEL.: (011) 299-7478

CAMISETAS
ESTAMPA FRENTE E COSTAS
COSTAS COM ESTAMPA DIFERENTE
MANGA CURTA (TE)
MANGA LONGA (LTE)
TAMANHOS P, M, G
SEJA UM REVENDEDOR DA STAMP
SOLICITE INFORMAÇÕES PORTELEFONE OU CARTA

VENHA CONHECER NOSSA LOJA NA GALERIA DO ROCK
AV SÃO JOÃO, 439 - 2º AND. - LJ. 337 - SÃO PAULO - SP - TEL. (011) 222-9684

PREÇOS
MANGA CURTA (TE) R$ 22,00
MANGA LONGA (LTE) R$ 26,00

APROVEITE
NA COMPRA COM CARTÃO DE CRÉDITO OU CHEQUE
GANHE 10% DE DESCONTO
NOS PREÇOS ACIMA

COMO FAZER SEU PEDIDO
VOCÊ TEM 3 OPÇÕES DE PAGAMENTO

CARTÃO DE CRÉDITO: O VALOR DO SEU PEDIDO SERÁ DEBITADO ... NO SEU CARTÃO DE CRÉDITO

CHEQUE: ... NOMINAL À STAMP JÁ COM O ... ENVIE PARA: RUA HELIODORA, 321 CEP 02022-051 ... SP

REEMBOLSO POSTAL: PAGUE A SUA ENCOMENDA AO RETIRAR NO ...

EM QUALQUER OPÇÃO A DESPESA POSTAL SERÁ PAGA PELO CLIENTE

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SUA ENCOMENDA NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA
ENVIAR PELA SEGUINTE FORMA DE PAGAMENTO
☐ CARTÃO DE CRÉDITO
☐ CHEQUE
☐ REEMBOLSO POSTAL
AUTORIZO O DÉBITO DESTE PEDIDO EM MEU CARTÃO DE CRÉDITO
☐ CREDICARD ☐ MASTERCARD
☐ DINERS ☐ VISA
TITULAR
Nº
VALIDADE DO CARTÃO

TOTAL DA COMPRA R$

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

NOME
END.
CEP CID. EST

ENVIE O CUPOM ACIMA PARA STAMP
RUA HELIODORA, 321 - CEP 02022-051 - SÃO PAULO SP

Enjoy it

toque seus ídolos

Nota por nota, entre no maravilhoso mundo dos songbooks

YES
Complete
Para você se enfronhar no complexo e sofisticado mundo musical de um dos gigantes do rock. Com muito estudo, você pode chegar lá
R$ 45

CREDENCE CLEARWATER REVIVAL
The Best Of ...
A expressão "clássicos do rock" foi inventada para eles: todos os segredos do gênero estão nestas partituras
R$ 30,51

PINK FLOYD
Anthology
Muito material para botar você em órbita: uma autêntica experiência
R$ 30,50

AEROSMITH
Big Ones
Riffs de Joe Perry que fizeram história
R$ 41,30

NIRVANA
Nevermind
O disco que revolucionou o rock contemporâneo. Em poucos e poderosos acordes, veja como é fácil tocar a música do gênio Kurt Cobain
R$ 41,30

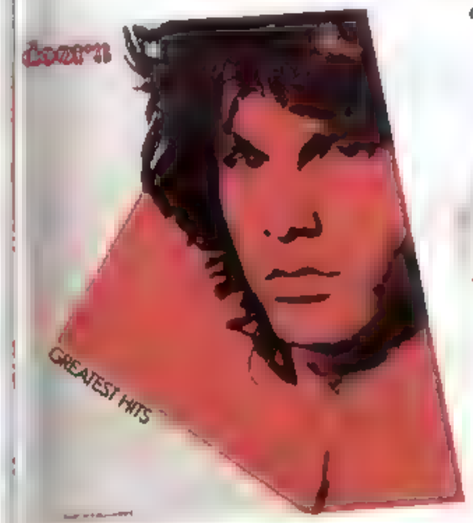
ONDE ACHAR

- **Radley Records:**
  Conjunto Nacional, conj. A, loja T-54, Brasília, DF. Fone: (061) 321-9007
- **Modern Sound:**
  Rua Barata Ribeiro, 502-D, Rio de Janeiro, RJ. Fone: (021) 255-5005
- **Casa Bevilaqua:**
  Shopping Morumbi, loja 107 A-S, São Paulo, SP. Fone: (011) 240-6418

MEGADETH
Youthanasia
Entre no mundo pesado e complexo de Dave Mustaine
R$ 41,30

NEIL YOUNG
Unplugged
Grandes sucessos de um mestre da simplicidade para você mudar o conceito das rodinhas de violão
R$ 35,90

AL GREEN
The Best Of...
Essencial. As harmonias celestiais do reverendo soulman
R$ 26,90



THE DOORS
Greatest Hits
Grandes momentos da poesia e da música de um grupo inesquecível
R$ 30,50

ROLLING STONES
Voodoo Lounge
"You Got Me Rockin'" e todos os sucessos que fizeram você pular nos shows no Brasil
R$ 53,90

PROMOÇÃO

Você sabe tocar? Qual foi a maior zona que você já tocou? As vinte melhores respostas ganham songbooks do Voodoo Lounge. SHOWBIZZ/ZONA - Caixa Postal 65157, CEP 05389-970, São Paulo, SP. Mande seu nome completo, idade, endereço e diga se você é assinante da revista.

Letras traduzidas

These days

(Bon Jovi, Richie Sambora)

I was walking around, just a face in the crowd,
trying to keep myself out of the rain
Saw a vagabond king wear a styrofoam crown,
wondered if I might end up the same
There's a man out on the corner, singing old songs about change
Everybody got their cross to bare, these days

She came looking for some shelter with a suitcase full of dreams
To a motel room on the boulevard,
guess she's trying to be James Dean
She's seen all the disciples and all the 'wanna be's'
No one wants to be themselves these days
Still there's nothing to hold on to but these days

These days - the stars seem out of reach
These days - there ain't a ladder on these streets
These days - are fast, love don't last in this graceless age
There ain't nobody left but us these days

Jimmy shoes busted both his legs, trying to learn to fly
From a second story window, he just jumped and closed his eyes
His momma said he was crazy-he said momma "I've got to try"
Don't you know that all my heroes died
And I guess I'd rather die than fade away

These days - the stars seem out of reach
But these days - there ain't a ladder on the streets
These days are fast, nothing lasts-in this graceless age
Even innocence has caught the morning train
And there ain't nobody left but us these days

I knew Rome's still burning
Though the times have changed
This world keeps turning round and round and round and round,
these days

These days - the stars seem out of reach
But these days - there ain't a ladder on the streets
These days are fast, nothing lasts-in this graceless age
Even innocence has caught the morning train
And there ain't nobody left but us these days

These days - the stars seem out of reach
These days - there ain't a ladder on the streets
These days are fast, nothing lasts
There ain't no time to waste
There ain't nobody left to take the blame
There ain't nobody left but us these days

Estes dias

Eu estava andando por aí, só um rosto na multidão,
tentando fugir da chuva
Vi um rei vagabundo usando uma coroa suja,
imaginei se eu poderia terminar do mesmo jeito
Tem um homem lá fora na esquina, cantando músicas antigas sobre mudanças
Todo mundo tem sua cruz para suportar, estes dias

Ela chegou procurando por algum abrigo, com uma mala cheia de sonhos
Para um quarto motel num calçadão
acho que ela tentava ser James Dean
Ela já viu todos os seus discípulos e todos os que "querem ser"
Ninguém quer ser ele mesmo estes dias
Até agora não há nada em se agarrar estes dias

Estes dias - as estrelas parecem fora de alcance
Estes dias - não tem uma escada nas ruas
Estes dias - são rápidos, o amor não dura nesta época sem graça
Não sobrou ninguém a não ser nós dois estes dias

Os sapatos de Jimmy estouraram suas pernas, tentando aprender a voar
De uma janela de uma loja no segundo andar, ele simplesmente pulou e fechou seus olhos
Sua mãe disse que ele era louco-ele disse : Mãe "eu tenho de tentar"
Você não sabe que todos os meus heróis morreram
E acho que eu prefiro morrer do que definhar

Estes dias - as estrelas parecem fora de alcance
Mas estes dias - não há uma escada nas ruas
Estes dias são rápidos, nada dura nessa era sem-graça
Mesmo a inocência já apanhou o trem da manhã
E não sobrou ninguém a não ser nós dois estes dias

Eu sabia que Roma ainda está queimando
Apesar dos tempos terem mudado
Este mundo continua dando voltas e voltas e voltas e voltas, estes dias

Estes dias - as estrelas parecem fora de alcance
Mas estes dias - não tem uma escada nas ruas
Estes dias são rápidos, nada dura-nesta época sem graça
Mesmo a inocência já apanhou o trem da manhã
E não sobrou ninguém a não ser nós dois estes dias

Estes dias - as estrelas parecem fora de alcance
Estes dias - não tem uma escada nas ruas
Estes dias são rápidos, nada dura
Não há tempo a perder
Não sobrou ninguém para levar a culpa
Não sobrou ninguém a não ser nós dois estes dias

Hand in my pocket

(Alanis Morissette, Glen Ballard)

I'm broke, but I'm happy, I'm poor but I'm kind
I'm short, but I'm healthy, yeah
I'm high, but I'm grounded
I'm sane, but I'm overwhelmed
I'm lost, but I'm hopeful, baby
And what it all comes down to
Is that everything's gonna be fine, fine, fine
'cos I've got one hand in my pocket
And the other one is giving a high five
I feel drunk, but I'm sober
I'm young and I'm underpaid
I'm tired, but I'm working, yeah
I care, but I'm restless
I'm here, but I'm really gone
I'm wrong and I'm sorry, baby
And it all comes down to
Is that everything's gonna be quite alright
'cos I've got one hand in my pocket
And the other one is flicking a cigarette
And what it all comes down to
Is that I haven't got it all figured out just yet
'cos I've got one hand in my pocket
And the other one is giving the peace sign
I'm free, but I'm focused
I'm green, but I'm wise
I'm hard, but I'm friendly, baby
I'm sad, but I'm laughing
I'm brave, but I'm chicken shit
I'm sick, but I'm pretty, baby
And what it all boils down to
Is that no one's really got it figured out just yet
But I've got hand in my pocket
And the other one is playing the piano
And what it al comes down to, my friends, yeah
Is that everything's just fine, fine, fine
'cos I've got one hand in my pocket
And the other one is hailing a taxi cab

Mão no meu bolso

Estou dura, mas estou feliz, sou pobre, mas sou bondosa
Sou baixa, mas sou saudável, sim
Estou alta, mas estou com os pés no chão
Estou sã, mas sou subjulgada
Estou perdida, mas estou com esperança, baby
E o que isso leva a crer
É que tudo vai ficar bem, bem, bem
Pois tenho uma mão no meu bo so
E a outra está dando um grande aceno
Estou me sentindo bêbada, mas estou sóbria
Sou jovem e sou mal paga
Estou cansada, mas estou trabalhando, sim
Tenho cuidado, mas sou inquieta
Estou aqui, mas na verdade já fui embora
Estou errada e me desculpe, baby
E o que isso tudo leva a crer
É que tudo vai ficar muito bem
Pois tenho uma mão no meu bolso
E a outra está jogando fora um cigarro
E o que isso tudo leva a crer
É que ainda não compreendi tudo
Pois tenho uma mão no meu bolso
E a outra está fazendo um sinal de paz
Sou livre, mas sou concentrada
Sou inexperiente, mas sou esperta
Sou dura, mas sou amiga, baby
Estou triste, mas estou rindo
Sou corajosa, mas sou covarde
Estou doente, mas sou bonita, baby
E o que resta disso tudo
É que ninguém ainda compreendeu tudo muito bem
Mas tenho uma mão no meu bolso
E a outra está tocando piano
E o que isso tudo leva a crer, meus amigos, sim
É que tudo está simplesmente bem, bem, bem
Pois tenho uma mão no meu bolso
E a outra está chamando um táxi

Teste

AC/DC, tá ligado?

Angus Young e cia. baixam no Brasil em outubro. Confira se você está mesmo em alta voltagem

1 *Os irmãos Angus e Malcolm Young formaram o AC/DC na Austrália, em 73. Eles nasceram:*
a) nos Estados Unidos
b) na Austrália
c) na Escócia
d) no México
e) na Irlanda

2 *O guitarrista Angus Young usa o uniforme escolar como figurino de show. Ele adotou o visual porque:*
a) queria ultrajar o diretor do colégio onde estudava
b) roupas de couro eram muito pesadas para um moleque de 15 anos
c) uma vez teve de sair da aula direto para um show e todo mundo achou o máximo
d) um belo dia sua irmã sugeriu e agradou
e) foi a condição que seu irmão mais velho Malcolm impôs para que ele, ainda pirralho, entrasse na banda

3 *Em 80, o vocalista Bon Scott morreu,*
a) asfixiado pelo próprio vômito, depois de uma megaoverdose atômica
b) asfixiado pelo próprio vômito, depois de uma overdose de barbitúricos
c) asfixiado pelo próprio vômito, depois de uma overdose de dobradinha
d) num acidente de motocicleta
e) num acidente de avião

4 *O cultuadíssimo filme Let There Be Rock, de 79, está sendo relançado em vídeo no mercado americano. Ele traz...*
a) os primeiros shows do AC/DC na Austrália
b) cenas de uma festa no camarim do AC/DC animada por groupies e um canguru
c) a história da vida de Bon Scott
d) entrevistas e shows que o AC/DC fez pela França
e) uma inesquecível turnê do AC/DC junto com o Motörhead

5 *Depois da morte de Bon Scott, a banda voltou em 80 com o álbum Back In Black. O disco recebeu este título porque:*
a) as letras falavam de magia negra
b) trazia influências da black music
c) Bon Scott era negro
d) o AC/DC estava de luto
e) Brian Johnson tem um pé na cozinha

6 *Back in Black chegou ao quarto lugar da parada americana. Vendeu mais de:*
a) 1 milhão de cópias
b) 500 mil cópias
c) 10 milhões de cópias
d) 18 milhões de fotocópias
e) 8 milhões de cópias

7 *Antes de substituir Bon Scott, Brian Johnson era dublê de cantor do grupo Geordie e...*
a) go-go boy
b) roadie do AC/DC
c) técnico de som do AC/DC
d) motorista do AC/DC
e) faxineiro do estúdio de ensaio do AC/DC

8 *O álbum Who Made Who é trilha sonora de um filme de Stephen King:*
a) *Sonâmbulos*
b) *Comboio Do Terror*
c) *Cemitério Maldito*
d) *Carrie, A Estranha*
e) *Free Willie*

9 *Em 85, foi divulgado que uma gangue satanista de Los Angeles chamada Night Stalker cultuava o AC/DC. Por conta disso...*
a) a venda dos discos da banda foi proibida em algumas cidades americanas
b) Angus Young foi chamado a depor
c) houve boicotes aos shows do grupo
d) um fã da banda jogou uma bomba em integrantes da gangue
e) o grupo gravou a música "The Devil Sucks"

10 *Qual o segredo da energética performance de Angus Young no Rock In Rio, em 85?*
a) uma subidinha no Borel antes do show
b) dois mil abdominais no backstage
c) uma bomba de oxigênio no backstage
d) 20 gramas de guaraná em pó
e) a presença de Roberta Close no gargarejo

11 *A música "The Jack", do álbum High Voltage, foi considerada uma ofensa às mulheres porque:*
a) reclama da ausência de sexo durante a menstruação
b) chama as mulheres de "bitches", cadelas
c) fala de um vibrador estilo dupla penetração
d) glamouriza um famoso cafetão australiano
e) diz que Jack, o Estripador, mandou bem ao matar várias mulheres

12 *Ballbreaker, disco do AC/DC lançado ano passado, marca a volta de um lendário integrante da banda:*
a) o guitarrista Angus Young
b) o baterista Phill Rudd
c) o palhaço Tiririca Young
d) o vocalista Bruce Dickinson
e) o vocalista Bon Scott

13 *AC/DC significa...*
a) Antes de Cristo/ Depois de Cristo
b) After Christ/ Devil Comes
c) Ave Chester/ Dei Chester
d) Alternate Current/ Direct Current
e) After Christ/ Before Christ

Me, Phil Collins, You, Fuck off!

O *hitmaker* cansou de ser bonzinho e adotou a lei da selva

Depois de abandonar o Genesis, deixando Tony Banks e Michael Rutherford fora de sua aba milionária, o carequinha fugiu da Inglaterra e foi se refugiar em Genebra. O motivo, ele jura, não foi o generoso imposto de renda suíço. "A imprensa do meu país pegou pesado no meu pé e me fez ver a Inglaterra com outros olhos. Na Suíça, minha vida particular é tratada com mais respeito. E, claro, minha patroa mora aqui". Phil atualmente ouve muita música africana e se dedica a compor a trilha sonora para um dos próximos desenhos Disney – baseado na história de Tarzan! O novo disco solo, ele deu uma arquivada temporária. "Eu queria ensaiar com os músicos, tocar em alguns clubes e depois gravar como se fosse uma banda. Mas aí o pessoal começou a acrescentar umas coisas que eu não gostei e resolvi limar esses planos", conta. O projeto, ainda de pé, mas sem data para emergir, deve refletir as novas influências africanas e ser "mais animado". "Pra mim, Dire Straits é música pra ouvir em CD player de BMW. Mas sei que acham isso da minha música também. Para mudar as coisas, pretendo fazer algo áspero como Oasis", anuncia.

Phil Collins foi morar em Genebra e vai compor a trilha de Tarzan

Garanhão italiano

Eros Ramazzoti: "Não quero ser o Bon Jovi"

Quem gosto de Renato Russo cantando em italiano vai amar. Eros Ramazzoti é o novo cara do pop italiano. Aos 32 anos, lançando seu oitavo álbum, *Dove C'È Musica*, Eros arrebentou no último verão europeu, brilhando num festival ao lado de Jimmy Page & Robert Plant, Rod Stewart, Elton John e Black Crowes. Agora ele se prepara para ganhar o mundo numa mega-turnê mundial, programada pela Mama Concerts & Rau, a mesma empresa que faz os shows de Michael Jackson. Mas embora tenha gravado uma salsa em espanhol, músicas em inglês estão fora dos planos. "Gosto de som negro, gospel, rock, blues, jazz e isso reflete no meu trabalho. Mas sei que jamais serei um astro americano como o Bon Jovi". (Paulo Reis)

Viúva enxuta

Tem gente dizendo que já sabia .. Courtney Love fez regime e ficou um pteu. Saca as medidas da viúva: 52 quilinhos distribuídos em 1,75metro de pura baga ceirice. Aproveitando a fase *diet*, Love virou modelo e está de contrato assinado com a Next. A própria agente admite que o trabalho de transformá-la numa modelo decente será árduo mas vale a pena. Alô alô Cindy Crawford

Courtney perdeu peso e virou modelo

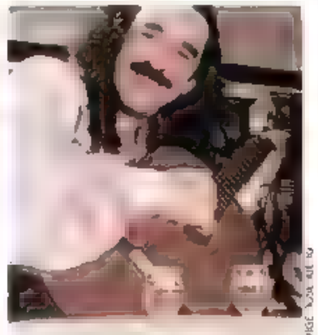
"Hoje em dia só ando de casa pro trabalho... E sempre com a mulher do lado. É uma vida de otário mesmo..."

Bezerra da Silva assumindo sua porção mané, no *Estado de São Paulo*

Toma que o líquido é seu

A meleca pegajosa que ilustra a capa de *Load*, do Metallica, não é o esperma de Kirk Hammett, como um engraçadinho espalhou por aí. E ele mesmo desmente: "Chapei quando vi a imagem num museu em São Francisco." A foto é de uma série do artista *underground* Andres Serrano, que trabalha com sangue e esperma. A que está na capa de *Load* é chamada de 'Semen And Blood 3'. "Tem a ver com o grupo porque significa sexo e violência", conta Kirk.

Vatapá com tabasco



Moraes é carnavalesco *high-tech*

Para apimentar o tempero do seu novo disco, Moraes Moreira foi a Los Angeles invadir a praia de Madonna, Michael Jackson e Withney Houston. Mixou *Estados* (que sai em setembro) no estúdio Westlake, frequentado pelos supracitados popstars. No álbum, o baiano mistura alta tecnologia com ritmos nordestinos. "São músicas com um tom carnavalesco *high-tech* cheias de teclados e percussão".

me chama que eu vou

Buddy Guy, dono de bar e gênio do blues quer voltar logo ao Brasil

Você tem o seu próprio bar, em Chicago. Como é ser o dono?
Não tenho nada a ver com o dia a dia do bar: só apareço, aperto algumas mãos e tomo oliveja.

Você também está no tributo a Stevie Ray Vaughan, que sai agora...
Stevie e eu éramos grandes amigos. Quando o irmão dele me chamou, não dava pra recusar.

E a sua amizade com Jimi Hendrix?
Três anos antes da morte dele, a gente ficou muito amigo. Sempre que eu ia a Nova York fazíamos jam sessions a noite inteira.

Como surgiu a idéia de [illegible] novo CD, *Live... the Real Thing*?
Toquei no *Saturday Night Live* duas [illegible] gravadora sugeriu que eu [illegible] disco com a banda do [illegible]

Você adora o Brasil, né?
Tive aí a recepção mais calorosa da minha vida. Se me chamarem amanhã, vou na mesma hora.

Gozado, todo músico de blues adora este país...
Muitas garotas bonitas... Ha, ha, ha.

(Enor Paiano)

Voltagem testada

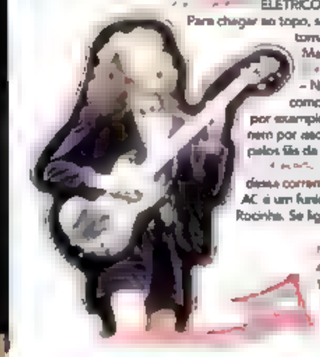
Veja se você está ligado em 220v ou se sua bateria é mesmo de 9v

[illegible] ELETROCHOQUE [illegible] costumam balançar a cabeça à la Angus Young até entrar em convulsão. Baba aí, baby, mas vê se não morde a língua!

ELETRICOZÃO Bem aproveitamento. Para chegar ao topo, só falta enfiar o dedo na tomada ouvindo "Hell's Bells". Mas cuidado com o fio terra.

ELETRICOZINHO – Na média, mas em boa companhia. O baterista Phil Rudd, por exemplo, também é medíocre e nem por isso deixa de ser superquerido pelos fãs da banda.

SHOCK Você está fora dessa corrente. Se bobear, acha que o AC é um fundeiro primo do MC CC da Rocinha. Se liga, shock!



C.J. cospe no prato em que comeu

Ele quer que os Ramones acabe para curtir filmes pornôs

C.J. Ramone traça o maior feijoadão no Banana Banana, em São Paulo

O baixista dos Ramones esteve no Brasil para divulgar seu novo grupo Los Gusanos e meteu a boca em Joey e Johnny Ramone. "Perdi o respeito por eles quando soube que iríamos tocar no Lollapalooza. Só nos chamaram porque o Soundgarden disse que só participaria do festival se estivéssemos na parada. Pô, anunciamos o fim da banda em março e até agora nada!". Pensando melhor, C.J. alivia: "Entendo o lado do Joey e do Johnny. Eles merecem uma grande festa de despedida." Então a banda acaba de vez depois do Lollapalooza? "Não sei. Ouvi dizer que eles querem fazer o último show na Argentina."

Fora dos palcos, C.J. gosta de motos, armas de grosso calibre e tatuagens e coleciona vídeos pornôs com cenas de sadomasoquismo, *fistfucking* entre homens, coprofagia (comilança de dejetos humanos) e outras bizarrices. "Os da série *Toilet Slave*, onde a garota urina e defeca na boca do cara, são os piores". (Ricardo Franca Cruz)

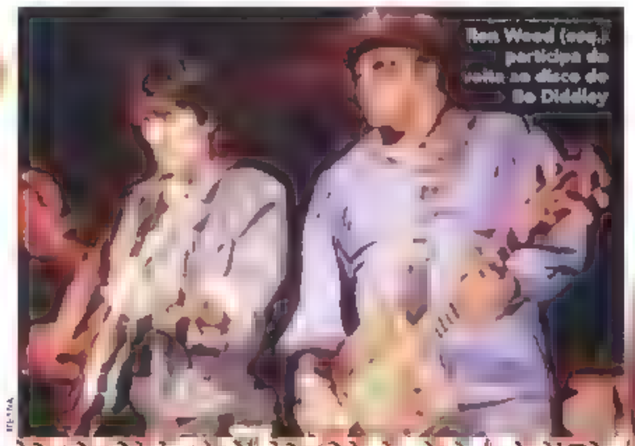
"Quero ser lembrado como o Fred Astaire da bateria"

Charlie Watts, dos Stones, na *Details*

Seliga, Madonna!!!

Camilda Madonna ou Hebe sadomasô

Madonna e a xaxadeira Camilda têm muito em comum: "Mal entro no palco e já fico louca pra tirar a roupa", diz a brasileira. No palco, ao lado de Sandro Becker, ela massageia o próprio ventre e distribui chicotadas cantando remixes aeróbicos de sucessos como "Julieta", "Prenda O Tadeu" e "Forró Cheiroso" (cujo o refrão faz baixaria com a fonética da frase "Tal-co no salão!") incluídos no disco *Sacra Dance*. Em casa, ela diz que é mais calma: "Não gosto de zoada na cabeça."



Ron Wood (esq.) participa da volta ao disco de Bo Diddley

ROCK 'N' ROLL NA VEIA

O pai do rock voltou à ativa. Aos 67 anos, Bo Diddley está lançando *A Man Amongst Men*, disco que conta com as participações de Ron Wood, Keith Richards e The Shirelles, grupo vocal feminino famoso nos anos 60. Numa de suas novas músicas, o velhinho proclama: "Bo Diddley Is Crazy", mas anda preocupado com os netinhos roqueiros: "A garotada quer diversão, mas eu dou um conselho: não usem drogas! Quando você as usa, perde o respeito por você mesmo". Sobre a idade avançada e o título de "Pai do Rock", Bo é enfático: "Chuck Berry, Elvis Presley, Carl Perkins... Nós somos o rock n' roll! Não aguento quando um moleque diz: 'Toque um pouco de rock!' Me sinto ofendido". É claro...

o rei do mambo

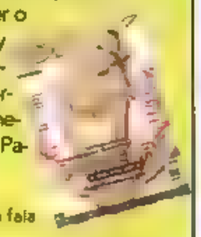
O ator Andy Garcia foi exilado de Cuba, sua terra natal, aos cinco anos, mas não esqueceu o gingado. Em 89, redescobriu o inventor do mambo, Cachao, participou de dois projetos com ele e agora finalmente estréia como compositor. Suas canções estão na trilha sonora do filme *Disputa Em Família*. Em Los Angeles, Andy falou para SHOWBIZZ. "A música é a maneira que encontro de ficar mais próximo da minha cultura". E revela: "As canções do filme foram tocadas ao vivo durante as filmagens. Com a participação de Cachao, é o auge"

O ator Andy Garcia também é compositor

MIX

a musa que pariu

Brandon Thomas Lee é o nome do recém-nascido filho de Pamela Lee e do baterista do Motley Crue Tommy Lee. Virar mãe não mudou o jeitinho de Pam. "Eu sempre termino as entrevistas falando do pênis do meu marido", diz ela, na edição de junho da revista inglesa *Sky*. Agora até o braulinho do garoto está entrando na parada: "Ficamos radiantes quando vimos o pintinho de Brandon". E pra não perder o hábito... "É verdade. O Tommy tatuou o meu nome no pênis dele. Quando está normal, aparece escrito 'Pamela'. Excitado, você lê 'I love Pamela, very, very much'."



Agora mamãe Pamela só fala do pênis do marido

rock around the interNET

por Claudia Grechi

• Novidade na rede foi recém-criada a Home Page dos Raimundos (http://www.linf.unb.br/~e9418334/Ist_cd.htm). Letras, agenda de shows, entrevistas (inclusive a publicada em SHOWBIZZ), biografia e curiosidades. Caia de quatro, em 90, **Rodolfo tocando guitarra e Digão massacrando a bateria (!!!), faziam parte de uma banda de covers dos Ramones chamada... The Mamona!** Outra: Você sabe quais são os nomes que sobraram na época da escolha do título do CD *Lavô Tá Novo*? Adivinhe: Beleza, Lavô Tá Limpo e Dedo Amarelo (!!!).

Rodolfo Raimundo tocava no The Mamona

• A page dos Mamonas (http://204.140.220.54/musmar96.htm) é tão *non sense* quanto a banda. **Lá há um tratado antropológico-filosofico-cultural-musical sobre Dinho e cia.** escrito por um tal de Bruce Gilman, professor de inglês na California e tocador de cuíca na Mocidade Independente de Los Angeles (!!!).

Dinho virou tese antropológica

• Isto é que é comodidade: descubra, sem sair de casa, onde e como será o próximo Ronca Ronca, o balacobaco mais legal do Rio, comandado pelo jornalista, DJ, produtor e diretor do selo Plug Mauricio Valladares (http://www.no.com.br/~rf/ronca.htm). **O site do Ronca Ronca traz links (páginas que podem ser acessadas diretamente) preciosíssimos e ecléticos como o som da festa.** Tem um dedicado a Sly and The Family Stone, vários com informações de Ska e até um sobre a querida Estação Primeira de Mangueira.

Coma desperta

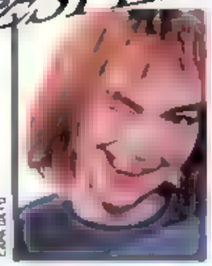
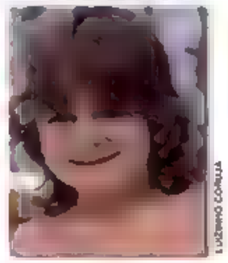
ROBERTO PINTO

O grupo carioca Coma botou sangue no seu rock de garagem

Depois de quatro anos de carreira, a banda carioca Coma despertou para um público maior. Com a multinacional Castle distribuindo o selo independente Cucamonga, o disco do quinteto está sendo relançado, em edição caprichada. [illegible] Tiramos algumas músicas, mas as gravações são as mesmas. Só acrescentamos o remix de 'Pena De Vida', feita pelo MC Leseira", conta o vocalista Momo. No álbum, ainda há três curiosidades: uma regravação de "Let The Sunshine In", da trilha de *Hair*, uma versão pesada para "A Roda", de Gilberto Gil e a participação do legendário grupo vocal Os Cariocas, em "A Voz" (Pedro Falcão)

Espelho, Espelho Meu...

Insatisfeita com o resultado final da versão de "Travessia", que fez com Eumir Deodato, a islandesa Björk pulou fora do disco *Red Hot & Rio*. Brasileiros magoados contra-atacam e acusam o picolezinho cantante de ser uma versão drag/Edinanci do nosso velho amigo Ferrugem. Localizado no interior de SP tocando bateria numa banda, o ex-ator-mirim está fora dessa baixaria.



CAPA DA 10 E LUZINHO CORREIA

"Eu sou o cara mais feio do mundo. Mas nasci roqueiro e comi todas as mulheres que quis"

Gene Simmons, do Kiss, lembrando os bons tempos na *Spin*

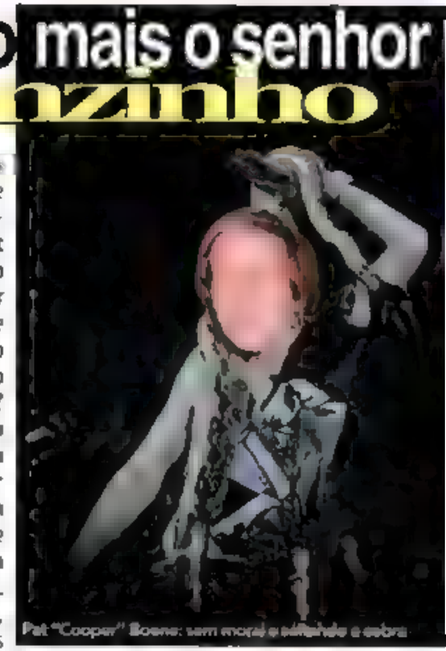
O amigo da Morfina

HELIO MOTTA

Você leu aqui que Mark Sandman, do Morphine, morou em Niterói e tirava um sonzinho com uns amigos brasileiros, que ele fez questão de não dizer quem são. Muito bem, descobrimos um dos cúmplices: o jazzman Léo Gandelman, embora não tenha exatamente participado das tais jams, é um dos melhores amigos de Mark. A amizade entre os dois começou há vinte anos, quando o saxofonista estudava em Boston. "Bons tempos... Dávamos um rolê pela cidade, bebíamos... ", lembra Léo. E eles continuam entornando: "Quando estou em Boston, sempre dou uma ligada para o Mark", diz Léo, que está de disco novo, *Pérolas Negras*, em que manda ver em músicas de Stevie Wonder, Luiz Melodia e outras feras.

Não mais o senhor Bonzinho

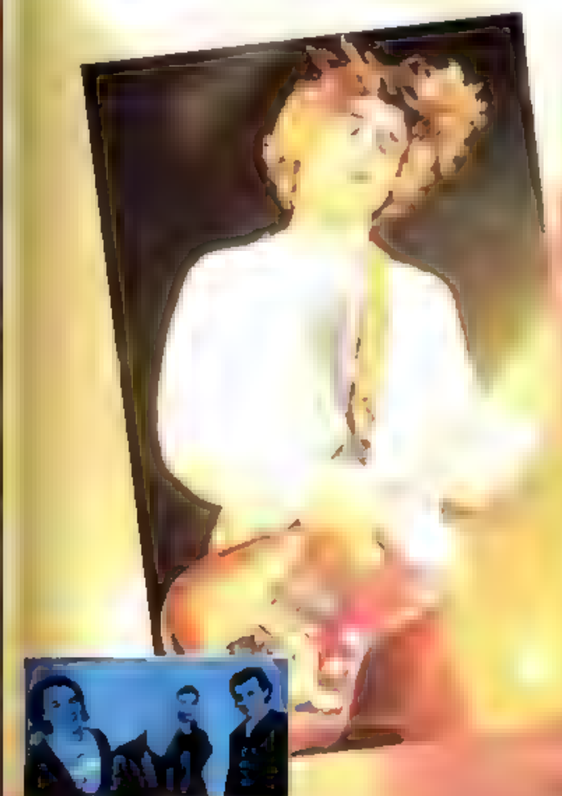
Encorajado pelos filhos adolescentes depois de ter conhecido pessoalmente Alice Cooper, Pat Boone, cantor de sucesso dos anos 50, famoso por seu lado moralista e religioso, está gravando um disco com clássicos do heavy metal. Aos 62 anos, Boone resolveu soltar a cobra. O disco vai se chamar *No More Mr Nice Guy* (não mais um cara legal), antigo hit de Cooper e deve contar com a participação de Slash. Quanto ao repertório, Boone está tendo alguns probleminhas. "A maioria das músicas de metal fala sobre caçar mulher, ficar dordão e comer carne podre", diz Boone


Pat "Cooper" Boone: sem moral e soltando a cobra

Rainha Margo

A voz deliciosa do Cowboy Junkies diz que gosta de ser paparicada

Cheia de charme, a bela Margo Timmins, vocalista do Cowboy Junkies, liga para SHOWBIZZ. "Oi, é a Margo falando" A voz suave já sai falando do Brasil. **"Sei bastante sobre o seu país, só que eu nunca estive na América do Sul. Depois da turnê, quero passar minhas férias por aí"**. O Cowboy Junkies está rodando os EUA, fazendo shows para um público de mil a três mil pessoas divulgando *Lay It Down*, o excelente disco que marca o novo direcionamento da banda. "Novo direcionamento? É o que andam dizendo, né? Mas nós sempre fazemos as músicas do mesmo jeito e gravamos exatamente como os outros discos: ao vivo no estúdio. A diferença é que voltamos a ser um quarteto. Tem mais guitarras, entende?" É claro, Margo. E como é tocar com seus dois irmãos? "É ótimo. Eles sempre sabem como eu estou me sentindo. Gosto de ser paparicada..." Você se acha uma mulher atraente? "Ah, sim, claro". Mas recua. "Não todos os dias... Acho que sou ok". Você canta baixinho, os técnicos de som devem ficar loucos... "Não por isso...", diz, cheia de veneno. "Nós estamos com o mesmo cara há 5 anos e ele está acostumado, sabe como colocar minha voz para o público". Ainda bem



Bush

- 4 milhões de discos vendidos nos EUA
- Melhor show ao vivo (Revista Kerrang)
- Destacando os sucessos "Glycerine" e "Machinehead"

Já à venda
Novo álbum
"Sixteen Stone"

VENDAS E DISTRIBUIÇÃO
BMG

MCA

demo cracia

Mande demos para : Democracia - Caixa Postal 66157, CEP 05389-970, São Paulo - SP

Mamonas da lama

Os Severinos Atômicos foram os grandes vencedores da segunda etapa do Skol Rock que rolou em Recife. Dez mil pessoas alucinaram com o visual e a irreverência mamônica do grupo. Com Nilo Pipoca, Flávio Chupeta, Toni Estilingue, Quinho Calango, Sérgio Bomba, Marcel Estopim e Marlon Ciobrando na formação, os Severinos Atômicos nasceram da junção de duas bandas, uma de rock e outra de música regional. "A gente adora Chico Science, Skank e Mamonas. Eles nos ensinaram tudo em termos de irreverência", baba o vocalista Nilo Pipoca.

Outros destaques do festival foram os grupos pernambucanos Mamutes no Asfalto, Usfíd'Umaégua e Hanagorik e a banda baiana Crac.

HardCore e um sorriso

Na música "Porque Você Merece Sempre Mais", a banda carioca Defectos mostra a fome pelo sucesso: "Dois hamburgueres, alface, queijo, molho especial..." E que apetite! No hardcore melódico – em português – a demo tem ainda mais nove bombinhas. As letras falam de espermatozóides, solidão, amizade, serviço militar e outros temas adolescentes. "Meu Velho Amigo" tem refrão pronto pra grudar no rádio. Pode ligar: (021) 289-3470.
(Leonardo Rivera)

Paraibada legal

Das Bandas da Parayba tem um nome esquisito e uma definição arretada: uma combinação explosiva de rock pesado – cheio de influências de Deep Purple e Slayer – com repente, forró, baião e xaxado, evidenciados por percussão, zabumba e triângulo. Ou seja, um forró-core porreta, no sentido literal da palavra. Com o primeiro CD da banda, *A Feira (O Baiaio Do Futuro)*, saindo pelo selo Polydisc, os paraibanos querem invadir o Sul Maravilha. "A gente já tem um bom público na Paraíba e no Recife. Falta conquistar o Sudeste", planeja o baixista Kennedy.

Dúvida cruel?!

Mixcreola: pop em português e inglês

O Mixcreola faz pop-rock-ska baianinha com influências de Beatles e Paralamas... Mas não sabe se canta em português ou inglês.

Há um ano o grupo paulistano gravou o CD demo, *Someday Somehow*, totalmente em inglês. Agora, lança a demo *Uma Tarde Na Lua*, com cinco músicas. "Começamos cantando em português. Mas como ninguém entendia nada mesmo, resolvemos passar para o inglês. Depois voltamos ao português, mas sem deixar o repertório em inglês. Em português soa mais alegre; em inglês é mais sóbrio. A gente ensaia terça numa língua e quinta na outra", explica (!?!) a cantora Rocca. Ela entrou no grupo depois de ler um anúncio – em português! – no jornal: "Precisa-se de moça de boa aparência que também saiba cantar". Contatos com o baixista Caio: (011) 533-6531.

LEGIÃO BACANA

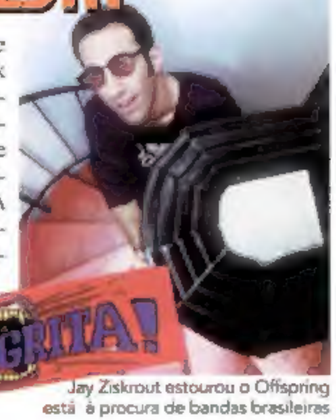
Maria Bacana: Ramones com Legião

A banda baiana Maria Bacana está a caminho do primeiro disco pelo selo Rock It!, com produção de Dado Villa Lobos, guitarrista da Legião.

O Maria surgiu há quatro anos, quando André (voz e guitarra), Alessandro (voz e baixo) e Marcelo (bateria) se trancaram numa garagem em Salvador e deixaram de lado Daniela Mercury e Carlinhos Brown.

O resultado foi uma fita demo com três músicas em português e uma forte lembrança da Legião nas letras ("Tenho problemas/ Às vezes medo/ Mas tenho você/ Às vezes fico/ Tão distante/ Nem eu mesmo sei porquê") e na batida quase punk dos primeiros discos. "O André ouve muito Legião e eu também. Mas a nossa escola é o punk rock dos Ramones", diz Marcelo. (Pedro Falcão)

"CANTE em PORTUGUÊS!!!"



Jay Ziskrout estourou o Offspring está à procura de bandas brasileiras

Palavras de Jay Ziskrout, o cara que fundou a Epitaph, a gravadora punk de L.A que sacodiu o mercado fonográfico americano. Responsável também pelo estouro do Offspring, ele esteve no Brasil atrás de grupos esquisitos que cantem em português. À frente de um novo selo, o Grita!, especializado em maluquices cucarachas, Jay já contratou os espanhóis Cerebros Exprimidos e quer mais. Gente boa, o cara que foi o primeiro baterista do Bad Religion, fala sem problemas sobre a ida do Offspring para a Sony. "Na verdade, oferecemos mais dinheiro do que eles, mas a banda achou que não iria ser prioridade na Epitaph e preferiu ir para a *major*".

Tomando aulas de português semanalmente, Jay finaliza mandando um recado com as palavras que aprendeu. "É ridículo bandas brasileiras cantando em inglês. Fenômenos como o Sepultura acontecem de dez em dez anos. Foda-se o Sepultura! Seja você mesmo!!!", diz, enfático, e dá o endereço de contato: Grita! – PO BOX 1216, Murray Station, New York, NY. 10156 – USA.

VAI ROLAR...

Expo alternative 96

06, 07 e 08/09 – Rio de Janeiro
(Fundição Progresso)

Encontro de bandas, DJs, selos independentes, fanzineiros e artistas alternativos. Exposições de fotografia, campeonato de skate e shows com os grupos Pennywise (à confirmar), Baba Cósmica, Virna Lisi, Acabou La Tequila e Pin Ups.

...aromas alimentícios. F: ...01-3514.

...QUITETO COM Conhecimen...os técnicos isolação termo...cústica. Entrevista 599-9898 ...IC.

...SESSOR COMERCIAL For...ação superior, experiência 2 ...nos em vendas 888-7756

...SISTENTE ADMINISTRA...O Experiência rotinas de ...scritório, conhecimentos ...formática. Tratar 699-5333.

...SISTENTE CONTROLADO... Experiência em elaboração ...e resultados. F: 699-5533 ...elma.

...SISTENTE FINANCEIRO ...ursando superior, alguma ...xperiência anterior, conheci...entos informática. 301-4231.

...XA. Com conhecimentos em ...formática. Ligar para Mar...elo: 599-9970. HC.

...MPRADOR. Experiência 5 ...nos em empresa de trans...orte. Entrevistas F: 588-2222.

...MPRADOR SENIOR Apto a ...esenvolver fornecedores de ...ateriais elétricos. 301-1522.

...NTATO COMERCIAL Região ...BC, experiência em agência ...e empregos. 301-3514 Amo...

hoje.

ENGENHEIRO AGRÔNOMO. Empresa de fertilizantes. Entrevistas F: 699-5333 com Paulo.

ENGENHEIRO EXPERIÊNCIA comprovada estruturas metálicas para obras industriais 699-5333 Vanessa.

FATURISTA. Experiência em contabilidade fiscal: RIPI e RICM. Entrevistas F: 301-1552.

FOTÓGRAFO FREE-LANCER para eventos com equipamento próprio 888-7756.

MECÂNICO PRECISA-SE Com experiência e que resolva tudo sozinho 588-2222.

MÉDICO GINECOLOGISTA para ambulatório em Cótia. Entrevistas: 599-9898 com Valéria.

MOLDADOR PARA concreto, com experiência. 301-3514 Marcel. Empresa de Engenharia.

MOTOQUEIRO QUE resida Vila Mariana. Fone 301-1522 Andrea Karla.

OPERADORES TELEMARKETING meio período. Excelente remuneração. Fone: 599-9898 Luciana.

Paulo e Interior. 301-3514.

REVENDEDOR PRODUTOS Cosméticos com excelente aceitação. Marcar entrevista hoje 599-6644.

SECRETÁRIA NOÇÕES de inglês e conhecimentos Word, Lotus, DBase. 588-2222.

TÉCNICO ELETRÔNICO Experiência em No Break e impressoras. Fone 888-7756.

TÉCNICO HARDWARE. Para manutenção de micros e impressoras. F: 999-1880.

TÉCNICO INTERNET. Instalação e manutenção de base provedora. F: 999-1880.

TÉCNICO PRODUÇÃO. Com experiência em produção seriada. F: 599-9898 Luiz.

TRADER. Para indústria açucareira. Excelente salário. Entrevistas F: 699-5333 com Juvenal.

VENDEDORES AUTOS Concessionária em expansão. Excelente remuneração. Fone: 301-4231.

VENDEDORES Concessionária Excelente remuneração. Fone: 588-2222.

Classificado 10 Palavras do Estadão. Por apenas 25 reais, você anuncia o que quiser no melhor classificado do país e no melhor dia da semana: domingo.

É a maneira mais prática, barata e eficiente que existe de anunciar. A gente podia parar por aqui (viu como dá para fazer um bom anúncio com poucas palavras?), mas vale a pena dizer mais algumas coisinhas: por 25 reais, você anuncia o que quiser: automóveis, apartamentos, geladeiras, aulas particulares, animais, telefones... É só fazer um anúncio usando até 10 palavras e escolher um dos cadernos: "Autos & Acessórios", "Negócios e Oportunidades"*, "Imóveis"* ou "Empregos". Para anunciar, ligue para (011) 856-9922 de segunda a quarta-feira, das 8 às 20 horas, ou na quinta-feira, plantão até as 22 horas (quinta é o prazo máximo para o seu anúncio sair no domingo). Se você preferir, procure os Balcões de Anúncios do Estadão (Limão: (011) 857-4611 e 856-2139; Consolação: (011) 255-4055) ou consulte a sua Agência de Classificados.

Não adianta inventar: Classificado tem que ser no Estadão. (011) 856-9922

* O 10 Palavras não é válido para algumas sessões. Ligue e informe-se. Anúncios ampliados

"Este é um dos primeiros discos de soul lisérgico. É básico pela inovação: trouxe versões longas, um funk progressivo. Influenciou todo o dub jamaicano e grupos como Funkadelic"
(Ed Motta, cantor)

HOT BUTTERED SOUL

Isaac Hayes

Com a guitarra de Steve Cropper, o baixo de Donald "Duck" Dunn, a bateria de Al Jackson e o órgão de Booker T. a envelopar as vozes de Otis Redding, Sam & Dave, Eddie Floyd, Rufus e Carla Thomas, o selo Stax conseguiu o impossível: hoje, quando se fala em Memphis Sound, ninguém se lembra do rock'n'roll que nasceu naquela iluminada cidade do Tennessee. Som de Memphis, todo mundo sabe, é o soul clássico que todos os commitments da vida perseguem até hoje.

No fim dos anos 60, no entanto, a coisa estava feia para o pessoal do Stax. Depois de perder Otis Redding e quatro dos Bar-Kays num acidente de avião, o selo foi vendido. Para dar a volta por cima, em 1969, a nova direção decidiu lançar 27 álbuns ao mesmo tempo. Entre eles, estava um do qual ninguém esperava nada: *Hot Buttered Soul*, de Isaac Hayes.

Afinal, o disco tinha apenas quatro faixas, todas longuíssimas, fora do padrão pop: "Walk On By", de Burt Bacharach e Hal David (12 minutos); "Hyperbolicsyllabsesquedalymistic" (9:36), "One Woman" (cinco minutos) e "By The Time I Get To Phoenix", balada de Jimmy Webb com mais de 18 épicos minutos. É bem verdade que Isaac Hayes já tinha dado alegrias à Stax: como tecladista e compositor da casa, fez "Hold On, I'm Coming" e "Soul Man", estouradas por Sam & Dave. Mas seu primeiro disco, *Presenting Isaac Hayes*, não tinha dado em nada.

Reza a lenda que *Hot Buttered Soul* foi gravado durante tempos mortos de estúdio. O fato é que, assim que alguém jogou a agulha sobre os sulcos de "Walk On By", os padrões do pop negro começavam a mudar. A orquestração suntuosa, a guitarra cheia de efeitos, as flautas, os backing femininos, tudo se encaixa de maneira maravilhosa para Isaac cair em cima interpretando, da forma mais sentida, o drama do homem que não consegue nem mais encarar o ex-amor.

Quatro arranjos sofisticados e as interpretações sentidas de Isaac Hayes redefiniram os padrões estéticos da música negra

A segunda faixa, "Hyperbolicsyllabicsesquedalymistic", é uma espécie de jam com o piano improvisando sobre sólida base funk – cortesia dos Bar-Kays. No baixo, brilha James Alexander, o homem que genialmente perdeu o avião da morte de Otis Redding e pôde depois reconstruir os Bar-Kays.

Em "One Woman", balada quase convencional, Isaac emociona encarnando um homem vivendo um conflito calhorda: a mulherzinha que "constrói o meu lar" ou a que "me leva a errar"?

"By The Time I Get To Phoenix" é o caminho das pedras pelo qual seguiram Barry White, Teddy Pendergrass, Marvin Gaye e dezenas de outros. "Eu vou falar de amor agora...", começa Isaac Hayes, com voz de veludo. E sobre amor fala durante quase nove minutos antes de começar a cantar. A espera, juro, é mais do que válida.

Pedro Só

Performance

Lançamento: 69

Produção: Al Bell, Marvell Thomas e Allen Jones (sob supervisão de Al Bell)

Faixas: "Walk On By" • "Hyperbolicsyllabicsesquedalymistic" • "One Woman" • "By The Time I Get To Phoenix". *Hot Buttered Soul* não foi gravado nos estúdios da Stax, na época ocupados com projetos comercialmente mais promissores. Isaac Hayes registrou parte do material em Detroit, no United Sounds Studio, e parte no legendário Ardent Recording Studio de Memphis.

Na parada pop americana, o disco subiu até o oitavo lugar e deu origem a dois compactos de sucesso: "Walk On By" e "By The Time I Get To Phoenix". Dois anos mais tarde, em 71, Isaac Hayes gravaria outro disco histórico, a trilha sonora do filme *Shaft*, mais uma revolução negra na música e maior sucesso comercial de sua carreira. Ironicamente, em 76, com a falência da Stax, Isaac chegou a passar por dificuldades financeiras.

Tão suave que você
pode beber puro.
Diferente de tudo que
você já conhece.

Surpreendente.

MAGNUM STEEL

A Arte de Dominar o Tempo.

Emerson Fittipaldi
Bi-Campeão de F-1
Campeão F-Indy

MAGNUM
Indústria de Relógios Ltda.

FACTU